

revista gueto



número oito

edição trimestral | 2018

OUTUBRO | NOVEMBRO | DEZEMBRO

neida almeida	andréa carvalho	jerome knoxville	mariana lanelli
cláudia b. carlos	isabella luiz	vinicius de almeida	leonardo valente
leandro jardim	michelínny teuschik	luis roberto amabile	
luciana pinsky	priscila brandão	matheus borges	mônica rinaldi
franklin carvalho	eltânia andre	henrique balbi	graziela bruni
diego moraes	fabiane guimarães	mauro paz	santiago nazarian
cinthia kriemler	ricardo novais	diniz gonçalves júnior	
marília miranda lopes	henrique rodrigues	lisa alves	tito leite
bianca garcia	tereza du'zai	marcos vinicius almeida	luis vassallo
diego oliveira dos santos	fabricio marques	marcos siscar	
sara f. costa	yuri pires	luiza nilo nunes	laís araruna de aquino
andri carvão	leandro rodrigues	josé pascoal	silvia simone anspach
ricardo silvestrin	ronaldo cagiano	ramon nunes mello	r.l.almeida

gueto editorial



revista gueto número oito edição trimestral | 2018

OUTUBRO | NOVEMBRO | DEZEMBRO

curadoria editorial

Tito Leite e Marcos Vinícius Almeida

editores da revista e do selo gueto editorial

Rodrigo Novaes de Almeida e Christiane Angelotti



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© revista gueto, 2018

<https://revistagueto.com/>

edição trimestral | número 8

161 páginas | Selo Gueto Editorial © 2018

Fundador e Editor-chefe

Rodrigo Novaes de Almeida

Editora

Christiane Angelotti

Curadoria Editorial

Tito Leite

Marcos Vinícius Almeida

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

[Creative Commons](#)

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

Narcissus | Michelangelo Merisi da Caravaggio (1597-1599)

Sumário

crônica

Neide Almeida | 06
Andréa Carvalho | 08
Jerome Knoxville | 10
Mariana Ianelli | 11

conto

Cláudio B. Carlos | 14
Isabella Luiz | 16
Maurício de Almeida | 18
Leonardo Valente | 19
Leandro Jardim | 23
Micheliny Verunschik | 29
Luís Roberto Amabile | 34
Luciana Pinsky | 37
Priscila Branco | 40
Matheus Borges | 42
Mônica Rinaldi | 46
Franklin Carvalho | 48
Eltânia André | 53
Henrique Balbi | 56
Graziela Brum | 61
Diego Moraes | 64
Fabiane Guimarães | 66
Mauro Paz | 69
Santiago Nazarian | 72
Cynthia Kriemler | 75
Ricardo Novais | 78

poesia

Diniz Gonçalves Júnior | 82
Marília Miranda Lopes | 85
Henrique Rodrigues | 89
Lisa Alves | 91
Jerome Knoxville | 92
Tito Leite | 93
Bianca Garcia | 95
Tereza Du'Zai | 96
Marcos Vinícius Almeida | 97
Luis Vassallo | 98
Diego Oliveira dos Santos | 100
Fabrício Marques | 103
Marcos Siscar | 107
Sara F. Costa | 109
Yuri Pires | 111
Luiza Nilo Nunes | 112
Laís Araruna de Aquino | 114
Mariana Ianelli | 117
Andri Carvão | 122
Leandro Rodrigues | 125
José Pascoal | 129
Sílvia Simone Anspach | 132
Ricardo Silvestrin | 134
Ronaldo Cagiano | 138
Ramon Nunes Mello | 145

tradução

r.l.almeida | 154

entrevista

Laís Araruna de Aquino | 158

crônica



Neide Almeida | Escritora e coordenadora pedagógica
do Museu AfroBrasil.

os livros vermelhos da infância

Jamais esquecerei o dia em que o inesperado tesouro chegou à nossa casa. Entre deslumbrada e incrédula vi surgir, diante dos meus olhos, 16 volumes encadernados de vermelho com letras douradas.

Junto com a enciclopédia a sala ganhou também uma estante: à direita a televisão; à esquerda os livros cuidadosamente dispostos um ao lado do outro, nobres lombadas expostas. No final da elegante fileira, dois volumes com capa creme, detalhes em vermelho e dourado.

Daquele dia em diante nossa vida ganhou novos rituais. Inesperadamente surgiam dúvidas inadiáveis: “quantos são os estados brasileiros?”, “quem foi José do Patrocínio?”, “quais são os sintomas da anemia?” Como saber sem recorrer a um dos imponentes volumes da Barsa?

Então, autorizado pelo pai ou pela mãe, um de nós retirava cerimoniosamente o livro da prateleira, com ares de gente importante, localizava o verbete e lia para os demais, que mal respiravam para não perder nenhuma palavra da enigmática explicação. Olhávamos um para o outro, admirados, mais confusos do que antes. Volume devolvido ao lugar, esquecíamos o vocabulário complicado e voltávamos a brincar no quintal entre bananeiras, goiabeiras, tropeçando no cachorro e assustando as galinhas com nossa gritaria.

Era também uma festa quando alguém batia palmas junto ao portão e pedia para “fazer uma pesquisa”. Novamente um de nós era eleito: identificava o tema, encontrava o livro na estante. O vizinho era convidado a sentar-se à mesa da cozinha, que se transformava em biblioteca. Voltávamos às nossas brincadeiras, sem a costumeira algazarra para não atrapalhar o visitante.

Os rituais se multiplicavam. Entre todos, o meu predileto era o mais profano: aos sábados todos aqueles livros deveriam ser limpos e realinhados na estante. Então, sentava-me ao chão e, enquanto amorosamente tirava a poeira de cada volume, acariciava capas,

descobria texturas, folheava os volumes, lia clandestinamente um trecho aqui, outro ali.

Lembro-me também de longas horas dedicadas a copiar verbetes: folhas e folhas de papel almaço, cobertas de letras dolorosamente traçadas para garantir legibilidade ocupavam horas de meus dias de estudante.

Só muito tempo depois eu soube do esforço feito por meu pai para que nós tivéssemos a Barsa em nossa casa. Luxo que ele prolongou por muitos anos, comprando o “livro do ano” que atualizava a coleção publicada em 1970.

Os anos se passaram, eu e meus irmãos terminamos nossa formação básica e cada um seguiu seu rumo. Minha filha chegou a consultar a enciclopédia, que logo depois foi abandonada e acabou perdendo seu lugar na estante da sala.

Confesso que há muito não me lembrava dessas histórias. Então, surpresa, soube que a Barsa continua viva, convive com o facebook, com o google e a wikipédia. E mais, para minha felicidade e emoção, descobri que desde cedo, sem sequer imaginar, eu já era conduzida por eternos mestres. Imaginem: Antonio Candido, Houaiss, Niemeyer, Milton Santos foram alguns dos intelectuais que recebemos em nossa casa. E como é costume da minha gente, vencida a timidez inicial e as primeiras cerimônias, depois de começadas boas conversas não acabam nunca mais.

Ainda hoje os livros vermelhos da minha infância continuam ocupando o lugar mais nobre de minhas salas internas e, como a criança que fui, continuo fiel aos rituais aprendidos na meninice. Agora mesmo, escrevo sob os olhares atentos de uns tantos volumes, que se curvam na pontinha da estante para espiar se não me esqueci deles ao contar essa história.

| crônica do livro *Crônicas memórias* (no prelo). |

Andréa Carvalho | Formada pela UFRJ em Letras, professora e escritora. Foi uma das selecionadas para o Dia do Autor Independente na FLIP 2018 com *50 Dias Letivos*, livro de crônicas baseadas na sua experiência como professora nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

parece que foi ontem

Maquiada, de calça legging marrom, sandália estilo gladiador dourada, blusa com estampa de oncinha e bolsa reproduzindo a pele de zebra, ela se apresentava super fashion numa pele com mais de 70 anos. Antes de dizer qualquer palavra, apenas um detalhe fazia com que um olhar mais cuidadoso duvidasse de que seria só mais uma senhorinha vaidosa de Copacabana, um pentinho de plástico quase escorregando do alto da cabeça, parecendo que havia pernoitado ali e permanecia perdido naquele emaranhado de cabelo fino tingido de vermelho.

No diálogo meio confuso com a secretária do consultório dentário, ora se referia à forma como pagaria o tratamento, ora comentava sobre o que passava na TV, ou melhor, sobre o que ela entendeu que estava passando. Na tela eram imagens de bares, e alguém entrevistando pessoas que faziam refeições. O som estava baixo, não se ouvia exatamente do que se tratava.

— Filha, você escreveu aí que vou pagar em três vezes no dinheiro vivo?

— Está aqui, senhora, coloquei 3x.

— Não, eu quero que você escreva que é em três vezes, escrevendo, sabe? Para eu não esquecer depois. Esse “três xis” aí não dá pra ver... e essa coisa de dar gorjeta virou mesmo lei, é?

— Não sei, senhora. Vou marcar então a próxima consulta para segunda-feira às 11h, tudo bem?

— 11h é muito tarde! Não pode ser às 9, é que eu acordo cedo...gosto resolver tudo logo, sabe...

— O dentista mora longe e o trânsito na segunda é dos piores... 10:30h não está bom?

— Ele está muito dorminhoco, o que é isso! Já é pai de família! Dois filhos! Marque às 10h. E, olha... se eu precisar de ajuda para

voltar, você pode me acompanhar até em casa? Eu moro na outra quadra, na esquina com o Banco do Brasil... é que às vezes me perco... minha cabeça não anda boa, também, vou fazer 82, garota...

— Tudo bem, Dona Henriqueta. Segunda, 10h. Tá marcado.

Estendendo uma nota de dez reais para a secretária, ela diz:

— Não dou gorjeta quando não gosto do atendimento... mas aqui eu faço questão.

— Imagina, senhora. Só estou fazendo o meu trabalho.

Sem graça, a moça a acompanha até a porta, apressada em se livrar do embarço.

Chegou a minha vez. Não resisti em comentar o quanto achei perigoso aquela idosa estar andando sozinha por aí, não me parecia muito segura.

O dentista, um rapaz com não mais de 30 anos, nem perto de ser pai de família ou de filhos, relatou como Dona Henriqueta tornou-se sua paciente especial: na certeza de encontrar o dentista com quem se tratava há uns vinte anos atrás, ela entrou no consultório, sem hora marcada, procurando pelo Dr. Feliciano para concluir um procedimento dentário. Decepcionada com a ausência do amigo e perplexa com a mudança no local, disse que sentia muito pela suposta morte do doutor, mas confiaria no dom herdado pelo filho — no caso ele, Dr. Leonardo, filho de João, que nunca teve notícias de nenhum dentista chamado Feliciano naquele local — e retomaria o tratamento com muito gosto porque achou o jovem parecidíssimo com o pai.

E disse mais, especialmente naquele dia, ao término da consulta, ela lamentou até as lágrimas não ter se despedido de Feliciano, lastimou a rapidez com que o tempo passa e reforçou, depois de um caloroso abraço, não só a semelhança física, mas a gentileza e o carinho com que ambos sabem tratar seus pacientes.

Jerome Knoxville | Antipoeta e editor do gueto.

um deus marginal da Trácia

Dionísio era um deus marginal da Trácia que arrastava uma multidão apaixonada. Dois dias de bebedeira e dança, um frenesi de esquecimento e abandono. Comemorava-se o seu desmembramento. Eram tempos primitivos. Naquela época, os homens ainda faziam guerras e muita gente morria de fome. Contudo, já sabiam festejar.

Acontecia assim: bebiam o sangue de um bode ou touro (ou, dependendo da animação, de um homem mesmo) e comiam sua carne. Faziam a vítima em pedaços ainda viva. Era chamada de *sagrada comunhão* e acreditava-se que o próprio deus penetraria naquele corpo e se uniria à sua alma. Na comunhão, faziam-se eles próprios deuses. Tudo isso ocorria durante as famosas bacanais.

Tal fora a disseminação desses rituais, também conhecidos como *orgias dionisíacas*, que os sacerdotes de Delfos e os governantes de Atenas se viram obrigados a adotar Dionísio no sagrado Olimpo, embora tenham se desdobrado para atenuar as coisas, trocando o frenesi do vinho por procissões ordeiras acompanhadas por cantorias.

Mais tarde, o herdeiro de Dionísio seria nada menos do que o próprio Cristo.

Mariana lanelli | Nascida em São Paulo em 1979, estreou na literatura em 1999. É autora de oito livros de poesia, entre eles *Fazer silêncio* (2005), *O amor e depois* (2012) e *Tempo de voltar* (2016). Recebeu o prêmio Fundação Bunge de Literatura (antigo Moinho Santista) na categoria Juventude, menção honrosa no prêmio Casa de las Américas (Cuba) e foi quatro vezes finalista do Jabuti. Tem dois livros de crônicas, *Breves anotações sobre um tigre* (2013) e *Entre imagens para guardar* (2017). Escreve quinzenalmente aos sábados na revista digital de crônicas Rubem. Em 2018 estreou na literatura infantil com o livro *Bichos da noite*.

carta de novembro

Não leve a mal o silêncio, meu amigo. São horas de equilíbrio instável até chegar a uma trilha arborizada, depois mais algumas horas até poder pensar uma palavra. E assim vão as semanas. Passando um tempo imenso sem registro. Um tempo imenso livre de ser registrado. Nenhuma peripécia aparente. Nada de prazeres transatlânticos. É só um café depois do almoço. Uma hora a mais de sono de vez em quando. Um banho morno. Um chá à noite. Prazeres inversamente proporcionais a seu nível de extravagância, mas como fossem graças, pequenas graças. Uma cópula aérea de borboletas. Seis hibiscos abertos mais três brotos. Um reflexo de fogo no vidro do apartamento em frente. Coisa pouca, para cuidar que os ecos do mundo não quebrem uma alma através dessas janelas para os muitos cantos da Terra com seus meninos cobertos de cinzas, como tatus enfiados em abrigos, retirados de escombros, meninos salvos de bombardeios, meninos em botes apinhados de gente em pânico, bichos enlouquecendo em cativeiros, essas imagens do dia que entram por nossos olhos e depositam seus ovos aqui dentro. Então o silêncio. Então um tempo imenso sem registro, mas de íntimas batalhas. Para colher do mundo um mundo que mereça uma criança. Como aquela mulher que caminhava debaixo de chuva, com bolhas nos pés, em tempos de guerra, procurando um ramo de rosas para trazer para casa. Como o passarinho que vai preparando seu ninho contra o vento com

centenas de minúsculos gravetos: ainda cuidar de fazer dentro de um dia uma cama de pequenas graças. Não são as palavras que custam a ganhar forma, custa é colocar alento nelas. Não leve a mal, meu amigo. Uma palavra demora um milagre a nascer.

| crônica do livro *Entre imagens para guardar* (Ed. ardotempo, 2017). |

conto

0

Cláudio B. Carlos | É poeta e prosador, nascido em 22 de janeiro de 1971, em São Sepé, RS.

as tias velhas, os primos rudes

Todos ali ao redor da mesa grande, feita da emenda de três ou quatro pequenas: as tias velhas e os primos rudes que havia tempos não via. As tias velhas com os resmungos lá delas e os primos rudes com os assuntos sobre cachorros, cavalos e exército, bailes, brigas e mulheres. As tias velhas envolvidas com rabugices. Os primos rudes com a rudeza da comilança: feijões, carnes e batatas. A dança das cervejas num eterno abrir de garrafas. Os cuscos, sob a improvisada mesa, rosnando na disputa pelos ossos pelados que os rudes primos, para total contrariedade das velhas tias, jogavam ao chão. As conversas lá deles em palavras atiradas à mesa, calando na madeira encarquilhada, com suas ranhuras disfarçadas pela tinta verde carregada: pintura das velhas. O assunto lá deles em palavras fáceis e não-pensadas, jogadas ao léu. Conversa lá deles, coisas lá deles que me entravam num ouvido e me saíam no outro. A revoltante dança das comidas nas bocas abertas ao comer, nas bocas cheias ao falar. O comprido dia que não passava, com seu interminável almoço: domingo. Na cabeceira, o velho Albano olhava a todos, que nem o notavam — seria seu último almoço no seio do que restava daquilo que por convenção ou comodismo, chamávamos família. Eu, que por outros e óbvios motivos também não era notado, percebi que ele se despedia: olhava com vagar e olhos úmidos um a um, enquanto todos se preocupavam em destrinchar as carnes, pelar os espetos, secar as garrafas... Depois, à tarde, os rudes primos, ou pelo menos a maioria deles, iria se entregar à rudeza do futebol lá deles, na várzea lá deles, e as velhas se entregariam a fuxicos — não de roupas — do viver alheio, e ao tricô. Tricotavam também o viver do próximo, mas aí, só se o próximo estivesse longe... Ah, as tias velhas! O que dizer das tias velhas? Ainda agora fechei os olhos e tudo o que me veio das velhas foi o falar dos outros, o tricô e um cheiro enjoativo de talco. Ah, os primos rudes! O que dizer dos primos rudes? Fechando os olhos o que vem são as peladas no campinho de terra vermelha — naquele tempo, tempo lá da nossa infância, não percebia os maus modos que hoje me saltam aos olhos.

Minha presença naqueles almoços foi se escasseando cada vez mais até que... não mais apareci. E ficou por isso mesmo. O velho Albano olhava a todos, que nem o notavam — morreria dois dias depois daquele churrasco de domingo. Ele não percebeu que eu notei a despedida silenciosa. A morte do velho e a vidinha lá dos outros. Tudo ao mesmo tempo. Tudo se misturando ali na mesma mesa enjambrada, pintada com sobras de tinta esmalte. As tias velhas pintavam tudo o que desse na telha lá delas com o que sobrava da pintura anual das casas: mesas, cadeiras, cristaleiras, tudo. Da mesma cor das paredes. Terça-feira no final da tarde foi-se o velho Albano. Na quarta, no enterro, chovia chuva fina fininha que entranhava nos ponchos e nos chapéus, umedecia bombachas e lustrava botas. As tias choravam copiosamente com outras velhas conhecidas, e os primos, com outros rudes conhecidos, planejavam caçadas e jogos de bola e bocha em meio à pilhéria mal e porcamente disfarçada. Era início de julho e o vento no alto do campo-santo zunia-me nas orelhas. Quando baixaram o esquife joguei uma rosa branca pro velho, e como ele fez no domingo, em silêncio me despedi.

Isabella Luiz | Roteirista, escritora e ilustradora. Fotógrafa e mistura tudo com poesia. Conheça mais do trabalho em trabalho: <https://medium.com/@isabellaluiz>

rastros e poeira

A madrugada na casa dele era silenciosa, na minha a geladeira e o ventilador competiam para ver quem fazia mais barulho. Até a bagunça dele parecia mais organizada que meu quarto quando está arrumado.

Prateleiras sem pó, sapatos na sapateira, camisas bem dobradas, palavras bem colocadas, carinhos impecavelmente guardados. “Será que ele troca a roupa de cama quando eu saio?”. Acho que até entendo o modo de agir do rapaz, vai ver ele não quisesse se apegar ao cheiro ou à lembrança que ele trás consigo. E comecei a conferir se não havia deixado cair nenhum fio de cabelo. Nessa paranoia acabei encontrando um e já ia dar cabo dele.

— O que é que você tá fazendo?

— Nada.

Ele me pegou com a mão para fora da janela. Dizem que a lua influencia a mulher, nunca parei para ler sobre. A sombra que projetei nele me fez lembrar de outro rosto e não contive as lágrimas. Fiquei de costas e fingi observar a lua cheia enquanto me enxugava. Me surpreendeu com um abraço, afagou minhas costas e beijou a nuca. Quem sabe ele lembrou do rosto de outra pessoa também? Sábados de madrugada parecem eternos, ele andava nu pelo apartamento sem vergonha alguma, eu me cobria aqui e acolá, até que ele puxou o lençol e me olhou demoradamente. Era como se eu fosse um enfeite novo naquele espaço.

— Deixa eu me cobrir.

— Me diga o motivo.

— Tenho vergonha.

— Te acho linda, um dia te desenho e emolduro.

Cheirou meu cabelo, enrolou nos dedos e me puxou pra ele. Durante o beijo abri os olhos, dei de cara com os dele. Não era estranho a forma que fazíamos, não havia estranhamentos, só uma assustadora intimidade que cresceu como erva daninha em um terreno abandonado. Trocamos segredos também por palavras. Mas

pra mim não passaria disso e para ele também. A honestidade bruta era o que mais gostava, depois do sexo.

— Seus olhos estão vermelhos.

— Sou alérgica à poeira.

Dúvidas tiradas: levantou-se para pegar algo e limpar a cabeceira da cama. Assoei o nariz na fronha do travesseiro, bati os sapatos e deixei um fio escondido debaixo do lençol de elástico. Se não for pra deixar um pouco de mim onde passo me recuso a permanecer.

Saí enquanto ele procurava um pano úmido, eu completamente seca.

Maurício de Almeida | Autor de *Beijando Dentes* (Editora Record, 2008), vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2007 na categoria contos, e do romance *A Instrução da Noite* (Editora Rocco, 2016), vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura 2017.

trecho do romance 'A Instrução da Noite'

Muitas coisas brotam do vazio, Teresa, a surpresa de uma culpa, a vergonha de um vício, o erro que se traça em desvios e desníveis sem que percebamos e nos toma de assalto, um rodo de asas. Eu vagava lento naquela avenida certo de estar perto do alívio que era a casa, mas, antes de finalmente encontrá-la, uma espécie de consciência que brota sem porquê me tomou num susto e puxei o freio de mão. O carro parado resfolegava sob a chuva na medida em que eu era inundado pelo constrangimento de recorrer a subterfúgios, desculpas que se querem justificativas à fraqueza de procurar no passado um refúgio absurdo ao absurdo que é minha vida.

O cigarro infernizava a ansiedade dos meus dedos no volante e, ao tempo em que me propunha razões e media consequências na esperança de domar esse sentimento, um carro surgiu sem cerimônias, devassou minhas inseguranças e sumiu, não sem antes expor o ridículo daquela situação à qual eu reincidia. Com a guarda baixa, meu corpo sem jeito no banco, o cinto de segurança apertando meu peito e o cigarro trancando a boca num ranço de nicotina, fiquei acuado pela violência da chuva e o trepidar constante do carro reprovando meu vacilo: eu estava envergonhado por ter sido flagrado no indecoro de não aceitar as coisas como são.

Cinthia Kriemler lê *A instrução da Noite*, romance de Maurício de Almeida (Editora Rocco, 2016), no link: http://bit.ly/audio_noite

Leonardo Valente | Escritor, jornalista e professor universitário, diretor do Instituto de Relações Internacionais e Defesa da UFRJ. Em ficção, tem um romance publicado, *Charlotte Tábua Rasa* (2016), e o livro de contos *Apoteose* (Editora Mondrongo, 2018), obra finalista do Prêmio Sesc de Literatura 2018. Entre seus originais inéditos destacam-se *A procissão*, vencedor do Prêmio José de Alencar 2017, e *O beijo da Pombagira*, romance finalista do Prêmio Rio de Literatura 2016. O conto “Criogenia do inconsciente ou manifesto pelos prazeres perdidos” é adaptação de um original de romance de mesmo nome.

criogenia do inconsciente ou manifesto pelos prazeres perdidos

e pílogo fora de lugar

encontro-me finalmente seca e gélida como folha de árvore caduca em inverno de neve, e é seco pela frieza que vivo em plenitude, na abundância do que tenho de melhor. sou realmente feliz e farta nos momentos de aridez da alma, na temporada de desidratação da hipocrisia romântica; sou tranquilidade e transbordamento de mim mesmo nos preciosos períodos de desamor; neles sou arisca, maldoso e ardilosa, e vejo o que o idiota nunca viu ou fingiu não ver. é no desamor e no desgosto pela existência que consigo tornar-me escritor. oxalá que todo amor me torne seca. onde quer que eu esteja.

* * *

começo

aqui sou noite constante. penduro-me em um cabide no fundo de um armário e tranco a porta. uma vez longe de mim, consigo sentar-me e escrever sobre o que não sou. e ao escrever sobre o que nunca fui, faço-me entender em essência.

* * *

recomeço

na verdade, sou inveja. acabo de ver na TV alguém que admiro e não suportei. perdi o sono, levantei-me com enxaqueca e com a disposição de ser melhor do que ele. melhor em quê? não sei. em tudo, talvez. apenas preciso ser. tenho uma receita ótima que sempre me faz dormir quando pressinto a insônia provocada pela inveja ou pela raiva que também me consome de tempos em tempos. respiro fundo por alguns instantes e começo um sonho artificial, desses que se roteiriza acordado. imagino-me no centro das atenções, no mais genuíno e superior caso de sucesso, a grande irradiadora de admiração para todos os que um dia passaram por mim, ainda que rapidamente. o script é o mesmo por alguns dias, enquanto funciona. mudo por outro igualmente narcísico e grandiloquente em sua simplicidade quando o anterior perde o efeito. não vou revelar detalhes sobre esses sonhos, tenho para mim que se contá-los, tudo o que imaginei não vai acontecer. “nunca conte nada do que você está planejando a ninguém”, sempre recomendou minha mãe. herança de família a ideia de que são os planos silenciosos que verdadeiramente se concretizam. não vou revelar pois preciso da esperança de que aconteçam, se não para viver ao menos para dormir. adormeço quase sempre nos primeiros minutos da história, por isso não costumo ter um fim para elas, apenas introduções. meus desejos nada são além de começos. mas hoje, ao ver este conhecido na TV programada para desligar sozinha — não esperava encontrá-lo, queria apenas dormir com o barulho de um programa de auditório —, nada consegui imaginar, mesmo deitado na cama e virada para a parede descascada de meu quarto, fisicamente apto ao processo de roteirização. por isso estou aqui, sonolenta e insone, para tentar encher essas páginas do mais puro ufanismo pessoal disfarçado de desabafo e, enfim, dormir vazio de mim.

* * *

identifico-me

perdão pela indelicadeza de até o momento não me apresentar. sou D. creio tratar-se de informação suficiente diante do que vomito e que é infinitamente mais importante que minha

identificação social ou o que exerço no trabalho. faça-me conhecer de fato nas horas vagas em que estou só, no resto sou apenas porta-estandarte do que não é meu. aqui, sou o que escrevo e o que transborda. e basta.

* * *

revelo-me

Tolstói escreveu Anna Kariênina a partir da tragédia de um vizinho. Bíbikov tinha como amante uma mulher cujo primeiro nome deu origem à protagonista. passados alguns anos, Bíbikov a abandonou, trocando-a pela educadora de seus filhos, com quem desejou se casar. Anna, em desespero, recolheu alguns pertences, vagou pelo campo durante três dias, até que se jogou debaixo de um trem. antes, contudo, redigiu um bilhete para Bíbikov: “você é meu assassino. seja feliz, se um assassino puder ser feliz. pode vir ver meu cadáver nos trilhos da estação de lássenki, se quiser”. ao conhecer a história, perguntei-me em pensamento: seria capaz de jogar-me na frente de um trem por ter sido traída? a resposta aflorou rápido, sem margem para dúvida: não. mas seria capaz de jogar com prazer quem me traiu ou me rejeitou na frente deste trem. este sou eu em epiderme.

* * *

desnudo-me

uma locomotiva todos os dias estraçalha-me em vários pedaços, converte-me em uma pasta de carne, osso e sangue espremida entre a terra infértil e os dormentes. na maior parte das vezes à noite, mas acontece também pela manhã. sou recolhida cuidadosamente por mim mesmo com uma pá, depositada em um cesto e levado para casa. sempre sobra um resto entre os dormentes. invariavelmente, adormeço desfigurada para acordar recomposto, nunca igual ao que fui no dia anterior, para ser atropelada novamente. e reconheço: nunca joguei ninguém na frente de um trem. gosto de cozinhar porque observo nos alimentos as metamorfoses químicas e físicas impostas pelas forças extremas: o

frio e o calor. minha metamorfose, contudo, acontece pela potência da locomotiva, trata-se da mais pura e genuína força mecânica, igualmente imposta, inescapável. cozinhar é o ato perfeito de transubstanciação, a arte mais legítima em prol da vida. já fiz muitos pratos elogiados para os amigos, mas hoje não mais. afastei-me deles por causa de meus amores. afastei-me deles por minha causa. conversei com esses não mais tão amigos de vez em quando, curtimos uma ou outra coisa nas redes sociais, mas nunca mais comemos juntos. e se não comemos reunidos é porque nossos laços não são mais os mesmos. o afeto vive ao redor das mesas, tanto que é delas que queremos afastar rapidamente aqueles que não mais convém ou que decepcionaram. as mesas revelam mais intimidades do que as camas. um estranho pode conhecer a textura dos lençóis e a densidade da mola de meu colchão com apenas minutos de convivência, mas jamais sentará em minha mesa sem antes tonar-se um alvo de meus afetos, um significante com vários significados em meus relacionamentos, e isso, o que na verdade mais queria e procurava, leva tempo. aquele conhecido que vi na TV e que ainda não me deixou roteirizar para dormir deitou-se várias vezes em minha cama, mas, convidado, recusou sentar-se à minha mesa. atropelou-me como uma locomotiva fora de hora, e graças a ele tenho cacos que jamais foram recolhidos e que deveriam estar colados a mim. dedico a meu Bibikov tudo o que por ele perdi, todos os prazeres dos quais esqueci, o congelamento de mim mesma, uma panela enorme de arroz basmati e uma travessa de escondidinho de bacalhau feitos para dois e jogados no lixo semana passada, e a imensa felicidade mórbida de a partir de agora não ser mais eu para tornar-me somente e tão somente escrita, por vingança, por raiva e por inveja, por desejo de ser registro de culpa e denúncia em tintas, letras e estórias por tempo indeterminado, por querer ser sua Anna Kariênina. agora, sim, tenho certeza de que vou adormecer. e duvido que ele volte a aparecer na TV.

Leandro Jardim | Escritor de poesia, prosa e letra de canção. Seus livros mais recentes são *A angústia da relevância* (romance, 2016), *Peomas* (poesia, 2014) e *Rubores* (contos, 2012), todos pela Editora Oito e Meio. Em parceria musical com Rafael Gryner, lançou os EP's *O sonhador* (2014) e *Sementes musicais para um mundo cibernético* (2011). Também escreveu canções com parceiros como Diogo Cadaval (banda Mocambo), Clara Valente e Matheus VK. Possui contos e poemas publicados em diversas antologias revistas e literárias.

professoral

*Se eu assumir a mediocridade, o que é
Que restará de mim senão a providência?*

Sempre ouvi críticas por meu tom professoral. Ainda assim, convidam-me todo ano. Às vezes, fico a divagar sobre os motivos disso. E concluo que a insistência em meu nome só pode ser consequência da minha paixão pela ficção, esta que eu tão idiossincriticamente demonstro pelo meu ofício. Embora nunca tenha sido formulado com tal palavra, paixão. Nem mesmo eu a usaria, notem, soa piegas, sentimental. Mas, preciso reconhecer, talvez paixão seja mesmo a expressão que melhor define aquilo que importa, que mobiliza, que faz o outro achar graça de nós, que deixa a minha sala de aula cheia e me traz a eventos acadêmicos como este à nossa volta. A curiosa paixão pela ficção. Afinal, eu realmente não tenho outras grandes qualidades. Leio menos do que os meus colegas deste portentoso Centro de Estudos de Língua e Literatura Castelhana, não sou tão erudito quanto eles, e minhas publicações nunca repercutiram em polêmicas no *La Nación*.

Na presente ocasião, portanto, peço licença para narrar um enredo por trás da minha participação. Um segredo recente e que revelo hoje, quase uma charada. Refiro-me a Josefina. É a história de como cheguei até ela, e também uma possível história sobre como cheguei até aqui. Josefina, devo dizer, é a assistente da organização. Também auxiliar da curadoria, ou primeira secretária, ou produtora, e que por pouco não foi escolhida como apresentadora também.

Digamos, a alma da presente edição do nosso querido e anual Simpósio de Literatura e Pensamento da Universidade Nacional de Assunção. E não será à toa que se chama Josefina. Acreditem, hoje estou aqui por causa dela, pelas portas que abre.

Parêntese 1 [A fala de abertura teria sido feita pelo emérito professor Raúl Amaral, que cancelou na véspera alegando não passar bem devido a um pequeno acidente doméstico.]

Tudo começou com o meu inusitado desconforto de, pela primeira vez, não ter sido oficialmente convidado a participar. Seja como mediador, palestrante ou debatedor, não me escalaram para posição nenhuma. Por que será?, me pergunto. Logo eu, pareceu-me injusto. Para quem não me conhece, devo dizer que a tal paixão pela ficção se manifesta, na prática, no jeito bastante particular pelo qual leciono minhas aulas de literatura paraguaia. Eu crio e interpreto personagens com estilos diferentes de oratória para cada tema. Invento variadas nuances de meu tom professoral como uma espécie de estratégia lúdica para adequar a oratória ao conteúdo e aos objetivos da disciplina. Muitos alunos se incomodam, mas a maioria acha graça. Às vezes, mudo até o modo de me vestir. Sou ao mesmo tempo um e muitos professores, mas nenhum deles teria sido convidado esse ano. Tentei encontrar as respostas para isso. Talvez tenham pretendido me deixar de lado por já estarem saturados da minha versão autoconfiante, aquela que destila uma falsa modéstia em falas cuidadosamente humildes e doces. Ou se cansaram também da minha persona que profere discursos contraditórios, em que tudo se resume a uma estética dos paradoxos. Talvez seja porque já não aguentam mais aquele outro, o que gosta de provocar nos ouvintes uma irritação simpática e milimetricamente planejada. É possível, por fim, que estejam enfasiados até da versão mais caricata e débil, na qual exponho fragilidades buscando empatia e proteção. Tudo já muito batido, provavelmente. Concluí, então, que talvez eu precise inventar outra coisa. Uma personagem feminina, quiçá. Alguém com quem interagir. E, sabia, a nossa literatura haveria de me prover inspiração.

Assim, começo narrando o episódio que forja este argumento, o meu argumento, meu único argumento. Será também, portanto, uma confissão e uma declaração de princípios. Eu andava deprimido, as dores do mundo tinham me alcançado, precisava de alguma esperança. É o que justifica o que fiz nas últimas semanas. Arquitetei arditamente uma trama para que me convidassem a participar do evento literário. Não por vaidade, carência ou ciúme, o fiz por Josefina, em quem eu jamais consegui parar de pensar. Josefina, minha paixão e ficção, cuja beleza sutil e intensa é a menor das qualidades. As artimanhas que usei para chegar até ela deram certo, naturalmente. Para o ficcionista, sempre darão. Não à toa figuro hoje aqui. E enquanto descrevo, consigo pressentir os olhares furtivos que, de algum lugar, Josefina dedicaria a mim. Desculpe-me por estar usando seu nome assim, Josefina, mas é vital que a gente se entregue por inteiro se queremos oferecer algo à literatura e ao leitor, você sabe, é uma lição inicial.

Prossigo com a breve história. Conforme o tradicional período de realização do evento ia se aproximando, comecei a estranhar que ninguém tinha me procurado ainda. Está certo que a organização agora estava nas mãos de alunos mais jovens. Deixar tudo para última hora parece ser o estilo de vida dessa geração. Mas há certos limites. Estamos falando do principal encontro de literatura e pensamento de Assunção. Recebemos alunos e professores de todo o Paraguai. Temos uma tradição a zelar. Escrevi para os organizadores. Responderam de maneira simpática, despreocupada e com a proposta de uma reunião para que pudessem mostrar o estágio avançado no qual acreditavam se encontrar.

Quem entrou em minha sala no dia combinado foi Josefina. Sozinha. Disse que seu colega teve problemas de última hora e por isso não viria. Mas ela dava conta, frisou. Não duvidei. Os delicados traços de seu rosto conjugavam beleza, força e assertividade. O vestuário fora meticulosamente escolhido para transparecer despreocupação. Nas primeiras poucas palavras, exibiu ainda um sotaque estranhamente madrilenho. E logo me ensinou que a inteligência pode também falar pelos olhos. Já tinha dado conta antes mesmo de se sentar, pensei, era uma personagem ideal. O

planejamento do evento estava ótimo, também. Mas eles, ou ela, tinham me deixado de fora da programação. Ela, suspeitei.

Parêntese 2 [A vida de Josefina. Nascida em uma área humilde de Loma San Jerónimo, perdeu os pais cedo. Na pré-adolescência, sua avó a enviou para um internato católico. Lá, foi apadrinhada por uma madre superiora, chamada Dora de Artecona, e que nas horas vagas era também poeta. Vivía a sugerir livros para Josefina. Os livros a salvaram, portanto, se me permitem o clichê. O único colorido de seus dias vinha das romanescas histórias e do lirismo de poemas que lia na biblioteca escolar. Sem perceber, decidia ser escritora, enquanto conscientemente elaborava que a sua única alternativa eram os estudos. Ainda não foi minha aluna.]

Mas não vão abordar a importância fundadora da poesia de Campos Cervera? Não repensarão algum romance menos famoso de Roa Bastos esse ano? Fiz tais perguntas, citando os autores que são a minha já notória especialidade, claro, em tom jocoso e protocolar. Na hora, dei a entender que aquilo tudo soava muito repetitivo e, na verdade, eu estava aliviado de poder descansar esse ano. Josefina pareceu ao mesmo tempo satisfeita e irritada. A literatura paraguaia vai muito além disso, disse-me. Já passa da hora de falar mais das autoras mulheres, de hoje e de antes, completou. As mãos esguias e exuberantes eram tão firmes que intimidavam. Foi difícil não ceder ao efeito hipnotizante da cadência com que se moviam à minha frente. Mas, afinal, a autoridade ali era eu, a autoria ali era minha, não me deixei esquecer. Ela então agradeceu, despediu-se, e rumou para a porta. Ao vê-la prestes a me deixar, intuí que eu não podia estar ausente de jeito nenhum. Eu precisava encontrar um jeito de dar sentido à minha paixão. Só me restava, portanto, tramar alguma ficção. O fiz por ela, Josefina.

Não deixei que saísse da minha sala, convidei-a de volta a se sentar. Pedi outras reuniões, exclusivamente com ela, ali mesmo à minha mesa. E daí começou um pouco de intimidade. A estratégia que usei foi escrita de maneira improvisada e parecia estranha até para mim, mas me era ao mesmo tempo apaixonante e irresistível. O que eu queria era primeiro ganhar sua confiança e respeito, só para

entrar no evento. E do palanque, aí sim, eu faria um discurso em seu nome tão memorável que a conquistaria de maneira definitiva.

No entanto, como podem notar, e por razões desinteressantes que não convém abordar agora, meu plano não funcionou desse jeito. E o resultado foi quase o oposto disso. As ficções requerem também o imprevisível. É ele que nos traz aqui. Josefina não cedia às minhas sutis investidas, nem mesmo as notava. Ou fingia não notá-las. O projeto foi perdendo o sentido e, com isso, a falta de inspiração me devolvia ao estado deprimido. Escrevi pouco. Em um dos nossos encontros, ela me mostrou um pequeno texto. Suspeito que tenha percebido que eu estava abatido. É provável que intuisse a origem da minha tristeza na perda de prestígio acadêmico e na impossibilidade de ter minha paixão correspondida por ela. O fracasso que me rodeava era o espelho da minha mediocridade. E quando até a paixão pela ficção parecia arrefecida, ela me ofereceu a poesia. Leio Josefina.

*Descascando a palavra esperança, encontrei polpa de maçã
e caroço de pedra*

*Descascando a palavra amor, achei pele de pêsego
e carne de cinza*

*Descascando a palavra verdade, enchi as mãos
e ao chegar à minha boca, não existia**

Ao final da leitura, alguma coisa aconteceu comigo. E isso é tudo. À minha frente, surgiam duas Josefinas, a do texto e a outra de pé, parada, a me encarar, esperando uma reação. Para mim, dizia da possibilidade de a literatura mais uma vez ser escape e salvação, de novo e de novo. Assim como na história de Josefina, das Josefinas, assim como na minha e na história daquele instante. E nada mais. Talvez estejam se perguntando sobre o porquê de eu estar contado tudo isso. Mas a ficção não requer uma moral da história. A moral é a história. Assim como em poesia, onde a forma é o conteúdo, e vice-versa. Quero também pedir desculpas pela extensão, e dizer que espero ter sido capaz apenas de distrair um pouco essa plateia tão atenta. É na distração que se enxerga o invisível. Já terá valido o meu esforço. Numa próxima ocasião, eu até posso voltar a tratar também

de Roa Bastos ou Campos Cervera, especialmente para os que frequentam minhas aulas de história da literatura paraguaia. Mas por hoje, tenhamos os olhares centrados em nossa homenageada, Josefina. E que fique também a ideia de que todos nós haveremos de conceber, naturalmente, cada um, uma Josefina distinta. Quando a lemos, a criamos. Afinal, diria o professor, o outro é sempre um personagem composto pelo filtro ficcional do nosso olhar. Eu mesmo, por exemplo, descascando a palavra olhar, encontrei caneta e pensamento. Foi um presente de Josefina.

E com isso gostaria de encerrar a fala inaugural. Ouçamos agora os outros convidados, que certamente terão mais a dizer sobre as Josefinas lidas e vividas de cada um. Muito obrigado.

Parêntese 3 [Os versos da epígrafe são de autoria de Madre Dora de Artecona e também constavam em meio aos papéis que Josefina me entregou.]

** Versos do poema “Pelando la palabra”, de Josefina Plá (1903-1999), poeta, ficcionista e ensaísta paraguaia. Ao longo da vida, Josefina Plá ganhou muitos prêmios tanto pela literatura quanto pela defesa dos direitos humanos e igualdade de gêneros. Teve grande influência nas gerações seguintes.*

| conto da coletânea *Nosotros: 20 contos latino-americanos* (Editora Oito e Meio, 2018). |

Micheline Verunschik | Autora de *Geografia Íntima do Deserto* (Landy 2003), *O Observador e o Nada* (Edições Bagaço, 2003), *A Cartografia da Noite* (Lumme Editor, 2010) e *b de bruxa* (Mariposa Cartonera, 2014). Finalista, em 2004, do prêmio Portugal Telecom com o livro *Geografia Íntima do Deserto*. Publicou em 2014 seu primeiro romance, *Nossa Teresa — vida e morte de uma santa suicida* (Editora Patuá, com patrocínio do Programa Petrobras Cultural), vencedor do Prêmio São Paulo de 2015; *Aqui, no coração do inferno* (Editora Patuá, 2016) e *O peso do coração de um homem* (Editora Patuá, 2017). É doutora em Comunicação e Semiótica e mestre em Literatura e Crítica Literária, ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Prepara, entre outros projetos literários, sua poesia reunida.

uma mulher direita

Seu pai não mora com vocês? Ela não lembrava de ter perguntado isso à amiga, mas certamente perguntou, porque uma narrativa sobre o homem misterioso e pouco presente se assentou em sua memória: O pai da amiga trabalhava muito e fora da cidade, tinha pouco tempo para estar com as filhas e a mulher, por isso vinha de tempos em tempos apenas. Os pais da amiga se trancavam em casa nessas ocasiões e as filhas brincavam o dia inteiro na rua, supervisionadas por uma prima mais velha, que cuidava delas. Seu pai trabalha em quê? Ela achava que fizera essa pergunta um dia, mas não teria obtido resposta, pois não havia qualquer resquício de lembrança a esse respeito. A rua era pouco movimentada naquela época, as crianças de bicicleta, jogando bola, correndo atrás umas das outras, essas ocupações de crianças duas ou três décadas antes, quando, dizem hoje, o mundo era melhor, sem essas violências.

A mãe da amiga era enfermeira, ela a vira algumas vezes na Casa de Saúde, a saia branca de tergal, prática porque não amassa, ela lembrava bem de um desses anúncios da TV, a blusa branca de botões, e um chapeuzinho que parecia feito de dobradura, um bibico, diziam, que lhe davam um ar autoritário. Era uma mulher magra, alta

e muito branca, os cabelos pretos, e um pouco abaixo do queixo, levemente ondulados. O nariz fino, o queixo pontiagudo e dois olhinhos sagazes e severos. Parecia estrangeira, e de certo modo era, se não estrangeira, mas uma forasteira. Conhecera essa palavra ao vê-la pintada de verde numa pedra na entrada da cidade: Não gostamos de forasteiros! O pai lhe explicara o significado da palavra, mas não conseguira compreender o contexto. Era como se a cidade não tolerasse ninguém que fosse de fora, como se todos dissessem isso a partir daquela pedra. Não gostamos de forasteiros. Era grosseiro, pensava. E quando ouviu alguém, possivelmente a tia, se referir à mãe da amiga como forasteira, pensou que talvez por isso ela fosse sempre tão reclusa, porque ninguém gostava dela ali. Porque quando não estava de plantão, a mulher raramente saía de casa e quando saía, para a feira, a padaria, o mercado, passava, empertigada, o olhar fixo para a frente, como se nada a pudesse distrair. Parece mesmo uma mulher direita, ouviu a vizinha replicar a tia.

A amiga era a mais velha das três irmãs, uma menina muito branca como a mãe, e sardenta. Seu apelido era Bijou, mas desde que a adolescência chegara, preferira não ser chamada mais dessa forma. Algumas coisas mudaram para além do corpo, os primeiros sutiãs se inflando lentamente, o desinteresse geral pelas coisas que até ali haviam sido interessantes, as incursões pelos terrenos baldios em busca de fadas, os piqueniques mal planejados no parque em ruínas, o único da cidade. Suas próprias irmãs menores eram infernais e a amiga, a única com quem poderia contar foi, lentamente, se afastando. Não para ficar como a mãe, reclusa e direita, mas porque mais fulgurantes amizades se desenhavam no horizonte.

Lembrava bem do episódio na escola em que a amiga demarcara seu novo lugar. Nádia era uma menina negra que desde pequena estudava com as duas e a quem no jardim da infância se colou, anos a fio, a fama de piolhenta. Piolhentos todos eram naquela época, se ela bem lembrava, mas coube a Nádia o peso da palavra com a qual a magoavam cotidianamente. Depois de alguns anos tudo fora esquecido, ou melhor, substituído, posto que à aluna nova, Cely, os meninos chamavam de aberração, não que tivesse

qualquer anormalidade, mais alta que a maioria, as espinhas despontando precocemente no rosto. Ela que um dia fora sorteada para ficar num grupo de trabalho com as duas meninas, delas se afeiçoara. Nádia era muito madura, no sentido em que as pessoas que passam por longos sofrimentos o são, e Cely, fútil e avoada, talvez um tanto desprovida de grandes voos de inteligência, era divertida. Nádia e Cely eram, enfim, ótimas companhias.

Era uma tarde quente e estavam ela e a amiga no terraço, deitadas ao chão, escutando música num gravador portátil, quando a amiga apertou o botão stop e, muito séria, fez a exigência: você deve deixar de tanta conversa com a Piolhenta e a Aberração. Não, não era um filme de adolescentes americanos que passava na sessão da tarde, mas uma exigência real e arrogante, uma condição de continuidade para a amizade das duas que, a partir daí, esfriou impressionantemente. Os dias passaram, a mágoa foi dando lugar ao estranhamento, mas ainda voltavam juntas da escola para casa entre alguma conversa e poucos sorrisos. Semanas depois, a amiga chegara se vangloriando de ter o endereço de uma boy band de sucesso. O endereço fora exibido e não compartilhado com ninguém, as meninas da sala desesperadas, prometendo ajuda nas lições, lanches na cantina, o que ela quisesse. A amiga recusara todas as propinas e, meticulosamente, dobrara o papel e dissera, está aqui e ninguém pega. Todas se amedrontaram, exceto ela, que achava aquilo tudo uma grande bobagem. Numa oportunidade, remexeu as coisas da outra e copiou o tal endereço. A amiga logo soube que seu tesouro havia sido devassado e a vingança fora cruel. No meio da sala, na hora do recreio, a acusou de ladra e acrescentou: Quem rouba um endereço, é capaz de roubar tudo. Tenho certeza que é você a ladra da escola. Sim, ela lembrava, há dias que sumiam pequenas coisas das mochilas de uns e de outros. Quinquilharias. Borrachas perfumadas, pincéis da aula de artes, apontadores decorados com estojo, papéis de carta. Era o preço, ela soube depois, por continuar sendo simpática com as meninas malqueridas que, afinal, foram as únicas a se relacionar com ela durante aquele longo ano escolar em que se tornara, ela sim, uma forasteira.

Então via, ao longe, com inveja e mágoa, a antiga amiga florescer entre reluzentes novas amizades, a filha de um médico

sempre paparicada, a sobrinha do prefeito, meninas e garotos que passavam as férias na praia e que certamente tinham piscina em casa. Ela pediu desculpas por ter mexido no papel com o endereço, mas depois da terceira tentativa acabou desistindo, porque era terminantemente ignorada. Nas férias do verão seguinte, quando sofreu um acidente de carro que a fez ficar imobilizada por alguns meses, com uma pesada armadura de gesso em torno do tronco, finalmente conseguiu matar as esperanças de reatar a relação. Nenhum telefonema ou bilhete, e lembrava quantos bilhetes escreviam uma para a outra aos nove anos, nenhum olhar solidário por parte da amiga quando retornou à escola, ainda com um colar cervical, apenas um ou outro sorriso maldoso que julgava flagrar, às vezes. Até então oscilava entre a raiva e a culpa, raiva da reação, que achava desmedida por um tolo sonho de mandar uma carta ou fotografia para os distantes rapazes que reboavam no programa musical da TV, culpa por ter caído naquela esparrela. Depois restou a raiva e, por fim o desprezo.

Quando, mais tarde, depois de um tempo morando fora do país, onde por pouquíssimo tempo se sentiu forasteira, apesar de a língua ter, no início, travado, como as fundações das pontes sobre o rio Usk, as ruínas do castelo, as docas, as ruas sinuosas, os corredores da universidade como labirintos sempre a serem desvendados, retornou à cidade e achou tudo tão diverso e igual, da casa do pai à velha rua, sentiu vontade de rever a amiga e cumprimentá-la, mas a casa dela nem mais existia, e era agora um pequeno prédio cinza de três andares. Quis revê-la não exatamente para exibir o sucesso que a vida a deixara conquistar, menos a notícia que a tia fazia questão de espalhar por todos os lados, a sobrinha morando no estrangeiro, falando inglês em Camelot, mas talvez o fato de que não era mais aquela menina mendigando um olhar.

Quando encontrou um amigo de infância e bêbados atravessaram a cidade cantando músicas daquela época e perguntou por Bijou, e ele lhe contara, então, que a mãe dela envelhecera marcial e empertigada como sempre fora, apesar de sua condição de amante de um homem anos a fio, tomou um susto. Ela, a amiga, e suas irmãs, bastardas. A mãe, a outra. Sua família, família de segunda categoria, o peso que aquilo tinha naquela época, e o segredo que

vazara por uma vizinha que encontrara o homem, o pai, com a família legítima na capital, ele disfarçando o susto de ter sido pego em flagrante. Então sentira verdadeiramente pena da amiga, que morrera uns anos antes, um tiro num assalto desastroso, e lembrou subitamente da última vez em que entrara no seu quarto, as bonecas que o pai lhe trazia todas na caixa, em altas prateleiras, e sobre a penteadeira, a coleção de borrachas perfumadas, apontadores, papéis de carta, pincéis. Quinquilharias.

| conto do livro inédito *Desmoronamentos*, a ser publicado em 2018 pela Editora Nós. |

Luís Roberto Amabile | Professor de Escrita Criativa e Teoria Literária na PUCRS. É autor de *O amor é um lugar estranho* (Grua, 2012, finalista do Prêmio Açorianos) e *O Livro dos cachorros* (Editora Patuá, 2015, vencedor da chamada de publicação do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul). Também colaborou com Luiz Antonio de Assis Brasil em *Escrever ficção*, que a Companhia das Letras lança em 2019.

sobre o não-dito

“Do que você está escrevendo?”

“De um cara.”

“Que cara?”

“Um cara que mata a mulher numa estância hidromineral.”

“Nossa! E como ela morre?”

“Sufocada. Enquanto dormia.”

“É uma noite de chuva?”

“Não. Nos filmes e livros os assassinatos costumam ocorrer em noites de chuva. Cansei disso. Este vai ser num dia de tempo bom. Um dia igual aos outros. Nada de especial. Eles estão no hotel, dormindo. Quer dizer, ela está dormindo. Ele a observa dormir e pensa na vida.”

“E na morte, né. Se ele mata a mulher...”

“É... Claro que ele pensa na morte. Mas acho que mais na vida. Na vida que ele leva.”

“Ele não tem uma boa vida?”

“Sim. Ou não. Depende.”

“Ele está até viajando. Eles estão de férias, não é isso?”

“Sim.”

“Quem quis ir para a estância?”

“Ele. Foi ideia dele.”

“Então.”

“É que depende. Do ponto de vista. Do que você espera.”

“Do que eu espero?”

“Hum...Você, eu. Do que as pessoas esperam.”

“Do que as pessoas esperam uma da outra?”

“Não... Também, mas não só. Esse cara, por exemplo, olha a mulher dormir e se lembra de que alguns anos atrás ele voltava de um fim de semana na praia com os amigos. Passavam por uma daquelas cidades à beira da rodovia. Ele viu uma família atravessando a pista. Um casal e dois filhos. Um menino e uma menina. Todos vermelhos do sol. O cara barrigudo. A mulher também gorda. Os filhos já ficando. Todos gordos e vermelhos, usando as economias para aquelas férias. Um panorama terrível, ele pensou na época.”

“Mas não precisa ser assim. Você pode alugar uma casa mais perto da praia, uma que não precisa atravessar a rodovia. Você pode passar bloqueador solar e evitar o sol do meio-dia. E você pode fazer regime. É mais difícil do que o resto, mas é possível.”

“Sim...Teoricamente é possível. Mas sabe o que é? No fim, mesmo que se faça tudo da melhor maneira possível. Mesmo que se tenha dinheiro para comprar uma super casa numa praia particular; e que se proteja a pele e que seja magro, um dia você acaba numa estância hidromineral com um monte de velinhos.”

“O seu cara não gosta de velinhos?”

“Até que gosta; o problema é que são muitos. Sabe? Velinhos juntos. Sempre. Hotel com diária completa. Sempre sopa de entrada. Os velinhos e suas conversas de doenças. Ele não pode suportar isso.”

“Ele por acaso é um velinho?”

“Não, mas ele percebe isso tudo que te falei.”

“Tá, entendi. Ele tem medo de envelhecer e mata a mulher.”

“É que os velinhos o deixam um pouco deprimido.”

“Bom motivo. O juiz deve aceitar como justificativa.”

“Muito engraçado.”

“Mas é, não é?”

“Pensando bem, acho que ficaria legal finalizar com o cara no tribunal, dando esta explicação sobre a morte da mulher. Adoro quando você me dá ideias.”

“Eu nunca percebo quando estou fazendo isso. Mas disponha. Agora vou dormir. Você vem?”

“Não, vou escrever mais um pouco.”

“Será que é uma boa ideia eu fechar os olhos?”

“Se você está com sono.”

“Com essa chuvinha fica fácil...”

“Então esquenta a cama que daqui a pouco eu vou.”

“Não demora.”

“Só vou terminar a cena da morte.”

“A gente tem de acordar cedo. O banho sulfuroso é às 8h e eu quero tomar café antes.”

“Tá bom.”

“Boa noite. Beijinho.”

“Boa noite.”

Luciana Pinsky | É, originalmente, jornalista, com passagem pela revista *Época* e pelo jornal *Valor Econômico*, entre outras publicações, e se enveredou para a ficção, especialmente para crônicas. Publicou um romance, *Sujeito oculto e demais graças do amor* (Editora Record). Atua, desde 2005, como editora de livros pela Contexto. E mantém seu blogue de textos ficcionais: <http://lucianapinsky.blogspot.com/>

divã

Eu a encontrava nas terças-feiras às seis da manhã. Ela sabia tudo da minha vida: do meu primeiro grito, da minha última fuga, do meu intenso amor, e de tantas e inúmeras falhas tão bem escondidas até então. Também de Luís, claro. Que não era minha vida, mas tinha sido um pouco mais que isso.

Era boa ouvinte e eu uma faladeira de marca maior. Se ela sabia tudo de mim, o oposto não poderia ser mais falso. Aos cacos, depois de meses, uma coisa ou outra eu pegava. Que ela, como eu, sofria de gastrite, mas a dela estava controlada e a minha em plena ação. Que ela, como eu, adorava praia, mas que construiu intimidade foi com montanha. Mas eu nem investigava muito, pois, como bem diz uma amiga, há coisas que é melhor a gente não saber.

Pois por dois anos e nove meses eu ia me revelando e me entendendo. Luís rareava no papo, mas de vez em quando surgia e ela me ajudava a vê-lo sem os óculos de 3D da labirintite. Em uma dada semana, porém, ela pediu para trocar o horário de terça para quinta. E aí...

* * *

Sempre fui fã de Aurora, apesar do medo que por vezes sentia dela. Nessas horas nem queria aparecer, pois temia a mirada daqueles olhos falsamente plácidos. Naquele tempo de antigamente, cheguei a contar para Rosa o conteúdo de algumas sessões e ela reagiu com raiva de Aurora. Imagina... Tudo para não ficar com raiva de mim, creio.

O que eu omitia, disfarçava, procurava não perceber, lá eu contava, explicitava, percebia. Eu que nunca fui de chorar, passei a soluçar. É como diz um amigo: a vida não é fácil. Mas também não precisa ser tão difícil, Aurora. E ela, de certa forma, foi me mostrando que eu não precisava cultivar minhas dores com o mesmo carinho com que cuidava da horta lá de casa. Passei a regar menos as mágoas, as dores, as tragédias.

Depois de uns cinco anos entre idas e vindas, sentia-me finalmente mais leve, mais centrado, quase calmo. O tempo, Aurora, me resta pouco tempo para encontrar a paz. Você, uma antiga hippie, me diga, a paz existe? Foi assim que minha última sessão terminou, sem nem uma lágrima.

Na quinta-feira seguinte cheguei meia hora adiantado, às 7h, pois caminhei em ritmo decidido, raro em mim. Entrei, sentei na sala de espera, pus meus óculos de leitura e concentrei-me naquele livrão que me arrebatava. Mesmo profundamente entregue à leitura, algo me fez levantar o olhar. Havia um jeito muito familiar naquele descer de escada que eu só enxergara com o rabo do olho.

— Fulô? O que você está fazendo aqui?

— Eu que te pergunto, Luís, o que você está fazendo aqui? Eu acabei de sair da minha terapia, ora.

— E eu vou entrar na minha.

— Com a Aurora?

Ai.

Sim, os dois dividiam a terapeuta sem saber. Aurora nunca notara, pois Luís se chamava Luís Paulo e sempre se apresentava pelo segundo nome. Rosa era a única a chamá-lo de Luís “para ser original”, dizia. E ele só a tratava por “Fulô”. Ele, tão pouco dado a apelidos, encasquetou com esse desde... desde sempre talvez. A “Fulô” a quem Luís se referia, tão generosa e calma, em nada parecia com a Rosa ansiosa que Aurora atendia. Já o “Luís” de Rosa, quase sobrenatural, era muito diferente do Paulo absolutamente mundano que toda semana deitava no divã de Aurora.

— Mas o que vamos fazer?

Rosa deu meia volta. Subiram a escada juntos e assim entraram na sala. Revelado o problema, Aurora ficou confusa. Em trinta anos de profissão, nunca nada parecido ocorrera. E agora?

— Nós temos uma sugestão, disse Rosa (a Fulô).

— Já que você nos conhece bem, tanto como sujeito quanto como objeto, queremos ser atendidos juntos, completou Luís (o Paulo).

— Mas...

— Sim, achamos que esse encontro agora, do nada, tem sua razão de ser. Talvez seja isso. Conversaremos sobre aquele momento e entenderemos quem somos, quem fomos, quem seremos.

E assim, Rosa e Paulo (ou Fulô e Luís, se assim você preferir) passaram a se encontrar toda quarta-feira às 6h30 da manhã no divã de Aurora.

Priscila Branco | Escritora de guardanapos. Ainda não descobriu o que é poesia e se encaminha pelas tentativas e erros. Escreve desde que achou um lápis e um papel caídos no chão, lá naquele tempo que chamamos infância. Antes de tudo, porém, é leitora devoradora e estuda Literatura Brasileira no mestrado da UFRJ.

a feira

Embora da feira. a melhor parte de mim. não que gostasse de frutas e legumes variados, sempre fui fã mesmo é de batatas, apesar de não ser vencedora em nada na vida. mas a feira era mais do que isso. até mais que o aipim cozido com margarina que minha mãe, muito docemente, e meu pai, muito euforicamente como sou às vezes hoje em dia, ofereciam às pessoas.

eu acordava às 6 horas da manhã com o barulho das coisas. os caixotes se moviam com raiva do chão. a porta da garagem se abria, como quem espera a semana inteira para beber uma cerveja, a verdadeira sexta-feira santa. um passarinho cantava na árvore do lado, que há muito foi abatida. mesma árvore que minha gata escalava, e mesma árvore também onde jogava uma pedrinha amarrada num barbante para alcançar os galhos. no fundo sempre quis ser gato.

eu parecia um ser insone. num sábado, quem acorda às 6 da manhã sem precisar acordar? eu sentia o cheiro do tempo. não sabia naquela época, mas era ele, era sim, e conversava comigo.

sentada num caixote qualquer, observava as lindas velhinhas que chegavam ali para comprar qualquer coisa, e adorava escutar histórias sem sentido, lembranças disso ou daquilo e o que eu mais gostava era ir na casa delas com meu pai, naquela kombi velha, entregar as compras.

a kombi era tão importante pra mim que uma vez acordei desesperada de um sonho em que estava dirigindo e caía com meu pai e a kombi e tudo dentro de mim no rio ali perto de casa. o mesmo rio em que desovavam corpos, imaginei também toda minha felicidade e nossos corpos sendo desovados.

lá pras 10 horas, pegava minha bicicleta ou montava minha banquinha de troca de revistas da turma da mônica. nada me dava maior leveza e simplicidade do que pedalar pelas ruas amanhecendo. podia sentir o bocejo do dia, eu era um galo solitário descobrindo o mundo.

voltar para casa e sentir o rumor da feira. meus pais sorrindo com uma fruta do conde na mão, descascando um abacaxi, minha mãe tirando os carocinhos da melancia pra eu comer e não criar sementes no estômago. uma preocupação de nascer devagar, de esperar minhas raízes tomarem forma.

depois, o desarrumar das coisas, o desdobramento do tempo no tempo, mesmo com tempestades o ritual era refeito. voltar para o meu quarto e acender velas, pegar nas mãos livros estranhos que me confundiam e já começar a colocar no meu pequeno diário colorido a conversa que eu tinha tido com meu amigo iago, sentada na calçada do lado da feira.

o silêncio do meu corpo inebriado ainda pela manhã que já acabara. o gosto da lembrança muito prodigiosa me abraçava, exatamente como me abraça agora.

era nesse crepúsculo que chorava. sem saber muito bem por quê, com minhas mãos de crianças e meu coração ainda sem enfartos, a feira era já um abismo, e eu andava na corda bamba.

Matheus Borges (Porto Alegre, 1992) | Escritor e roteirista de cinema, formado pelo curso de Realização Audiovisual da Unisinos. Foi aluno de Luiz Antonio de Assis Brasil em sua oficina de criação literária. Seus contos já foram publicados em revistas no Brasil (Sexus, Subversa, Gueto) e no exterior (Waccamaw, Fiction International). *A Colmeia*, seu primeiro longa como roteirista, tem estreia prevista para 2019.

um milhão de fantoches (ou mais)

Observe este boneco, disse o titereiro ao indicar um dos muitos homúnculos de espalhados no palco. Observe este boneco e tente confundi-lo com alguém de carne e osso, talvez um amigo ou familiar. Observe este boneco e tente confundi-lo com um vizinho, até mesmo com seu pai, o homem que você vê quase todos os dias e pensa reconhecer a cor de seus olhos ou a extensão de seus braços. Tente por alguns segundos e você perceberá que essa é uma tarefa impossível. Porque, por mais que você tente, um boneco nunca poderá ser confundido com uma pessoa de carne e osso. Um boneco tem braços e pernas, tem olhos e boca, alguns inclusive têm belos cabelos e barbas compridas, unhas e articulações, covinhas nas bochechas e cicatrizes cirúrgicas. Um boneco, porém, não poderá ser confundido com uma pessoa de carne e osso, pois todos sabemos que um boneco é um boneco, por mais semelhanças que guarde com os seres humanos. Ainda que feito à imagem e semelhança de quem o criou, um boneco é um boneco e nunca será um homem, da mesma maneira que um homem nunca será Deus. Peço a você que pense nisso, disse o titereiro ao segurar as cordas que pendiam da parte mais baixa do auditório, peço que pense nisso por alguns segundos e peço também que considere a possibilidade de confundir a si mesmo com um desses curiosos modelos humanos feitos de tecido e arame, bem como peço, porém, que logo se esqueça de que pedi tudo isso. Afinal de contas, não estou aqui para falar de um boneco, ou fantoche, mas sim de um milhão (ou mais).

Um milhão de fantoches (ou mais), disse o titereiro ao desenrolar as cordas, vistos de longe se comportam como criaturas

vivas. Não têm desejos ou ambições, porém se movimentam e é importante que se movimentem a fim de parecer coisas vivas. Para movimentar um milhão de fantoches ou títeres ou marionetes não é nem preciso que um milhão de bonequeiros se envolvam no processo, disse o titereiro ao estender as cordas sobre o palco, provocando a plateia com seus dedos de mago desempregado. Basta arrecadar uma vultosa quantia de dinheiro e adquirir sofisticado maquinário que emule as articulações dos membros superiores humanos, como se já é sabido que exista nos países desenvolvidos. Disse o titereiro, ao abrir o baú dourado, que é impossível reverter o processo de automatização iniciado ao final do século dezenove e que, disse ele manejando os membros superiores de um boneco caolho, as máquinas são capazes de quase tudo e muito em breve serão capazes de tudo, absolutamente, inclusive do pouco que não conseguem executar nos dias de hoje. Algumas máquinas hospitalares já respiram por nós, disse o titereiro ao abrir as costas do boneco caolho, já se movimentam e tomam decisões baseadas em uma série de complexas simulações.

Um milhão de fantoches (ou mais), disse o titereiro ao encaixar a primeira corda no boneco caolho, movimentados por maquinário oculto, podem ser vistos como uma multidão de carne e osso, especialmente se vistos de longe, como, por exemplo, através das lentes de uma câmera televisiva afixada num helicóptero que paira a duzentos metros do chão. Disse o titereiro que este ângulo em especial, chamado de plongée, é o mais eficaz para que a ilusão seja fabricada com êxito. Isso porque a câmera televisiva não conseguiria captar o maquinário oculto sob as vestes dos bonecos, digamos que longas batas amarelas, vistosas e reluzentes, que cintilam a cada movimento das engrenagens. Para que tais títeres sejam vistos como uma multidão de carne e osso, disse o titereiro ao colocar o boneco sobre a tampa fechada do baú dourado, é preciso que se estabeleça as condições necessárias para que exista verossimilhança no fato de um milhão de pessoas (ou mais) se movimentarem nas ruas, vestidas com longas batas amarelas. Assim que as batas estejam justificadas, estará justificada a procissão e a ilusão poderá ser considerada um sucesso. Assim sendo, é importante também que o titereiro estabeleça uma narrativa prévia. Basta que pareçam reais a fim de se

tornarem reais, pois não estamos tratando aqui de indivíduos dotados de características complexas, mas de uma massa sem rosto que se move numa única direção.

Imagine porém, disse o titereiro com suas longas mãos controlando pandorgas invisíveis, que um observador externo se disponha a um exame minucioso da procissão de um milhão (ou mais) de fantoches ou coisas, indivíduos para todos os efeitos, gente letárgica ou eufórica, marchando em compasso sincrônico, o ritmo das máquinas ocultas que dominam o espaço público. Imaginem que esse observador externo se aproxima e descobre ao menos um indício da existência do maquinário. Um titereiro experiente, como eu, como todos vocês, um dia espero, não se deixará abater por esse ínfimo deslize. Basta que recuperemos a narrativa prévia oferecida como justificativa à procissão de um milhão de fantoches (ou mais), a procissão de indivíduos. Ao recuperar essas informações, explicou o titereiro ao sentar no baú dourado ao lado do boneco caolho, os indivíduos de carne e osso que nunca marcharam na procissão fabricada, mas que, ao observá-la através das câmeras televisivas em plongée a duzentos metros do chão, sentiram-se representados por toda aquela gente, sejam títeres ou não, pois bem, disse o titereiro ao cruzar as pernas, essas pessoas se tornam extensões de nossos bonecos e defenderão suas existências custe o que custar. Vejam bem que a partir daqui os títeres deixam de ser títeres e se transformam em avatares das pessoas de carne e osso contaminadas pela narrativa prévia.

O titereiro novamente se ergueu e soltou um pigarro, gesto espontâneo que serviu como primeiro indício de que ele próprio era um indivíduo de carne e osso e não apenas outro boneco entre tantos outros bonecos que ornavam o auditório, inclusive na plateia, como se atentos ao discurso daquele que os fabricou numa oficina grosseira. Um milhão de fantoches (ou mais), disse o titereiro, movimentando-se a céu aberto numa tarde quente. Por mais concretos que se mostrem os indícios de um maquinário secreto, o indivíduo de carne e osso contaminado pela narrativa prévia nunca admitirá a existência mirabolante de tal mecanismo. Afinal de contas, admitir a existência de um maquinário secreto é assumir que a multidão que o representava não passava de um exército de títeres

— e isso seria o mesmo que admitir que o indivíduo, ele próprio, não passa de um títere. E sob quais circunstâncias um títere poderia descobrir que é um títere?, perguntou o titereiro. Nenhuma, é claro. Pois o títere não pensa e não descobre. Esse também é o raciocínio dos indivíduos de carne e osso: “Se um títere não pensa e não descobre, então o fato de que me acusam de títere é falso, porque eu penso e descubro e acredito”.

O que o indivíduo de carne e osso falha em apontar é que, para todos os propósitos, ele agora também é um títere, pois seus pensamentos e descobertas de nada valem àqueles que nele provocaram essa estranha identificação com objetos inanimados. Só o que importa ao titereiro é essa identificação, ou o fato de que o indivíduo de carne e osso também se movimenta, assim como aquele milhão de fantoches (ou mais). Enquanto o indivíduo se movimentar e associar seus movimentos ao movimento da falsa procissão, então a ilusão permanecerá intocada. “Se um títere não pensa e não descobre, então o fato de que me acusam de títere é falso, porque eu penso e descubro e acredito”, repete o indivíduo, sem perceber que esse raciocínio que lhe confere autonomia é o mesmo que lhe impede de enxergar os dedos que manipulam suas cordas. Falha também ao títere, fantoche ou marionete perceber que nunca é ele próprio o centro do espetáculo. Quando cerrarem as cortinas, ele será colocado de lado, guardado num baú dourado como o meu, e quem toma o centro do palco, a fim de receber os aplausos, é o mestre titereiro, ele próprio parte ilusionista e parte dramaturgo, o homem que dita as regras de seu universo-modelo, cujas palavras foram reproduzidas ao longo de sessenta minutos por uma criatura descartável de tecido e arame.

O titereiro disse tudo isso e retornou ao centro do palco, onde um holofote o iluminou por trinta segundos enquanto era aplaudido. Assim que cessaram os aplausos, o feixe de luz acompanhou sua caminhada ao baú. Ele ergueu a tampa usando as duas mãos, acomodou a si mesmo junto ao boneco caolho e ambos permaneceram imóveis. De cima do palco vieram duas mãos enluvadas e fecharam o baú com uma imensa chave de prata. As luzes se apagaram, mas ninguém percebeu que o espetáculo chegava ao fim.

Mônica Rinaldi | Paulistana, mestre em Literatura Brasileira pela USP. Trabalha com edição e revisão de textos. Publicou contos em coletâneas pelas editoras Leonella Ateliê e Patuá.

vento noroeste

Ana veio me visitar numa noite fria de julho. Por aqueles dias, soube que ela havia voltado. No começo, trocamos cartas e bilhetes, telefonemas rápidos. Nossos pais morreram alguns anos depois que ela foi embora, nos anos 70. Ana não veio para o enterro e fomos perdendo o contato.

De camisola de flanela, eu estava na poltrona do meu quarto-e-sala, enrolada num cobertor que levei da nossa antiga casa. Ainda que púido, esquentava muito, talvez porque de lã de carneiro, daqueles que não se fabricam mais. Meus pés vestidos com meias grossas descansavam sobre a banqueteta de alumínio. Eu lia o jornal, algo sobre os grafites apagados nas ruas de São Paulo. Não fui até o fim; virei a página e comecei a ler uma reportagem sobre os cemitérios da cidade: Dom Bosco, Perus, zona noroeste.

Não escutei a campanha tocar, quando vi, lá estava Ana. Abracei-a demoradamente, acariciei seus cabelos. Continuavam negros e brilhantes, os meus já esbranquiçados, fios rebeldes que eu amarrava num rabo de cavalo.

Uma correnteza de vento frio no vão da porta entreaberta. Ana foi sentando ali mesmo, na banqueteta. Não, minha irmã, sente na poltrona, aí é muito gelado. Ela mal respondeu quando escutamos uma música ao longe.

Eu sou o negro gato. Eu sou o negro gato.

Ana sabia que eu odiava. Colocava na nossa vitrolinha, certa com a agulha. Quando acabava, punha de novo, e de novo e de novo, tantas vezes que acabou riscando o disco. Ela se divertia.

Eu sou o negro gato. Eu sou o negro gato.

Ela começou a cantar, acompanhando o som de fora.

Aquilo não é gato, sua bobona, é um rato!

Saí correndo, descendo os degraus das escadas, os ouvidos tampados, como eu fazia quando ela me provocava. Era o gato, era o rato, era o vento noroeste. Tropecei e caí numa vala. Vai para o morto, Ana, não reclama. Na queimada eu era melhor; esconde-esconde não, ela desaparecia nos lugares mais improváveis.

Eu sou o negro gato. Eu sou o negro gato.

Ana veio atrás de mim, descendo os degraus de dois em dois. Amarelinha, Ana, deixa que eu desenho. Pronto, céu-inferno. Ela pulava entre as marcas de giz, acompanhando o ritmo da música. Meus pés escorregavam na terra, eu suava muito, mas finalmente saí de lá. Ofereci minha mão, ela não conseguia alcançar.

Eu sou o negro gato.

Para com isso, Ana. Vamos de crapô? Foi ela quem me ensinou; eu nunca vencia, mas precisava distraí-la. Sorri sem mostrar os dentes, os olhos apertados. Um baralho para cada um; conta doze, vira o morto. Carta preta, carta vermelha, preta, vermelha, preta. Jogamos uma partida, duas, três, perdi a conta.

Sua voz começou a sumir, foi escasseando, embora eu ainda conseguisse ler os lábios. Ana interrompeu o verso e fechou a boca. A música de fora parou no mesmo instante. A última palavra ecoava na minha cabeça — gato, gato, gato. Foi diminuindo aos poucos até sumir completamente. E veio o silêncio.

Eu lia o jornal, algo sobre os grafites apagados nas ruas de São Paulo. Não fui até o fim; virei a página e comecei a ler uma reportagem sobre os cemitérios da cidade.

Dom Bosco, Perus, zona noroeste, o nome foi mudado para Colina dos Mártires. No muro, grafitado: aqui tentaram esconder os desaparecidos.

Quando vi, lá estava Ana. Os cabelos continuavam negros e brilhantes. Uma correnteza de vento frio no vão da porta entreaberta. Não, minha irmã, sente na poltrona, aí é muito gelado.

Franklin Carvalho | Jornalista e autor dos livros de contos *Câmara e Cadeia* (2004) e *O Encourado* (2009). Em 2016, o seu romance *Céus e Terra* venceu o Prêmio Nacional de Literatura do Serviço Social do Comércio (Sesc), e em 2017, o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Autor Estreante com mais de 40 anos. O autor participou da comitiva brasileira na Primavera Literária Brasileira e no Salão do Livro de Paris (2016), eventos realizados na capital francesa, e foi palestrante na Feira do Livro de Guadalajara (México — 2017) e na Festa Literária de Paraty 2018.

estes olhos

Acordei com uns pipocos e achei estranho. Pensei que santo era hoje, a memória não veio. Olhei a penteadeira, o oratório. A vista turva ainda, aquela neblina do quarto escuro, procurando lembrar. Santo nenhum. Não eram foguetes, atiraram no Ferrugem.

O Ferrugem, filho do Jorge Liso, foi baleado. Três tiros na caixa do peito, mas escaparam do coração. O pai levou para Feira de Santana esvaindo em sangue, jurando nunca mais roubar. O pai e o filho no mesmo caminho, o Jorge Liso ladrão de gado, o Ferrugem desde pequeno finório, amigo do alheio.

Quando afanaram as roupas do Zé, o meu filho, o Zé veio me dizer “Sabe, mãe, o Ferrugem deve ter comprado as minhas roupas do ladrão. Passa com elas na rua”. Isso tem mais de vinte anos. Minha neta nem tinha nascido, hoje ela é mãe. Eu falei “Zé, qual é a lei? Perdoai, assim como nós perdoamos as nossas falhas, não é mesmo?”

Mas hoje o Ferrugem já é um homem, deveria ter tomado jeito. O pai dele, Jorge, ninguém compra no açougue em sua mão, só se for por muita necessidade. As famílias que sabem dos mal feitos, quase todo mundo já foi lesado, ninguém compra a carne dele. Mas vamos deixando para trás.

Não falo dos outros por mal costume, não observo. Uma mulher tão cega como eu, coitada, a vista miúda, os dentes escassos

e também cegos, eu nunca tive vício de especular. Sou avessa a comentários, apartada.

Esses dias de São João, quando completei idade, o Zé me perguntou “Mãe, não vai fazer festa?” e eu respondi “Menino, esquece que o povo esquece” E assim foi, enojei de aniversário. O Zé tinha boa intenção e memória, desde moderna que festejo. Mas quando fechei setenta me veio um vazio de gosto, um pensamento severo e sempre assim. Deito no travesseiro e vejo os sentimentos aumentados, como passados em uma lente. Por isso falei do Ferrugem, mas quero contar de mim na minha casa.

Eu vejo os rigores que fiz com o Zé na infância do garoto, que deixei ele chorar de tonta que eu era, distraída. Certo que não foi por maldade, mas fui cruel. Eu envergonhei o menino na frente do pai e o pai na frente do menino, dizendo que não eram o que eu queria, que não pareciam dessa casa, que a casa era minha, que eu mandava nela. Agora, quando ponho a orelha na franha sinto ali mesmo o cabelo encanecer e os olhos perolarem a cada sono mais um pouco, seja de noite, seja de descanso do almoço, o tempo talhando as rugas em cruz, a pele cheia de quadradinho. Foi maldade sim deixar o Zé chorar, e humilhar o coitado.

* * *

Nem me preocupa pensar o que eu penso, sentir o que eu sinto, mas me pergunto porque vêm agora essas considerações sobre a vida inteira, como uma conta. Será que é o fim, meu Deus, será?

Esse menino, o Zé, já tem cinquenta anos mas vive aqui, se separou da mulher. Tem a casa dele mas só vai lá dormir, ceia comigo. De dia ele me toma pelo braço, me acompanha no banco e até a porta da igreja para eu não tropeçar, é meu anjo gordo.

Finjo distração para os cães que andam pela rua. Os cães acham que sou cão também e me olham encurvar, sumir, querendo que eu morra. Os cães são as moças e os moços mais modernos que o meu filho. Que me rejeitam, que rejeitam ele, e que cobijam a pouca luz que gastamos para nossas sombras. Será o fim?

Quando deito no travesseiro, fico lembrando e sonhado, sem saber quando e quando. Anteontem me apareceu o Manuel, meu finado marido, dizendo:

— Raimunda, vem comigo. — E repetia, e eu dizia:

— Vou não, Manuca, vou não.

Olha, e o Manuel já tinha morrido antes do Jorge casar, ter a filha, agora me volta. E eu só via as costas, porque os mortos não mostram o rosto. Via assim um desenho que eu sabia que era ele, com roupas brancas numa plantação de bananeiras. Isso foi duas vezes. Ao menos estava de branco, e a plantação era verde, sinal de bom lugar. Deus o guarde nessas cores elegantes, seguimos orando.

* * *

Minha neta é que tinha apego ao Manuel sem sequer conhecer. Menina ainda, com dois anos, olhava o retrato na parede e dizia “Eu falei com vovô Manuca” e todo mundo ficava espantado. A mãe, minha nora, mandava calar. Uma vez eu tirei o retrato da sala, não queria mais, a criança começou a chorar e a apontar para o lugar. Tive que prometer nunca mais mexer no quadro.

Puxando bem da memória, já sonhei com o falecido outras vezes, mas coisa mais pequena, só aquela presença passando. Uma noite ouvi a voz e quando acordei a cadeira rangia, ao pé da cama, alguém tinha se levantado. Mas nesta semana a visão foi mais clara, mensagem assim calma, confortável.

Outro dia eu tive um sonho bom, via a roça do alto, voava. Lá embaixo passava um rio cheio, agitado, refrescando tudo, e uns cavalos gordos corriam sobre as espumas, e soava alto uma música que Zé ouve todos os dias no rádio. Não sei cantar, é estrangeira. Quando eu estava naquela delícia, uma zoada qualquer me despertou. Perdi a delícia.

* * *

O meu sono é leve. Desperto se faz frio no meio da noite, porque tenho a pele fina e os ossos ariscos. Só esmoreço de vez com muito cansaço, como num dia desses, em que eu estava cozendo a

mortalha de comadre Leotina. Eu apurava a vista, ia quase pelas onze da noite, e decaí sobre o pano alinhavado. Acordei com aquele relance:

— Acorda, Raimunda, capricha que estou necessitada.

Era a alma da comadre, advertindo. Acordei no susto e estranhei que a costura estava adiantada, como se a agulha tivesse trabalhado sozinha, e faltasse só o arremate. Meia hora depois e findou-se, e eu senti um perfume de mulher adocicado passando pela sala assim suave. Nem digo de quem era, pois na verdade eu não sei. Apenas me deu satisfação, como a música que eu contei dos cavalos. Vou lembrar o resto dos dias, mesmo que eu não saiba o nome, porque a gente não precisa saber para gostar.

* * *

Desculpem mais uma vez que eu falei dos vizinhos, mas a verdade é que eu aqui oro por todos. Vejam, o Zé meu filho me disse de um sonho que lhe perseguia, que ele e o pai tinham matado um homem e juraram nunca tocar no assunto. Naquele devaneio o tal crime nunca era descoberto, mas o Zé acordava arrasado. A culpa de uma morte que nunca houve, o remorso sem ter sido nada, só um pesadelo, vez ou outra, só um pesadelo, vez ou outra. Até que um dia, faz mais ou menos um mês, ele se chegou bem cedinho:

— Mãe, pai já matou alguém? — E contou o resto.

É claro que eu fiquei alarmada, aquele sentimento que ele tinha, de sangue coalhado. No sonho havia uma cova de inocente, de um jovem que os dois tinham calado, ele e o pai. Não foi nada não, dali a pouco passou em minha porta a Semíramis, filha da velha Damiana. Ela me cumprimentou, a Semíramis sempre foi moça educada, embora eu na mocidade não me desse com a mãe dela. Então me lembrei de uma coisa que tratava sem consideração.

O meu marido tinha uma amante, justamente a Damiana, que por sua vez Deus levou também. E ela pariu um menino que o Manuel não quis saber. Eu indagava a ele “Olha lá, é a tua cara” mas o homem rejeitava, difamando a concubina, que tinha dormido com outro. O tempo passou, os velhos se consumiram e a criança cresceu. O menino da Damiana era alienado, o povo ajudava, até os parentes

nossos, mas foi a Semíramis que arcou com o irmão, até ele falecer, já homem, um ano atrás. Eu sei que é uma história assim cruel, mas o Manuca era moço, e os moços são o que são.

Quando eu vi a Semíramis passar na minha porta toda gentil e serena, eu chamei o Zé lá de dentro e rezamos. Recordo daquela manhã, fazia frio. Nas plantas do meu jardim eu lembrava do filho da Damiana, que vestia as calças amarradas lá em cima, pobre rapazinho bronco que os moleques arrelivavam. Era um jovem do corpo magro e branco demais, puxando à mãe, mas os olhos eram o amarelo mel das vistas do Manuel, das vistas do meu Zé, olhos de gato de pobre.

E por ser sem remédio a situação dos homens, então tratamos das almas, a quem demos a intenção. Não foram poucas as vezes que o Zé fez preces, a vela fincada na areia das plantas, e encomendou missas aos falecidos. Ele rezou mais do que eu, por ser do sangue do Manuel, e ter perdido um irmão e experimentado a pena. Só depois que assim foi feito veio essa calma de eu ver o meu marido de branco, apresentável, no frescor da plantação.

Eu não explico essas coisas, nem os sonhos que hoje mesmo vou ter. É só uma lente delicada, do fundo transparente. É só uma lente de água da minha vista cansada, da clareza de uma lágrima, da largura de um coração.

Com algumas fontes orais, inclusive uma recolhida pelo historiador Cícero Joaquim dos Santos, da Universidade Regional do Cariri (CE). Para Gilda Osvaldo Cruz.

Eltânia André | Nasceu em Cataguases-MG, mora em Lisboa. Autora do livro de contos *Manhãs adiadas* (Dobra Editorial, SP, 2012), dos romances *Para fugir dos vivos* (Ed. Patuá, SP, 2015) e *Diolindas* (Ed. Penalux, SP, 2016, escrito em parceria com Ronaldo Cagiano), e do livro de contos *Duelos* (Ed. Patuá, SP, 2018).

poesia que ninguém lê

Meus pés avançaram, eu sem olhar para trás, esperando. Ouvido suscetível ao trágico. *Passa tudo, perdeu, passa tudo, senão, morre.* Parei. Retrocedi. Pensei em tempos longínquos. Temi não caber em mim a avidez, o inesperado, as lembranças; muitas intocáveis. Como posso dar o tudo, se tenho o vazio como semblante de mim? Concordo com o que ouvi, um dia, numa discussão sobre a morte da literatura: nada garante que a literatura seja imortal... O mundo pode passar muito bem sem ela, mas pode passar melhor sem o homem; ouço o filósofo e penso em mim. Eu sou esse animal a ser extinto, portanto não farei falta alguma. Ele, o homem e seu revólver, do qual nada sei; gritou ratificando sua prepotência belicosa, com aquela arma raquítica, desbotada e de cano curto. *Não corra, senão, atiro.* Suor escorria pelo rosto desconhecido, adrenalina e medo. Poderia apertar o gatilho. Não o fez. Gritava, tropejando suas ordens. *Vadia, vagabunda, pensa que é esperta, passa tudo.* Eu que tanto obedeci na vida, tanto me concentrei na sutileza da boa convivência, estava diante de mais uma guerra surda que tudo impõe e assalta. Seria bom transgredir, mas minha boca do avesso reverbera: *Sim, senhor!* Temi a guerra, sempre. Jamais o rotundo não, no máximo o talvez, ou o balançar indeciso de ombros, e alguns poemas na gaveta que ninguém leu. Preferia o tiro, desejei o fim a ter que obedecer novamente. Não, senhor! Não tenho nada a lhe oferecer. O tempo compacto durava menos do que eu supunha. Sem perceber, por hábito, não por pânico, obedeci. *Diga sim, mulher,* sussurrava a voz. Reconheci-me em seu eco. *Diga sim e viva.* A vida ou a bolsa? Rendida novamente, entreguei o celular que quase não tocava, tão velho e mumificado por durex fixando a bateria. O homem correu com o prêmio em suas mãos, o banal sim

de minha coleção. Correu como um animal amedrontado, correu com as pernas atléticas e esguias e, por fim, desapareceu dentro da esquina. Por que as esquinas nos engolem? Não satisfeito com o tédio que plantou em mim, com a sua autoridade, protagonizou a lucidez: retirou a venda que, de tão gasta, se encaixava tão perfeitamente. Revisitei a angústia. De frente, cara a cara. Bruta. Meu desejo se camuflava em lugares improváveis. Se corajosa, tirava a venda dos olhos, via o medo maior. Na tentativa de avistar o horizonte; acídia. Se a tirasse de vez; terror. Eu tão desacostumada de mim. Pudica, evito tocar-me. Inevitável; desisto cotidianamente do embate, aprisiono-me sem gana na antessala com agulhas e linhas ou com papel e caneta. As feministas se envergonhariam de mim, sempre me deixo levar, sempre rendida. O homem da arma raquítica não atirou. Desgraçado. Minhas costas esperando o abate, alguém delineando o trajeto da bala pela fresta da janela; meu corpo antecipando a queda; o asfalto gasto a se servir de leito — ontem. Depois que ele se foi, depois do copo d'água com açúcar, eu esperei por algo que não vinha. E a sede sem fim. Não é o mundo lá fora que é cinza, mas o sótão onde caminho, dentro. A arma que eu desconhecia, inerte. Estamos ou não numa batalha? Bombardeios silenciosos. Dissimulada, de porcelana; obedecia, servindo o almoço especial de domingo. O acúmulo de paz azedando no estômago. O amanhã tão igual e resignado, persistia na expectativa do vazio, do oco. Cadê o disparo? O sangue vivo? Preparada, coração com suas batidas excitadas, mãos trêmulas, o labirinto no alto da torre aguardando o que seria o estampido. Minha morte. Talvez, tenha desejado apenas conhecê-la, sou deveras curiosa; não a morte em si, mas a vida corroída pelos dias de tensão, o destampar do fosso, fitar o abismo e reconhecer-me nele e revelá-lo a mim mesma: o seu escuro, a imensidão. E, no desfecho, acordar. Talvez. Incrível: a sensação das costas perfuradas permanece, o pequeno vaga-lume sacode meu mundo pálido; sim, é pálido, descorado. Lembrei-me do meu marido, e dos meus filhos (descabido pronome de posse). E as vasilhas na pia aguardando-me. Sujas, engorduradas. Os filhos, bons meninos, mas não preenchem o rasgo. Viver! É essa amargura iceberg. É solidão em meio a multidões. Não sou eu que provoco, é o existir — esse mistério sem fim. A cara de anos, a mesma cortina de

anos, a cama dura, ortopédica, onde dois corpos desajustados unem-se vez ou outra. O raspar de garganta do meu... (novamente o descabido e irritante pronome de posse) do meu macho dando notas vulgares da convivência. Depois da novela, ou depois do silêncio, nós dois monossilábicos. Ele: *Café?* Eu: *sim*. Sigo para a cozinha, sabendo que com a cafeína no sangue, mesmo com a brutalidade da mesmice, abrirei as pernas e ele penetrará sem grande entusiasmo. O esperma escorrendo pelo lençol, o que importa? Abrirei as pernas outras e outras vezes. Disponível para ser engolida, penetrada. Eu querendo gemer, querendo morrer, mas a bala não me atravessou pelas costas. Era necessário o combate frontal. Antecipo meus ouvidos, agora para o ronco cotidiano depois do sexo, depois do escarro; ato de limpar a garganta que ele pratica ao escovar os dentes. Ele escarra. Eu? Olhos fixos no mofo da parede do quarto ou no escuro, tentando convencer-me de que assim é feita a minha história, matéria impalpável que inutilmente tento tocar com alguns dos sentidos. Há sempre algo que me escapa, dentro. Penso em Camille Claudel: Há sempre algo de ausente que me atormenta. O que eu busco? O que foi que perdi? Deixa quieto, está tudo certo, prefira a paz, dizem-me. Ouço essas vozes. Meu lar o campo iluminado, família álbum de retrato. Os filhos no mundo dos sonhos, o marido saciado — afinal eu sempre o alimento com minha boca escancarada, faço café, lavo as roupas sujas, as plantas à minha espera na varanda, digo com sorriso nos lábios: *estou bem; também te amo* não é exatamente mentira, então por que me desconheço nas frases que digo?: *sim, sou feliz; bom dia; boa noite; Deus abençoe*. Deus? Vez ou outra, mais uma poesia na gaveta. Ordinária, é certo. Intensa, talvez, mas ordinária como os vinhos que tomamos duas ou três vezes ao ano em companhia de um amigo. Que ninguém lê. Ninguém lê. Outra vez com olhos fixos no escuro encarei a insônia arquitetando palavras, os versos inacabados estarão sobre as contas a pagar na segunda gaveta do criado. E aquela manhã poderia ter sido a gênese da grande rebelião. Covarde, por que não atiraste se eu disse a princípio um não. Foi minha melhor ousadia, antes de seguir a velha estrada. Quase um fim de papo. Quase um fim de linha.

Henrique Balbi | Escritor, professor e jornalista. Nasceu em São Paulo, em 1992, mas morou em Botucatu (SP) até 2011, quando voltou à capital para estudar jornalismo na ECA-USP. Em 2014, estagiou no núcleo de revistas da Folha de S.Paulo, mas preferiu os caminhos da literatura: trabalha atualmente como assistente de ensino no Anglo Vestibulares e, em 2017, concluiu um mestrado no Instituto de Estudos Brasileiros (USP), com foco na obra de Fernando Sabino. Além disso, entre 2013 e 2017 escreveu para o site Salada de Cinema, onde publicava a “Cine-Remix”, coluna que misturava enredos, gêneros e temas de filmes.

o canto da sirene

O menino sai correndo: perfurado pelo som de uma sirene, em alto volume. Para na janela. As mãos espalmadas contra o vidro, como se o impedisse de seguir a ambulância pela rua. Ele a acompanha com o olhar e dá um suspiro. Volta à mudez habitual.

Na casa de dona Cassandra, podiam se passar dias sem que se ouvisse a voz do menino. Ela já estava acostumada, sabia que o menino se comunicava e dizia muita coisa mesmo quieto. Mas para isso era preciso ficar atenta, muito mais que com uma criança comum, agitada, frenética, e esse era o problema: o dobro da atenção significava o triplo do esforço e o quádruplo do cansaço. Ainda mais para uma senhora de idade.

Não fosse por isso, ela não teria problema algum em passar os dias com o menino. Era um favor imenso que fazia à filha, e a si mesma: desdobrar-se em mãe de novo.

Dona Cassandra era mesmo a avó favorita, mas havia alguns anos que era, também, a única. Ela já ajudava bastante desde o diagnóstico do menino, e ainda mais depois do acidente do pai e da longa internação.

Meses horríveis, em que pisavam no estilhaço dos dias. A filha de dona Cassandra era quem mais havia se desgastado no processo, não menos pela solidão. Uma vez disse para a mãe que se sentia um dique, quase não suportando os golpes da maré. Cada vez que pisava

no hospital, cada vez que era envolvida pelo ar encanado, frio e úmido dos corredores, cada vez que entrava num quarto e adormecia, mal equilibrada, numa cadeira, o som da TV aberta preenchendo o fundo dos sonhos, era mais um golpe da maré. O tom pretensamente calmo dos médicos, a simpatia compadecida das enfermeiras, os cochichos tensos — outro golpe. Então ela se calava, esperando.

Dona Cassandra estendia a mão para segurar a da filha. Aquele toque, mãos envolvendo-se, o calor, as rugas ao redor dos dedos e no dorso, um entrelaçar de mãos, parecia o golpe final. Estouro da barragem.

Antes, a mãe costumava deixar lá o menino, à espera, apenas quando viajava. Dona Cassandra assumia o papel integralmente, levando-o à escola, servindo-lhe as refeições, ajudando na lição. Tentava induzi-lo a comentar alguma coisa do seu dia, das suas brincadeiras, das suas professoras. Sabia que era em vão, se o objetivo fosse ouvi-lo falar. Não importava: era um modo de manter aberto o canal, de sinalizar que, caso necessário, ouviria com gosto e paciência.

Dessa vez, porém, nem isso o menino parecia captar — as mãos espalmadas contra o vidro da janela do carro, vistas por dona Cassandra pelo retrovisor.

Dona Cassandra não estava na casa no dia, mas ouvir a filha dava a impressão de que tinha testemunhado tudo.

O menino na sala, quieto. Montava uma torre de Lego.

A mãe no mezanino, concentrada. Lia um encadernado, primeiro de uma pilha.

O pai no banheiro, quieto também. No banho.

Escutou-se um barulho, uma pancada — depois a monotonia da corrente do chuveiro.

A mãe e o menino se assustaram, mas só ela correu até lá. Abriu a porta, logo a fechou e pegou o celular. Entrou no banheiro de novo, deixando-o entreaberto, para poder escutar caso o menino precisasse de algo.

Foi a primeira vez que o menino ouviu aquilo ao vivo: parecia uma série de gritos de alguém que não se cansava. O barulho subia

muito e depois descia, sempre muito alto. Começava a variar, a repetir-se mais rápido, e acelerava. Fazia tudo de novo.

A mãe apareceu na sala, foi até a entrada da casa. O barulho continuava ao fundo, mais discreto. Dois homens entraram carregando uma espécie de cama portátil. A mãe mostrou o caminho do corredor e os três sumiram.

O menino só parou de montar a torre de Lego ao ver os homens voltarem, carregando o pai na cama portátil e seguidos pela mãe. Ela perguntava uma série de coisas que o menino não conseguia ouvir, pois estava longe. Ele a viu concordar com a cabeça. Voltou a mexer na torre de Lego, queria ver se podia construir algo da altura dele. Talvez faltassem peças. Os dedos da mãe se fecharam em torno do braço dele, mais com firmeza do que com força, e ela disse que precisava da ajuda dele. Tudo bem ele continuar montando a torre na casa da vó?

Cada sirene que passa dispara o olhar do menino, faz com que ele, ainda mudo, grude-se à janela, acompanhe-a avenida abaixo. Dali, ele vai se sentar na sala, no chão, perto da entrada: fica encarando a porta por alguns minutos, depois volta a brincar com a torre de Lego.

Dona Cassandra havia levado o menino já para a cama, e nada da filha. Voltou a se sentar na sala, com a TV ligada, mas o volume bem baixo. Sua audição já não estava boa, a depender do programa não ouviria nem se o menino, num evento muito improvável, gritasse lá do quarto. O sono batendo como maresia. Dona Cassandra colocou o controle remoto no braço da poltrona e tentou manter-se acordada. Até o programa acabar ou até receber notícias da filha, o que ocorresse por último. Apoiava uma das maçãs do rosto na mão, fechada num punho.

Não soube por qual palavra ou pensamento chegou a uma lembrança, não de um momento, mas de um hábito: sentada na mesma poltrona, em hora tão tarde quanto agora, também à espera. A filha em algum lugar, com alguém, prestes a voltar em algum momento. Podia ser que pedisse à dona Cassandra uma carona de volta para casa, podia ser que não; podia ser que precisasse de ajuda para voltar — um banho ou uma bebida quentes, podia ser que não; podia ser que pedisse à mãe que não contasse nada ao pai, podia ser

que já fosse tarde demais. Dona Cassandra pensou no menino, pensou na menina que a filha fora, pensou em si mesma: uma sucessão de imagens dissolvendo-se, sem legenda, em sonho.

Um movimento involuntário do braço derrubou o controle remoto, que caiu, abrindo-se ruidosamente — pilhas para um lado, uma tampa amassada — e acordando dona Cassandra. Na TV, um leilão de joias. Nada ainda da filha. Levantou-se, foi à cozinha, tomou um copo d'água e foi ver se estava tudo bem com o menino.

Provavelmente sim: ele estava na cama, adormecido, na mesma posição em que dona Cassandra o tinha deixado. No chão, perto de uma das pontas do lençol que roçava o tapete, havia a versão reformada e menor da torre, quase igual à anterior, mas com as peças brancas e vermelhas separadas. Elas formavam uma espécie de bloco, de pequeno tijolo, incompleto. Um furgão.

O menino não está de férias, mas pelos próximos dias não vai à aula. Faltavam poucos dias para o fim de semana, de modo que dona Cassandra nem chega a se preocupar com antecedência: dos males, o menor. Logo, logo isso se resolve.

Dona Cassandra percebe que, além da ausência da mãe, o menino estranha o apartamento. É um estranhamento físico, discreto: esbarra nas mesas, nos batentes, nas quinas, às vezes anda pelos corredores, quartos e sala, e de repente para. Já percorreu tudo, tão rápido.

Dona Cassandra o acompanha mais com os olhos do que com os ouvidos. Alterna entre a TV e as andanças do neto, programa que a deixa quase apreensiva, especialmente se precisa segui-lo.

A mãe eventualmente manda mensagens, costuma ligar no fim da tarde. Dá breves boletins médicos, que envolvem dosagens, procedimentos, comentários dos doutores, e depois pede para falar com o filho. Uma ou outra noite, dorme na casa de dona Cassandra, de onde sai antes de acordar o menino e para onde às vezes demora a voltar. Quase não come, pelo menos lá no apartamento. Fala mais com a mãe que com o filho — ele segue mudo, os olhos atentos, a torre de Lego crescendo.

A cada sirene que passa na avenida, principalmente quando dona Cassandra está num sono pesado e o apartamento emudece como o mar num dia bom, o menino corre até o vidro, bate as mãos

com força e assiste, concentrado, à trajetória da ambulância que percorre o asfalto gritando. Sempre no aguardo, quieto, às vezes deixando escapar um suspiro. O que nunca faz é uma pergunta, a pergunta, a única pergunta possível, a única pergunta possível e urgente, inescapável. Prefere o silêncio. Até porque a sirene já faz muito barulho e ele não ousa competir com ela.

Graziela Brum | É de Arroio Grande, Rio Grande do Sul. Escritora, coordena o projeto literário *Senhoras Obscenas*, venceu o concurso ProAc categoria romance com o texto *Fumaça*. Atualmente escreve o romance *Jenipará*.

pombo news

É surpreendente ver o movimento dos pombos no terraço do vizinho depois do meio-dia. Posso afirmar com categoria que em nenhum outro lugar do mundo eles apresentam comportamento tão estranho como aqui. Lá na Alexanderplatz, por exemplo, é possível vê-los apreciando o jazz tocado pelos cubanos por volta das 5 horas da tarde. Os pombos tem bom gosto. Também pode-se dizer sem errar que em Nova York eles lançam de suas patas uma linha fibrosa para pularem de prédio em prédio e passearem pela cidade. Já na Plaza de Armas, os pombos são mais sisudos, mesmo assim não perdem a oportunidade de oferecer um manto de alpaca para quem ali estiver passando. São seres insistentes e eu não saberia dizer quantas vezes entrei na primeira loja para me livrar deles. Pombos são esquisitos, mas como em São Paulo, nunca vi. No começo pareciam normais, eu parava na sacada do apartamento com meu café na mão para fumar um cigarro e confesso que nada percebia. Seis pombos no terraço do vizinho brincavam como seis pombos brincam. A rua tranquila, transeuntes, vendedores ambulantes, garotos de bicicleta. Os fios de energia elétrica soltando barulho. Nada para chamar atenção, e logo voltava ao trabalho, porque tenho muito serviço para entregar. Os pombos sempre estavam por ali, no terraço do vizinho, do outro lado da rua, e aos poucos observei que número aumentava, sete oito, um dia contei dez. Eles se bicavam, faziam festa, abriam as asas, namoravam, a fêmea subia no macho, até aí tudo bem, pombos são assim mesmo. Um dia, logo depois do almoço, notei que os pombos estavam quietos, não se tocavam mais, nem brincavam. Apáticos, me obrigaram a observá-los de outra forma e pela primeira vez os vi de verdade. Os pombos paravam tempos na mesma posição e, às vezes mexiam a cabeça de um lado para outro como desconfiados que alguém estivesse à espreita. Um deles me notara ali na sacada, e eu,

para disfarçar, dei meia volta e entrei no meu apartamento. Descartei o cigarro enquanto deixei a xícara de café ao lado do computador. Pé ante pé, devagar, retornei a sacada com as costas inclinadas tentando evitar que me vissem. Pus meu corpo atrás de uma floreira de uma samambaia gigante que me cobria a cabeça e o tronco, e comecei a espiar aqueles pombos. Sim, os pombos de São Paulo não eram normais. Estranho o que faziam, esperavam o dono do flat sair para almoçar e invadirem a sala. Eles passavam pela janela do terraço e tomavam conta do espaço, mas, como era de se esperar, não empoleiravam no sofá, nem mesmo subiam na mesa da cozinha para catar algumas migalhas de pão. Os pombos estavam mesmo interessados no computador do vizinho. Nunca vi isso, pombos viciados em internet. Atacavam o teclado com seus dedos finos e unhas em garras, e sem exageros, posso contar que eles voltavam suas cabeças para a imensa tela e nem se mexiam por sei lá quanto tempo. Pareciam abduzidos pelo que viam, e eu não conseguia imaginar o que aquele bando de pombos fazia ali. Quem sabe um código de pombos, com o mundo globalizado, os pombos também arranjam um novo jeito de se comunicarem com pombos distantes.

O mais extraordinário, que me deixava perplexa, era o que se sucedia depois. É impressionante a organização desses pombos. Fico pensando o que seria da política desse país se eles participassem de alguma organização. Um único pombo esperava no muro da frente, observando a rua e a volto do dono do apartamento. Quando o dono embicava na esquina, o pombo vigia girava a cabeça em direção aos outros pombos dentro da sala e soltava um sinal. Não conseguia escutar da minha sacada, mas todos os pombos largavam o computador do rapaz e voltavam para o terraço. Permaneciam ali por alguns minutos e depois voavam para longe. Eu retomava o trabalho, mas não com a mesma concentração de antes. Pegava-me por vezes tentando decifrar o verdadeiro motivo daqueles pombos se comportarem assim. Será que há nos pombos o desejo e a ansiedade e eles também mergulham no eterno conflito de Narciso? Não, claro que não, pombos vivem em comunidade e não possuem memória. Ademais, poderiam eles usar as vidraças das casas, os espelhos dos carros, as vitrines das lojas. Em definitivo, não é uma questão de

autoadmiração. Pesquisei no Google o comportamento dos pombos. Numa página de Ornitologia, descobri que os principais predadores dos pombos são os gambás, os guaxinins e as corujas e seus ovos podem ser capturados por gaivotas e corvos. Porém, nas cidades já não há tantos predadores como na natureza, afinal os tempos mudaram, e os pombos por que também não mudariam?

No outro dia, lá estava eu, vestido de samambaia, com os joelhos dobrados, observando os pombos. Comecei a fumar com menos frequência, não que desejasse largar o cigarro, mas por que queria dedicar mais tempo as minhas observações. Não participava mais das redes sociais, larguei os grupos de discussão política, nunca mais vi as páginas de comida vegana. Tive inclusive um problema com meu chefe, atrasei uma matéria importante sobre as recentes transações do governo federal. Ele ficou furioso. Dane-se. Seja como for, observar o comportamento dos pombos estava dando um sentido para a solitária vida em São Paulo. E lá estavam eles no terraço do vizinho, agora dava para contar uns quinze dezessete. Da mesma forma, esperavam o dono do flat sair para se apossarem do computador. Ali, em frente à tela, ficavam como as pessoas ficam ao celular. Os pombos eram compenetrados, em nada poderíamos criticá-los. Cumpriam a missão tal qual se designavam. Admirável.

Passei os três meses que morei nesse apartamento anotando e organizando minhas observações sobre os pombos do terraço do vizinho. Foi com tristeza e desprezo que recebi a notícia de mudança de cidade. O jornal me queria em Brasília para cobrir de perto as medidas do novo governo federal. Tive que encerrar o meu trabalho com os pombos, justo agora que estava perto de um diagnóstico. No último dia, antes de tomar o avião, fiz minha derradeira observação. Eles eram muitos, muitos, já passavam o número de mil. Aquilo se tornava cada vez mais curioso e eu tendo que mudar por causa do meu emprego.

Diego Moraes | Poeta e contista. Tem sete livros publicados. Alguns dizem que ele é uma das melhores novidades surgidas em nossa literatura nos últimos anos. Os inimigos discordam, é claro.

pólvora

Homem apaixonado é barril de pólvora. Explode. Tive um padastro negão quando era moleque. Da polícia. Barra pesada. Linha de frente. Cara que ia pra trocação de tiros com a bandidagem nas décadas de 80/90. O chamavam de “Apollo Creed” na delegacia onde tirava plantão. Tratava minha mãe muito bem. Como rainha. Nunca tocou o dedo nela, mas pirava nos ciúmes. De chegar a bater cabeça na parede e chorar no meio da sala na frente de mim e da minha irmã. Não entendia muita coisa. Devia ter sete ou oito anos. Minha vida era ver desenho e chupar sorvete. A vida é tão simples quando a gente só se preocupa em ver desenhos e chupar sorvete. Acontece que certa vez o telefone tocou lá em casa e ele ficou puto. Botou uma camiseta havaiana e o revólver na cintura. “esse filho da puta não passa de hoje!”. Certeza que ele mataria alguém. Talvez um cara que tivesse na moita com a minha mãe. Dando em cima. Importunando. Ou só um vagabundo traficante ou assaltante de banco. Ele segurou minha mão com força e me colocou no banco de passageiro do carro velho dele e dirigiu até uma ladeira onde tava rolando uma banda de carnaval no bairro Educandos. Ficamos distante do frevo. Da muvuca. Acho que pra não dar manchete. A morte não faz alarde. A morte não gosta de enxame. “não sai daqui! Se eu demorar muito você corre naquele bar e fala que mataram seu pai”. E apontou com o braço preto para um barzinho chamado “dois irmãos”. Esse bar existe até hoje. Ele não era meu pai. Não tinha consideração nenhuma por ele. Só o respeitava por ser maior do que eu, mas no fundo o achava bobalhão. “A gente só chora quando é criança” era o que eu dizia para amigos do colégio. Então, ele acendeu um cigarro e saiu com todos os demônios na caçada de um cara e eu fiquei no carro escutando um hit qualquer. Tava com vontade de fazer xixi, mas fiquei segurando. E ele demorou, demorou tanto que tive que abrir a porta do Passat e urinar na rua mesmo. Uma mulher gorda e bêbada, muito gorda e bêbada, com

olheiras, bafo de cerveja e estrias no peito começou a me chupar. Meu pintinho não levantou. Meninos tem pinto. Homens tem pau. Ela chupou e depois virou o rabo grande cheio de purpurina na minha cara “morde meu rabo. Dá um beijo bem gostoso no meu rabão”. Eu mordi com tanta força que fiz xixi na calça e ela saiu pulando carnaval. Meu padoastro voltou com o nariz sangrando espalhando lodo vermelho na camiseta. Então comecei a chorar. Meus lábios começaram a arder muito. Acho que a gorda tinha passado pimenta no rabo. Chorei, chorei e meu padoastro disse pra eu não me preocupar, mas não tava chorando por ele. O tempo passou. Assassinararam meu padoastro com 8 tiros num motel da zona sul e hoje, já crescido, sei que o amor arde nos lábios por um tempo e depois some da vida da gente feito miragem. Feito uma gorda pedófila e bêbada que só quer pular carnaval.

Fabiane Guimarães | Jornalista e escritora nascida no interior de Goiás. Atualmente mora em Brasília. Aguarda a publicação de seu primeiro livro, *Pequenas esposas*.

memória

A cidade inteira só sabia amar o General. Por isso fincaram bandeiras a meio mastro em pano preto e choraram lágrimas gordas de besouro. Sobraram mãos para carregarem o caixão e, na cerimônia solene, deram-lhe de presente uma rua. Homenagem maior, num pedaço de sertão goiano, a placa que assinala uma esquina. Rua do General. Ninguém sabia o primeiro nome dele, nem o último, o que vinha além de tudo. Mas o amor do povo era assim anônimo.

Para confessar, no começo, eu não sabia sequer de onde vinha o apelido. Quando o General chegou já era velho, encardido e pequeno, com uma espessa cabeleira branca e a perna meio manca, troncha; não fazia, aos meus olhos, o tipo militar. Além de tudo tinha um sorriso fácil, um gosto pela cachaça de banana ao meio-dia, pelo futebol de domingo. Um homem simples. Forasteiro, mas simples. Talvez inspirasse ali algum respeito, e era isso. Um general de bons modos.

A notícia era que tinha terras, mas não cuidava delas, preferia recostar-se ali tranquilo, sempre no corredor das calçadas onde se erguiam as mesas de bar, com um baralho no bolso à espera de parceiro. Fazia piada com a fábrica de leite e queijo, dizia que amava o cheiro, que se lembrava das tetas da mãe; o cheiro que empestava tudo, azedo e cremoso. Nesta época eu não achava nada disso divertido, mas ria para o General me pagar outra cerveja. A fábrica de leite era dura, e meu pai trabalhava dois turnos para garantir-nos a comida. Eu tinha cinco irmãos.

Apesar de tudo, do falatório incessante e vazio de graça, gostava da companhia do General. Não achava, como o resto, que fosse um deus. Não me alimentava de seu dinheiro, não mais do que alguns trocados. Gostava de ouvi-lo suspirar, olhando para o nada, até escurecerem os olhos. Cedo demais compreendi que o General era um homem que todo mundo amava sem entender.

Ele devia ter lá seus setenta anos quando se casou com a Maria das Graças e assumiu, de papel passado e tudo, a Manoela. Pegou menina, viu crescer, era assim como pai mesmo. Eu, dezoito anos e cheio de desejos imperturbáveis, de namorico sincero e cristão, fui pedir a mão da Manoela em casamento. Estava suando frio. O General me via como um garoto leiteiro de bigode ralo, filho de operário, parceiro de buraco ocasional, companhia de boteco. Não me via como genro. E não me viu. Nem me ouviu dizendo que pretendia estudar, que Manoela seria rainha.

Segurou meu braço com força e disse, com a voz tranquila e morna, que podia me matar ali mesmo, depois dar de comer aos cachorros. Acreditei, porque houve medo.

Rompí com Manoela, gostaria de dizer que não por esse motivo. As notícias de seu pai me chegavam meio tortas, eu ressabiado estranhava o sentimento: tratava-se de um homem muito bom, que mandava construir igrejas e comprava cadeiras de rodas para os velhinhos do asilo, um amigo querido, o que pensava eu de sua conduta protetora e zelosa? Fiz as malas para estudar em Brasília, meu próprio pai não ajudou em nada, mas disse que sentia orgulho do seu filho que não iria cheirar a leite.

“Sabe, Augusto, qual é a maior esperteza do diabo?”, o General me perguntou uma vez enquanto jogávamos buraco, eu ainda tinha treze anos, ainda não namorava meninas proibidas. “O diabo, mesmo, nunca faz nada”.

Disse isso com um tom sério, amargo, depois armou um sorriso para disfarçar. Não me lembro do assunto em pauta. Talvez algo sobre as contendas religiosas que ele travava. Talvez sobre o meu nariz quebrado em uma briga de escola. O General era mais pai do que o meu pai que cheirava a leite. Até não ser.

Manoela me ligou duas vezes em sete anos. Na primeira vez, não atendi. Não queria alimentar nela falsas esperanças. Na segunda, trabalhando como escrivão em uma delegacia abarrotada, atendi por curiosidade. Ela estava chorando. Quase não entendi as palavras que chegavam atropeladas em um engulho só: meajudamatarammeupai.

Aos oitenta e cinco anos, enquanto cruzava pacificamente a pracinha principal, com uma sacola de compras nas mãos, o General tinha levado sete tiros. Cinco no peito, o resto na cabeça. O caixão

estaria irremediavelmente fechado. Eu disse a Manoela que iria para o enterro, sim, com certeza, dali a observar o festival de lágrimas de besouro, de bandeiras a meio mastro, de emplacamento de esquinas. O delegado local, conhecido meu, me colocou a par dos suspeitos: nenhum.

Uma execução completamente limpa.

Por dias, Maria das Graças e Manoela, recebendo-me com biscoitos e cafezinho, achavam que eu prestava considerações de luto com a posição de um especialista forense. E que, se pedia acesso aos documentos pessoais e rastros do General, eu o fazia para descobrir o culpado de sua morte, para fazer-lhes justiça ao resolver o grande mistério.

Foi só assim que eu descobri que ele se chamava Paulo Mendes de Fonseca Aguiar, formado na Academia Militar das Agulhas Negras do Rio de Janeiro, que tinha uma ex-esposa e três filhas na mesma cidade em questão; e só assim descobri que ele tinha sido um proeminente carcereiro com especialidade em correntes elétricas e banhos gelados; que adorava arrancar unhas e seu passatempo preferido era fazer os outros engolirem lâminas de barbear até cagarem o próprio intestino em retalhos.

Nem Manoela, nem Maria das Graças, ninguém deu muita atenção aos fatos recortados de jornais antigos que narravam o sumiço do figurão, dado como muito conveniente e depois disperso na atmosfera do tempo. Depois, me acusaram de não respeitar a história alheia e de acobertar assassinos que dão exatos sete tiros em homens de bem. A placa ficou, o amor restou sereno, indelével, pela alma do injustiçado. De minha parte, só posso compreender um pensamento, uma memória de leite despontando no céu da boca: o diabo, mesmo, não faz nada, nunca fez nada.

É que fazem por ele.

Mauro Paz | Escritor, publicitário e cineasta. Além da participação de diversas antologias, tem três livros publicados: *Por Razões Desconhecidas* (IELRS), finalista do Prêmio SESC de 2012; *São Paulo — CiudadExpressa* (Editora Patuá); e o romance *Entre Lembrar e Esquecer* (Editora Patuá), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2018.

parceiros

Faz uma semana que não saio do quarto. Abro a porta três vezes ao dia para receber café da manhã, almoço e janta. Ontem abri a porta no meio da tarde. Passei o braço pelo vão e deixei com a camareira as roupas do corpo mais uma nota de cinquenta reais. Precisava das roupas lavadas e secas o quanto antes. A praia estava vazia, disse a camareira. Sugeriu que eu saísse para um mergulho. Entreguei outra nota de cinquenta. Pedi um pacote de cem folhas pautadas e três canetas azuis. Por um bom pedaço da noite, olhei o teto até decidir o que escrever. Hoje comecei este relato, assim ganho tempo e o pessoal do hotel pensa que sou algum escritor excêntrico. É difícil acreditar que me tranquei aqui por medo.

Edgar sempre diz que nego feio e alto igual a mim não precisa ter medo de porra nenhuma. Besteira. Desde moleque eu sou assim. Edgar sabe disso. Na oitava série, Cesão, um marmanjo repetente, cismou comigo. Disse que eu abri o bico para o diretor. Como se precisasse. Todos os professores sentiam o cheiro de maconha na volta do intervalo. Sou cagado. Fiquei três dias sem aparecer na escola. Ficaria mais. Voltei porque Edgar quebrou o braço de Cesão num jogo de futebol.

É perda de tempo me comparar com o Edgar. Uma vez fomos ao centro de manhã para uma instalação de TV. Terminamos o serviço depois de uma hora. Estômago colado nas costelas. Entramos numa lanchonete perto da Avenida São João. Levantei o braço pra pedir: dois pratos do dia, duas cocas sem gelo, por favor. O garçom cabeçudo de queixo largo trouxe tudo empilhado na mesma bandeja. Edgar cortou um pedaço do contrafilé. Quando arrastou o arroz para fazer a mistura, um dente rolou sobre o prato. Era um pré-molar obturado com a raiz quebrada e sangue na base. Qualquer um

chamaria o garçom, o gerente, xingaria o cozinheiro. Ou até denunciaria a lanchonete para a vigilância sanitária. Edgar riu. Enrolou o dente num guardanapo e comeu tudo do prato. Sou cagado. Eu nunca mais comi arroz.

Edgar é o típico baixinho que encara tudo. Quase tudo. Detesta mulher feia. Na firma tem uma baranguinha chamada Veruska, trabalha no teleatendimento. Além de pintar o cabelo de vermelho e vestir umas blusas curtas que deixam a dobra de banha pra fora, a desgraçada tem uma voz aguda de morrer. Certeza que a empresa contratou pra foder com a vida de quem liga reclamando. Edgar não tinha nada contra Veruska, até trocaram as atendentes de sala. Na mudança, o Oliveira, do almoxarifado, encontrou uma foto do Edgar na gaveta de Veruska. Piada pronta. A foto acabou colada no mural com um coração de isopor e marca de batom. Edgar só perdeu a fama de namorado da Veruska semana passada. Eu não fazia a menor ideia que tinha câmara de segurança na escadaria do estacionamento. Boa parte do pessoal deve achar que eu sumi porque o vídeo vazou. Foda-se. Pelo jeito que Veruska baixou as calças e pegou no meu pau, não dava há um ano. Essa é a grande vantagem das barangas. Como Deus não ajudou no layout, capricham no boquete. Não fosse a história do filme, eu pegaria outras vezes.

Edgar sempre diz que quando faz merda, o melhor é agir como se nada aconteceu. Aposto que hoje pela manhã Edgar desceu ao depósito da firma, separou codificadores, modems, cabos e olhou a lista de visitas. Edgar sempre deixa para o fim do dia as visitas agendadas com nomes velhos, como Elza, Lauro, Décio. Velho não entende nada de TV e internet. É só remendar a instalação para funcionar por uns dias e dar baixa no codificador novo como se o tivesse instalado. A parte mais fácil do negócio é achar quem compre um codificador desbloqueado. Garanto. A gente vendeu mais de duzentos em três anos. Quatrocentos reais cada. Você compra uma belezinha dessas e nunca mais paga mensalidade de TV a cabo. Um bom negócio para nós e para quem compra. Para a firma, um rombo. Cada vez que ia ao banco depositar dinheiro na poupança, pensava na prisão. É lance temporário, dizia Edgar. Só o tempo de juntarmos cem mil para abrir um boteco no bairro e ficar de boa. Sou cagado. Na cadeia, nego medroso igual a mim vira a mulherzinha da cela.

Garanto que ontem o Jorge, do RH, ligou lá pra casa. Minha mãe não faz ideia de onde estou. Melhor assim. Edgar conhece bem Dona Marta. Seria dois palitos para descobrir o endereço aqui do hotel. Depois que deixei o bilhete sobre a mesa de Jorge contando como somem os codificadores, o clima na firma ficou tenso. Certeza. Pior ainda para Edgar. Além de responder um milhão de perguntas, está longe de saber pra onde fugi. Espero que nunca saiba. Não importa que eu dê a metade do dinheiro. Edgar não perdoa. Conheço bem. Agora quer as duas partes. Quer a minha orelha raspada contra a laje da calçada. Quer Dona Marta envergonhada pelo filho traidor. Sou cagado, Edgar não. Duvido que algum colega de cela toque na bunda de Edgar.

Santiago Nazarian | Tradutor e autor de nove livros, incluindo *Neve Negra* (Companhia das Letras, 2017) e *Biofobia* (Ed. Record, 2014).

a história do corpo

Como se houvesse realmente uma alma a ser libertada, o corpo ascendeu à superfície da água. Gases escapando do pulmão, bolhas à boca. Veio à tona como não conseguiria se ainda vivesse, ainda se debatesse, lutasse contra as ondas buscando uma saída, buscando a luz que vinha de cima, dos lados, onde estava a luz da superfície? Se o corpo ainda vivesse, não saberia, e enquanto dava seus últimos engasgos parecia tão difícil perceber o óbvio: em que direção nadar, para que nadar, como romper aquela linha. Agora que era apenas um corpo, tudo era mais simples. Nem a gravidade a puxar para baixo, nem o desespero a desorientar. Apenas os gases seguindo seu curso, a alma seguindo o fluxo. E o corpo vinha à tona como para zombar de um homem que se afogou.

Boiando com os surfistas, num final de tarde. Acompanhava as pranchas, rabeava-lhes ondas, era despercebido e deliberadamente ignorado, na mesma proporção; não era possível que ninguém não notasse aquilo. Ninguém queria se responsabilizar por um corpo que boiava entre ondas. Marcelo e Benjamin fingindo não ver. Manoel não vendo realmente. Cristóvão espichando o pescoço e se perguntando o que era aquele corpo, que hora vinha, hora sumia, inchado, disforme e esverdeado como um animal marinho. Há de se pensar que surfistas seriam mais solidários, mas ninguém tinha nada com aquilo.

Então, como corpo sem vontades que era, ele abandonou os surfistas. Como corpo sem vontade que era, ele seguiu correntezas contra as quais lutavam homens decididos. Apenas meninos. Um corpo sem vontade se deixou ser levado, como partículas, conchas e lixo. Enroscou-se em algas, acumulou areia. Levou mordiscadas de manjubas, nos dedos, nos olhos, nas calosidades dos pés. Então se cansou.

O mar o levou até a areia e o deixou lá. O mar recuou e o corpo agarrou-se à areia como o atrito de um surfista que não quer escorregar da prancha, agarrando-se à vida. O corpo ficou lá de

bruços. As costas viradas para um sol que já não era suficiente para esquentá-lo. Nenhum sol seria suficiente para esquentá-lo. E as costas permaneceram viradas para um sol que nem esquentaria um corpo vivo. Um banhista vindo à areia, encolhido, retorcido, oferecendo as costas aos pingos esperando que o sol o rendesse e o secasse, não. O sol não esquentaria nem mesmo um verdadeiro banhista e faria com que aquele corpo permanecesse como um pecilotérmico, menos do que um pinguim. Inchando e esvaindo-se após a morte com um pulsar de vida. Pulsando por gases e líquidos e animais marinhos que escapavam e o invadiam. A vida continuava dentro dele, sobre ele, por todos os lados, apodrecendo.

Há de se pensar que os urubus chegariam primeiro. Ou os siris, os caranguejos, beliscariam sua carne e o limpariam em restos. Mas havia tanto mais naquela praia a digerir. As partículas de vidas, animais esquecidos, aquecidos, pelo sol ressecados, decomposição em estágio avançado. Peixes, pássaros, crustáceos. Qualquer praia é um banquete para necrófagos e os urubus podiam esperar. Antes, o corpo era um autofágico, invadido por si mesmo.

De dentro, fungos e bactérias, larvas e vermes. Todos os silenciosos que sempre habitaram o homem vivente agora se alimentavam do corpo dele, de dentro para fora, de cima a baixo, consumindo o corpo numa luta vencida. Luta perdida. Os vermes que se alimentavam de um estômago que acabaria na boca de um urubu. As larvas que seriam consumidas pelos siris que ainda viriam. O coração na boca de um aquelminto, no estômago de um osteícte, no bico de uma gaivota... voando. O corpo em nada interferia. Permanecia com as costas viradas para o sol, como se manteria se ainda tivesse vida, com os mesmos vermes, as mesmas bactérias, a mesma luta dentro de si.

E quem era, o que pensava? O corpo não pensa. Apenas vem à tona, é levado pelas ondas, é consumido e rejeitado e aguarda um local final para atracar. O corpo estava lá. E quisera ser colocado embaixo da terra, cremado, crucificado, ressuscitado em três dias e três noites, não faria diferença. O corpo não tem vontades. Quisesse reencontrar antepassados, uma lápide para ser lembrado, tivesse comprado uma sepultura e escolhido uma música para seu velório, não lhe valeria de nada. E fosse jovem ou fosse velho, em forma ou

acima do peso, com traços harmônicos ou desgraçados, não seria possível dizer. Se comeu demais nas últimas semanas. Se voltou a frequentar a academia. Se absteve-se das drogas e da bebida, do cigarro e do açúcar, não faria diferença. Terminaria do mesmo modo, terminaria lá.

Com as costas para o pôr-do-sol, os urubus começando a rodeá-lo, não há mais possibilidades para o corpo; ou há uma infinidade de possibilidades, todas fragmentadas. A carne que é repartida entre irmãos. Os ossos que confraternizarão com as conchas. Seus parasitas que viverão novas vidas, novas mortes, os rastejantes microscópicos que encontrarão nova morada. Do corpo resta muito pouco agora. Do corpo não resta quase nada. O corpo tem apenas isso, apenas uma história. E essa história acabou.

Cynthia Kriemler | É carioca e mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de *Todos os abismos convidam para um mergulho* (Romance, 2017. Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2018); *Na escuridão não existe cor-de-rosa* (Contos, 2015. Semifinalista do Prêmio Oceanos 2016); *Sob os escombros* (Contos, 2014); *Do todo que me cerca* (Crônicas, 2012). E do livro de contos *Para enfim me deitar na minha alma* (FAC-DF, 2010). Organizou a antologia de contos *Novena para pecar em paz* (Editora Penalux, 2017). Escreve para a Revista Samizdat. Tem textos publicados em Mallarmagens, Germina, Escritoras Suicidas, Diversos afins, Revista Philos, Revista InComunidade e na Gueto.

hildegard

Ela sorri. E só isso já é um espanto. Faz tempo que ninguém a vê assim. Antes, os olhos sempre mortos, as sobrancelhas desistentes, a boca inerte. E de repente esse riso que ninguém sabe de onde vem. Espantoso, intenso. Como um deslumbramento.

A neve, a neve!, ela diz com excitação. Os dedos trêmulos apontam para a janela, acompanhados de mais um sorriso. Os olhos embaçados pelos anos estão vivos de novo, azuis como águas-marinhas. Eu queria estar lá fora na neve, ela continua. A mão enrugada se ergue e tenta traçar alguma coisa na vidraça embaçada. Mas desiste. Ela resmunga.

Eu fazia bonecos de neve muito bonitos. Você se lembra, Matilda?

A mulher jovem ao seu lado não se lembra. Nunca chegou a conhecer Matilda. Sabe apenas que era a irmã mais velha da mulher à sua frente, Hildegard Stern, sua avó, nascida Hildegard Adler, essa senhora de 83 anos que olha pela janela. A irmã que morreu no gueto de Theresienstadt, em 1942, como o restante da família. Assassinados.

Menos Hildegard. Uma dessas coisas inexplicáveis da guerra. Sobrevivente. Uma palavra tão cheia de significados. É isso que Hildegard é.

Depois da guerra, foi adotada por uma família judia que veio morar no Brasil. E cresceu com possibilidades. Todas as possibilidades que outras tantas crianças judias perderam nos trens da morte alemães, ou em fuzilamentos públicos, ou nas experiências daquele médico maldito.

A morte sempre vem, na sua busca cega e sedenta. Mas a existência, esse contraponto, também faz suas escolhas. Hildegard é uma escolha.

Isaac Stern. Esse o homem que se casou com ela. Um judeu que não conheceu a guerra. Que não sabia que a guerra é mais do que uma história passada. Foi feliz. Ela, Hildegard, a sobrevivente. Sem explosões de afeto ou de sonhos, mas foi feliz. Sobreviventes são criaturas discretas. Acomodou-se. Aceitou o jeito do marido, os negócios do marido, a casa comprada pelo marido, as joias dadas pelo marido, os silêncios do marido. Aceitou os filhos afastados pelo marido para colégios distantes, em países distantes. Só não se acomodou à saudade que sentia, e ainda sente, de Hanau, sua cidade natal. De onde foi arrancada pelos nazistas aos nove anos de idade. Última referência de um lugar legítimo em sua vida.

Todos os anos, pedia ao marido que a levasse à Alemanha. Ele ignorou cada pedido. Até morrer. Então, foi a vez dos filhos dizerem não.

Pra quê, mamãe? Deixa o passado pra lá! Por que você quer voltar a um lugar onde você sofreu tanto?

Porque queria. Porque ao contrário do que diziam aqueles rostos que ela começava a não reconhecer, ela tinha sido feliz naquela cidade distante em que havia pais e tios e amigos e Matilda. E neve.

Olha, Matilda, olha! Aqueles bonecos de neve estão muito feios, não estão?

A neta concorda com um aceno. Contendo-se para não dizer que lá fora só tem um parque cheio de sol onde crianças, pais e babás aproveitam uma manhã perfeita de verão. Contendo-se para não gritar Eu me chamo Erika, eu me chamo Erika, eu me chamo Erika!

Já faz um tempo que Hildegard tem delírios. No começo, Erika se assustou. Depois, chorou. Brigou com a idosa porque ela estava

vendo coisas, falando de pessoas que não estavam mais vivas. Então, rendeu-se ao que disseram os médicos. Que a memória presente seria cada vez menor. Que a lembrança dos lugares, das coisas e das pessoas do passado seriam cada vez mais comuns. Até que não houvesse mais memória alguma. Uma nova avó. Feita de esquecimento, depressão, choro, saudade. E de quase nenhum riso.

Por isso, quando Hildegard a chama de Matilda, Erika responde.

É verdade, Hilde. Você faz bonecos de neve muito mais bonitos do que esses.

Porque não dá mais tempo de levar essa senhora frágil para Hanau. Para brincar com ela na neve de verdade. Porque nem faria diferença. Mas porque ainda é possível conceder a essa criança da guerra uma ilusão feliz neste dia raro de sorrisos lindos. Antes que o tempo se apague nela por inteiro.

Ricardo Novais | É um boêmio... Talvez, um canalha... Sabe que a mulher é a vida; e a literatura é a morte. Não é escritor; é um autor por aí, entre a escrita, as casas sujas, a prosa e todos os bares; vivendo no discurso balofo, no ópio do povo e nas páginas já enodoadas. Autor do romance *O Boêmio* e dos livros de contos *Trem noturno* e *Perfumes da pátria*.

tijolo baiano

Uma garoinha fina caía gélida sobre os telhados desiguais e aleatórios do bairro. A rua, de um asfalto molhado e torto, era íngreme. Aquele bairro de pedreiros, de periferia, tão desassistido em suas construções engenhosas, era monitorado pela cobiça das pálpebras descarnadas.

César chegou em casa e beijou as filhas, a mais velha de três anos e a mais novinha contando alguns meses. Também beijou e abraçou a esposa; e foi à porta de casa tomar cerveja com o amigo Bicudo, um velho colega servente de pedreiro nas obras de alvenaria dos bairros mais elegantes. Os homens da periferia constroem os sonhos dos barões longe da construção de suas próprias casas.

A cerveja barata estocada no muro de uma calçada vulgar, numa esquina sem inspiração da rua íngreme. Entornaram oito garrafas. Depois viraram dois xotes de pinga, pinga feita em indústria cafajeste.

— Bicudo, vou entrar pra casa, cara. Já estou meio chapadão... E amanhã vou levar as meninas no shopping com a patroa...

— Porra, bicho! Deixa de ser bicha, carai!

Entornaram mais duas ampolas. A hora ia longe, o tempo passa mais rápido na periferia. Cada vinte minutos em um bairro suburbano equivale a uma hora e três vidas de uma circunvizinhança elegante.

De repente, parou um carro na esquina. Desceu um homem e foi para cima do Bicudo. César, que era baiano e leal, entrevistou a acudir o amigo. Outro homem apareceu e o empurrou, ele se desequilibrou e bateu a cabeça na guia. Caiu inconsciente como uma demolição de casa velha quando a especulação imobiliária quer criar sonhos mais sofisticados.

Não pense o leitor que César estava morto, os homens que nascem na Bahia demoram mais para entrar nas estatísticas; embora a estatística teime em formar nuvem pesada sobre o céu dos subúrbios. Começou uma confusão. Vizinhos, tão apressados como juízes extrajudiciais, levantaram as orelhas cheias de cera, sopesaram na velocidade de um post do Facebook e correram à briga. César seguia caído, desacordado, entre a calçada áspera de cimento batido e o asfalto molhado; não havia sangue na superfície, mas via-se uma luz branca no meio da escuridão. Era o relógio de César sendo retirado do pulso, depois foi-se o celular e a carteira.

Um magistrado comum de rede social monocrática chegou, analisou o caso, julgou e sentenciou: Pisou na cabeça de César. Pisou com força, com raiva, por certo, com um ódio tão fútil como a corrente prateada que utilizava pendurada no pescoço. Depois o homem pulou sobre a cabeça de César, chutou-lhe a frente, os olhos, a boca, o estômago, o tórax. Chegou mais gente, todos julgadores monocráticos, embora emitissem aresto em colegiado. Por fim, chamaram a polícia. Veio uma ambulância com a sirene desligada como se já estive em luto. A mãe de César foi avisada do motim. Chegou a velha e viu o filho baiano derrubado vomitando sangue, com os olhos inchados, pálpebras arroxeadas. Irrefletido como a mente de seus julgadores. Estado de inconsciência.

No hospital público, na mesma periferia próxima, César deu entrada na UTI. Ficou no hospital por uma semana completa, sem sair da UTI, com um trauma no crânio, tubos por todos os pontos do corpo e uma infecção hospitalar que vingou em uma grave pneumonia.

Era traumatismo craniano, doutor leitor clínico geral e doutora leitora cirurgiã; e lesões por várias partes do corpo e coágulos internos sérios. O estado clínico era grave, gravíssimo! César morreu.

No IML, não havia dinheiro para o funeral. Sabe-se que a construção civil remunera o operário com meia colher de pedreiro. Um amigo da família, ligado à política e mestre de obras, tirou a memória do pedreiro baiano da indignação; pagou-lhe um enterro digno.

O pai de César, que havia transmitido o gene da profissão ao filho, retornou de viagem, às pressas, da Bahia. A família do julgador

monocrático, jovem suspeito principal de ser o executor no motim, embora houvesse uma dezena de carrascos da pena capital, veio ter com o pai de César; a mãe e o pai do jovem carrasco, como se quisessem se passar por pessoas de bem que reconheciam o erro terrível de um filho bem-criado, prometeram fraldas de presente às filhas do morto. O velho baiano teve raiva, uma raiva contemplativa. Chorou pelas netas toda a garoa fina e gélida que caía naquela maldita cidade.

No jazido do defunto, lia-se na lápide: Bom filho, pai de família e um irmão leal. César era o segundo de cinco na linhagem da família de pedreiros retirantes do nordeste brasileiro, aqueles pobres-diabos que sobrevivem tijolo por tijolo e têm a esperança da mesma cor dos tijolos baianos que usam nas construções das grandes cidades.

Restou ao velho pai contar com os dedos amarelos as folhas do boletim de ocorrência policial, as promessas de investigação criminal, as derrotas de uma vida que vale menos que um saco de cimento rasgado; contou ainda duas fotos das netas dentro da carteira de trabalho do filho morto, uma mulher desamparada, duas camisas surradas do Corinthians e cinco reais de um bilhete de coletivo.

poesia



Diniz Gonçalves Júnior (paulistano, 47 anos) | Autor de Decalques e Concha Acústica, em parceria com o ilustrador Marcelo Rampazzo.

cinco poemas

I.

a credito que a esquina
é uma dobra no pensamento
e as rugas escamas de peixe
nubladas pela água suja do aquário

o convite pro cinema um devaneio
de quem trança as pernas
invertendo as placas dos carros
o tempo alfabeto de impossibilidades
num fluxo de rio coberto pelo asfalto

chovem chaminés das fábricas
notícias de amores
de pedra-pomes
dissolvidos nas banheiras
dos motéis da ricardo jafet

II.

não foi o devaneio
das águas breves
que pousaram na calha
da avenida

madrugada

luzes míopes refletidas
na lataria dos carros
incêndio nos olhos trágicos

à beira da ponte
sirenes anunciam chacinas
e queimam asfalto até o IML

III.

que a chuva lave
aquilo que vela
fotos reveladas

nos silos de chumbo
depois da quarta camada de areia
desaparece o traço do navio

a lembrança da imagem
que insiste em refazer as margens:
dias expulsos do calendário

IV.

na São Bento, os fantasmas
entre a ferrugem da marquise
e os passos enviesados
rente à escadaria

o senhor de panamá
pisa na água suja e
lamenta a loja fechada
1935, El Sombrero
finda um tempo

arabesco, espelho mofado
o relógio de ponta-cabeça
em ato contínuo, silêncio
tecido nessa noite de garoa

v.

mudei de calçada:
a esquina é a
dobra da rua,
uma rasura,
traço ao acaso
asfalto que apressa os passos
de um calendário magro
um tropeço, engano
blefe de baralho fajuto,
uma cuspidada
que volta ao rosto
um corpo estático
pendurado na
escadaria da 23 de maio

Marília Miranda Lopes | Nasceu em Portugal, no Porto. Dedicou-se ao ensino da língua portuguesa em escolas públicas secundárias e à composição de canções que interpreta em quarteto. Escreveu, até ao momento, *Poesis em Oásis* (Ed. Autor, 1990), *Framboesas* (Teatro para a infância, Ed. Autor, 1996), *Geometria* (Poesia, Ed. Autor, 1998); *Templo* (Poesia, Coleção Tellus, nº10; 2003); *Duendouro — Era uma vez um rio...* (Teatro — Edições Afrontamento — livro incluído no Plano Nacional de Leitura e levado à cena na região Norte — 2007), *Castas* (Poesia, Edições Cadernos Q de Vien, Galiza, Espanha, 2012) e *Victorianas* (Poesia, Edições Labirinto de Letras, 2015). Tem participado, com poesia e prosa, em revistas literárias e antologias.

brilhos, brocados, copos de cristal

Brilhos, brocados, copos de cristal
pirilampas nos cabelos

Desenterrais-me o olhar
das vossas cabeleiras com pérolas

Junto à porta ainda sinto o sufoco
a carruagem desenfreada, rua fora
o baile dos vagalumes
nas cabeças

A noite avança

Cofiam-se bigodes fartos, já sem políticas cartolas
Trincha-se
leitão luzidio, morto na travessa

Há toda uma armação
uma dobradiça que vos acompanha
para que vos senteis, elegantes, à mesa

O animal fumega

A violeta de Parma exala dos colos
! Ó femmes fatales!

(Comentais, entre risos, que Georges Sand prefere
ouvir Chopin com patchouli)

Não ouvis, lá fora, os acordes do povo sufocado
As execuções carecem de âmbar ou baunilha
Cheiram a carne assada. devoram
a liberdade absoluta.

electrifico-me

Electrifico-me
nos passos na curva incerta
Choque entre agulhas — veias —
— caminho de ferro rumo a ti

Estremeço onde o sono me tem
na paragem
da ausência

Depois acordo dentro da vitrine
Século — tentáculo cujas pernas
se lançam para o exterior
em surto de ramos luminosos
onde as aves caem
electrocutadas

Grito
Eco — sede — ferida
nesse teu voo alucinado

Vens em sonora
água em derrame
sobre o fumo

Voas sobre a fuligem deste tempo
onde te perco.

terceira margem

Naquela tarde saía, pela terceira vez,
com a terceira margem suspensa nos rios que deixava.

Era um golpe que se revelava a mais frágil presença
entre os maxilares,
cansados de articular palavras defensivas.

Lembrava-me da ponte atravessada
numa infância onde o medo ficava
a uma altura considerável.

Teria então gostado que Bird Millman me visse
a sorrir, tão descansadamente,
diante da fúria do veículo.

Não via o abismo, nem a morte.
Via vida:
o Sol pulsava com os seus mares ardentes,
a cidade estalava, férrea, debaixo dos pés descalços.

Aí se refez a intacta certeza
de haver em mim lugares habitados
por alados membros

sem vertigens.

tombam as horas

Tombam as horas no soalho, ecoam os minutos no ouvido
e não adormeço

Há uma noite que me chama atormentada
Um vazio que se reproduz, já biológico
neste frio, neste embarque

Tenho alguns dedos sem pinta de sangue
porque a chuva do meu pânico
é não saber quando vai parar este que bate

Congela-me, pois, num saco de plástico
ó tempo pulsado na escrita brusca
ou no estampido de um amor que se extinguiu
uma vez aceso no explodido negro

Desata-me de ti, valida o bilhete sem volta
Oblitera a minha identidade que desconhece
outra forma menos abrupta
de me soltares

Assim, os acontecimentos vão passando
com menos gravidade do que antes

O aço estala na gare

Há tanto gelo.

Henrique Rodrigues | Nasceu no Rio de Janeiro, em 1975. É formado em Letras pela Uerj, com especialização em Jornalismo Cultural pela Uerj, mestre e doutor em Letras pela PUC-Rio. Trabalha na gestão de projetos literários no Sesc Nacional. É autor de 13 livros, entre poesia, infantis, juvenis e o romance *O próximo da fila* (Editora Record), publicado também na França.

o trem

Na linha que seguia até sumir
Depois da curva ao longo desses trilhos
Eu esperava um trem que não passava
(Ou que passasse e, por alumbramento,
Sequer tenha notado, ou mesmo ouvido).
Restou, silente, a espera pelo próximo.

E tendo me escondido na estação
Com a distração dos outros passageiros
(Acompanhando as suas despedidas...),
Nas noites me encolhi de resignado.
Até quem em certo estio dessa angústia
Na curva um som de trem se aproximava.

Parado, tinha as portas semi-abertas
(Não sei se por algumas incertezas
De receber um novo passageiro;
Mas refletia a minha hesitação
Em ter de abandonar local seguro
E me lançar além do que enxergava.)

Já longe, à profusão dessa paisagem
— Paisagem que até hoje me acompanha —
Mesclou-se algo que, então, reconhecia.
Seguro e vulnerável no vagão,
Estranhamente eu me identificava:
(Achando-me-perdi, mineiramente.)

Tão nova e vaga e longa essa viagem...
Nem mar nem rio ou céu longínquo e claro
Ou qualquer ânsia onírica que fosse
Se equiparava àquela transcendência,
Que, mesmo construindo uma distância,
Modificou a vida que eu levava.

Parti sem ter ciência do destino,
Ao qual me lancei cego e voluntário,
Sem pressa de parada ou desembarque.

Até que eu mesmo me tornei o trem,
Que vem se aproximando pelos trilhos,
Enquanto, na estação, você me espera.

Lisa Alves (1981, MG) | Escritora e mora atualmente no Rio de Janeiro. Faz parte do conselho editorial da revista de poesia e arte contemporânea Mallarmargens, é coeditora Liberoamerica (Espanha) e resenha livros para a revista Incomunidade (Portugal). Têm textos publicados em diversas revistas, jornais e páginas literárias no Brasil, Espanha, Portugal, Moçambique e Estados Unidos. Tem poemas publicados em onze antologias lançadas no Brasil, Argentina, Uruguai, Espanha e País Basco. Publicou em 2015 o livro de poesia *Arame Farpado* (Lug Editora, RJ), relançado em outubro pela Editora Penalux.

[cartas para o mundo]

Eu era todos: a menina do tabuleiro, o cientista e a sombra.
Nós todos éramos ultravidas — ninguém conhecia a direção do outro ou qual a matiz predileta.

Eu ouvia seus zumbidos enquanto travavam suas missões.

Eu reconhecia seus pensamentos, seus sistemas digestivos [e os seus tutanos.

Eu era todos: varão e fêmea, domínio e servilismo, guerra e silêncio.
Nós todos compúnhamos uma orquestra de músicas mestiças e marchávamos em fios ou nos estreitos paredões.

Eu era todos: guarda-chuva, estepe e carrinho de mão.
Éramos os substitutos, os do final da fila, os stand-by.
Sem mais.

Eu era todos: rins, tesoura e pedra.

Filtros, cortes e lapidações.
Editados pelos comerciais de um dia feliz.

Eu era todos: o carbono, o silício e a saliva fluída da boca esfomeada ou gananciosa.
Eu era a fila para lugar nenhum e o orifício certo.
Eu era a multidão.

Jerome Knoxville | Antipoeta e editor do gueto.

esta noite estaremos todos mortos

[tiraram tua liberdade e negaram
teu futuro, destruíram teus sonhos;

pisaram sobre teus filhos enterrados
na terra que te roubaram;

teu mundo é mais um dos mundos
violados — o capitalismo mata todos os dias;

logo tu também estarás morto e
ninguém enterrará teu corpo]

*nosso mundo é mais um dos mundos
que já pereceram
vivemos sobre seus escombros
entre irmãos-ratos e irmãos-porcos*

Tito Leite | Nasceu em Aurora-CE (1980). É poeta e monge, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Têm poemas publicados nas revistas Mallarmargens, Germina e na portuguesa TriploV. *Digitais do caos* (selo Edith, 2016) é o seu primeiro livro. É curador editorial da Revista Gueto.

conflitos

Eu habitava comigo
como se a sonoridade do meu nome
fosse um origami
na aurora de cedro.

Eu me perdera de mim
como se a queda
fosse de mármore
e no bem que ganhara
perdesse a direção.

A curva.
O baque,
o presságio
de uma ilusão.

Era de granizo
a procela que feriu
e depois partiu.

Era poético
o corpo que suportou
e depois metaforizou.

Era um sabre
no bolso a vontade
de qualquer estrada
que desaponte
as evidências,

como se na letargia
dos cétricos pudesse
acordar sem acreditar
na fealdade
dos porões bestiais.

Cinthia Kriemler lê o poema no link: http://bit.ly/poema_tito

Bianca Garcia | Diretora editorial da Macabéa Edições, estudante de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e escritora nas horas em que a palavra permite transcender as linhas do papel. Acredita que o útero é o punho erguido das mulheres na escrita.

auto-colagem

Palavras avulsas no jornal
cambaleiam feito ônibus
não há seres alados
padece ônus midiáticos
melhor prevenir a colisão corporal
a maçaneta só gira para um lado
olhos grandes gritam assustados:
vândalo é o estado!
estrada mão dupla corre devagar
simpatia para chamar dinheiro
chora a voz rouca:
vândalo é o salário!
o incêndio só ocorre quando convém
as linhas da mão estão apagadas
ingênuo é perambulante de vagão de trem
horóscopo não dá desconto
o fim está próximo
vândalo é o mapa astral.

Tereza Du'Zai | Natural de Itajaí, SC, é poeta, contista, cronista e professora de Língua Portuguesa e Literatura. O tempo, a loucura, a solidão e a morte são temas recorrentes na obra de Duzai que, desde 2015, tem se dedicado, também, à literatura fantástica e gótica.

brasil

Em Lisarb existe uma máquina de triturar sonhos,
Com dentes humanos,
Movida por um grande braço de dor.
Em seu corpo, vermes holográficos
Deslizam contorcendo-se em vórtices
Engolidos por uma grande mola propulsora
Que os transforma numa massa uniforme,
Modelável, humana.

mudez

Desprezo o silêncio,
mesmo o mais diabólico,
a quem dedico o pior de mim.
Desprezo seus nervos, sua respiração,
deixo-o, porém, que deslize por minha língua, que desça por minha
garganta,
e adormeça em meu peito,
Deixo-o,
este assombroso asilo de morcegos,
apenas para que eu possa cavalgar
e errar,
e errar,
e errar.
In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.

Marcos Vinícius Almeida | Escritor e jornalista. Cresceu em Minas, mas vive em São Paulo. Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, é autor do volume de contos *Paisagem interior* (Editora Penalux, 2017). Foi um dos vencedores do Prêmio Ufes de Literatura por duas vezes, nas edições de 2010 e 2015. E-mail: mvalmeida.7@gmail.com

deus acima de todos

O Deus de Abraão do Antigo Testamento que destruiu cidades com ira, ou do sermão da montanha, do perdão e da caridade?

O Deus dos Judeus?

Ou aquele do profeta Maomé e dos Islâmicos?

O Deus ressuscitado dos Evangélicos ou o reencarnado Deus dos Espíritas?

Será só um?

Os múltiplos deuses das mais diversas etnias indígenas ou aquelas forças ancestrais de caboclos e pretos velhos da Umbanda?

Os orixás negros do Candomblé?

Ou o silencioso Deus dos Budistas?

Qual Deus?

O Jeová das testemunhas?

O Demiurgo mau dos gnósticos? Ou a suspensão da crença dos agnósticos?

O Deus morto de Nietzsche ou a serena descrença dos ateus?

Um Deus acima da verdade e Ciência, acima da Lei, da Liberdade e da Ética?

Qual Deus?

O Deus dos pecados e da fúria ou o Deus da tolerância irrestrita?

Um Deus que esmaga?

Haverá espaço pra todos?

Luis Vassallo | Paulistano e trabalha como designer gráfico. Publicou o livro de contos *À beira do lar* e o romance juvenil *A grande viagem do conhecimento*, ambos pelo Selo Off Flip, além dos livros infantis *O livro das portas*, pela Editora Patuá, e *Guerra aos livros*, vencedor do Prêmio Off Flip 2018 na categoria infantojuvenil.

a bala das nossas crianças

A bala das nossas crianças
será sabor chumbo,
de calar vagabundo,
e vai ricochetear suásticas
na pele de feminista-gayzista-abortista.

A bala das nossas crianças
será saraivada de general nas escolas
e hino nacional para matar aula de filosofia
com o brado retumbante
da nossa ditadura amada,
idolatrada,
salve, salve.

A bala das nossas crianças
vai edulcorar a tortura,
queimar boca de jornalista,
lambuzar bolso de empresário.

A bala das nossas crianças
será embrulhada no papel brilhante ulstra
da constituição sem povo,
da terra sem índio,
da cota sem negro,
do trabalhador sem direitos,
do meio ambiente sem ambiente,
só meio mesmo, de ganhar dinheiro.

A bala das nossas crianças
será para consumo imediato
e já vem no pacote de ódio
do Brasil de bem,
indefeso e inocente,
e que só atira
a partir dos cinco anos.

Diego Oliveira dos Santos (1992) | Natural de Fátima na Bahia. Tem alguns poemas publicados em livros na internet e em 2016 participou do Mapeamento da Palavra do Estado da Bahia, tendo um de seus poemas impresso com o pseudônimo Di Graveto.

VOZ

Eu vi a pele no vidro
Solta no meio dos carros
E o sangue tingindo a roupa
Entre as pontas de cigarro.

Eu vi por dentro da morte
A mão por trás do revólver
O corpo negro era o meu!

O alvo
O ponto
O gatilho!
Tem filhos?
Tem sonhos?
Família?
Bicho feito pra matar!

Chacina
Assassina e cala!
A faca, a ferro, à bala!
Morto não vai falar!

Eu vi o sangue jorrando
O sangue era o meu
Corria nas nossas veias
Gritava em nosso peito
Corria frio pelo chão!

A bala! As balas! Embala
Joga na vala, caixão!
O grito subiu o morro!
Ou resisto, ou fujo, ou morro!

Quantos corpos cabem nessa conta?
Quantas vozes, são caladas?
Quantos tiros são precisos
Pra se morrer de verdade!

Não morre, não morre nunca!
A pele, a cor e a luta
No sangue
No peito
Na voz!
Socorre o morro pede socorro!
Dandaras
Marias
Tantas, tantos
Tantas...
Marielle Franco:
Somos todos nós!

a noite

E^u
Negro.

A noite repousa sobre minha carne.
E as estrelas correm em meu sangue!

A carne que cobre meus ossos
Ossos, pro cão, do abate.

Eu
Negro.
Do morro, do beco, da favela!
Caminho em passos vigiados!

O mar ainda está revolto
É o céu ainda está fechado!

Corro...

Na mata sou filho de Oxóssi!!!
Nas ruas lansã me guia!
Na chuva fina me lavo!

Armo meu cabelo, alto!
Fecho meu corpo à tuas energias!!
Se danço meu corpo é serpente
De fogo sob o sol que arde!

Eu
Negro por dentro e por fora!
Sou fera que faminta devora!
O dia como faz a noite!
Eu sou a noite!

Fabrcio Marques | Jornalista e escritor. Foi editor do Suplemento Literário de Minas Gerais e trabalhou em outras publicações de Belo Horizonte. Publicou, entre outros, *Uma Cidade se Inventa* (Scriptum, 2015), *Wander Piroli: Uma Manada de Búfalos Dentro do Peito* (Conceito, 2018), e *A Máquina de Existir* (poemas, Pedra Papel Tesoura, 2018), de onde foram extraídos estes poemas.

false start

Os olhos organizam a paisagem
no momento em que a manhã,
bloco bruto de granito,
lança seu manto branco de espanto
sobre o dia em transe e em trânsito.
No parque o velho passeia com a cuidadora
de frente para o jardim em que predominam flores fúcsias.
Crianças disputam uma bola preta pintada de dourado
mas que pode ser ouropel (sem nenhum desdouro).
Filandras se agitam como ondas azuis e crinas
sombra projetada ao meio-dia.
Tantas cores confundem e azucrinam,
mais uma vez o sol leva o crédito
pelo amarelo e seu repertório de alegrias.

A tarde range sua turbina iridescente
e repõe a dura luz do vermelho.
Em diversos pontos da cidade
as pessoas não param de funcionar.
Sentado no banco da praça, o vendedor
de enciclopédia pragueja contra a tecnologia.
O geólogo vê ao fundo a montanha
e se esforça para imaginar o mar do qual ela se ergueu,
índigo mar que reflete raios de acrílico serpeando sobre as águas.
Ele, o geólogo, hesita em dispensar de seu campo de visão
o verde em unísono das árvores em torno.
Elas, as árvores, se fazem notar

como se em riscos erráticos mas definitivos
a nau grafasse, antes do naufrágio,
sua presença na superfície.

A noite conserva a conversa entre as cores
antes que o cinza empedre
o que foi salvo do dia.
A violácea membrana da noite
turva a volta para casa
do banqueiro com dedos gastos pelo manômetro.
Longe dali, o mineiro cava fundo na lavra a céu aberto
e o salário dele garante o passeio do pai no jardim de flores fúcias.
Um tranco na alma avisa que
o ciclo pode se interromper a qualquer momento
como um cavalo que refugasse na corrida
e voltasse para o início
(nunca é o mesmo de antes)
quando todas as coisas recomeçam e recomeçam e recomeçam
desta vez em um mundo flutuante que admite
o cinza contra o cinza,
o cinza contra o esquecimento.

felizes

Felizes os felizes.
Felizes os infelizes.
Felizes nós, que não somos eles.
Felizes eles, que não são nós.
Os de passagem. Os terra à vista.
Os de pé descalços na areia.
E a multiplicação da noite,
o mistério antes de ser descoberto.
O silêncio depois da Criação.
Os átomos todos, em estranha harmonia.
O beijo sem nódoa, evidentemente.
Feliz a vista do outeiro. O sonho na neve.

O passeio na angra. A chuva no campo.
O orvalho na terra. A paisagem no preto.

Felizes, nessa ordem,
o sábio brâmane,
o cavaleiro templário
e o pirata de chapéu tricórnio.

Um flamingo
— que acabei de inventar —
ergue o pescoço e morde
a parte mais frágil
da tua pele.
Mesmo mordida
por um flamingo imaginário
eras feliz, e sabias.

Feliz o afeto: é de quem pegar primeiro.
Feliz a grandeza
que chegou antes que a miséria.
Felizes a canção e o sol
que não estão nos autos.
Feliz a vida
que não tem jurisprudência.

Felizes os felizes.
E muito mais felizes os infelizes,
sempre prontos a confundir uns e outros, nós e eles.

trocas

Como pássaros em bando
que migram de um país a outro
atravessam o Mediterrâneo
escolhem um ponto no horizonte
e seguem na direção contrária

deixo no meu seu olhar
deixo no seu meu coração

desse alto ouço o sino o rufo da chuva trêmula na relva
vejo as cinzas da bandeira os espojos da pátria
a quaresmeira desgalhada
os guizos a hiena descontente o espantelho
ao fundo tocam um *spiritual*

de um país a outro
numa troca de olhares
resolvemos séculos de atraso

o Mediterrâneo vai ficando pra trás
no princípio era o verbo era o Lácio
noutro princípio eram fantasmas
exaltados no assoalho

Escolho um ponto no horizonte
pra trás fica a civilização
à frente o vazio o delírio
um poema sem valia me socorre

ah *spiritual* ah cachaça ah vastafala

ser esses pássaros em bando

existir nessa chuva que não para

saber um poema sem valia
ainda vale

Marcos Siscar | Nasceu em 1964 (Borborema-SP). É poeta, tradutor e professor da Unicamp. Publicou os livros de poemas *Não se diz* (1999), *Metade da Arte* (2003), *O Roubo do Silêncio* (2006), *Interior via Satélite* (2010) e *Manual de flutuação para amadores* (2015), entre outros. Tem livros traduzidos na Argentina (*No se Dice*, 2003), na França (*Le rapt du silence*, 2007) e na Espanha (*La Mitad Del Arte*, 2014). Participa em antologias de poesia brasileira publicadas na Argentina, França, Portugal, Espanha, EUA, Bélgica, Inglaterra, Alemanha e Hungria. É tradutor de Tristan Corbière, Michel Deguy e Jacques Roubaud. É também autor de vários livros ensaísticos sobre filosofia francesa e poesia.

pietà a viva

Você é a viva sim. A que recebe e ampara a que acusa e abandona. A que se projeta adiante com o corpo feito um bólido futuro um corpo erótico de puro desejo de improvável engenharia.

E eu já sem órgãos um esboço um contorno todo roído um vazio preenchido pelo escuro. Uma atmosfera na qual não estou. Apenas minhas vestes de gás eu vejo desfazendo-se no azul.

Ou então sou eu que vivo. Que estou vivo no seu corpo agora como uma encarnação ilegítima. Com um rosto em suma falso uma pele desejada uma fraude prevista. Esta que aqui

se consuma. Então nossos lugares estarão trocados nossos rostos trocados. O oco que habitamos vem se deixar habitar. Um espaço vivo como se um vazio recíproco

graças ao qual

isto não é um documentário

É sempre mais difícil lamber o fundo de um prato de sopa. Sobretudo quando se tem nariz comprido. Caros amigos não debochem da fome alheia. Ela foi feita à sua imagem. Vejam quantos versos espirrados na parede. São versos sinceros? Poderiam ser seus? Vocês decidem. Vocês sempre decidiram. Mas hoje não vai ter moqueca de poeta. Vocês tiraram a sorte grande. O poeta entortou. O poeta mordeu a língua. A poesia encarquilhou. Resta apenas lamber o prato. A verdade que nos servem é indigesta. Vocês são péssimos cozinheiros. Seu real é nauseabundo intransitável claustrofóbico. Eu quero ar. Caros amigos que nos servem a vida em prato raso é para vocês que escrevo. É sempre mais difícil lamber o fundo de um prato de sopa. Especialmente em público.

cuspiendo contra o vento

mesmo em plena ditadura
algumas crianças brincavam
crianças brincavam de cuspir
exercitavam cuspe à distância
deixavam marcas no muro
faziam barreira a formigas
misturavam barro no pó
cuspiam como falavam
crianças cuspiam sem desdém
sem ódio sem ferocidade
não escarravam em alguém
então as armas eram outras
e crianças quase sem porquês
crianças brincavam com cuspir
cuspiam como falavam
jogadas no mundo crianças
cuspiam com o vento crianças
conheciam o que era o vento
não cuspiam contra o vento
tinham os olhos bem abertos
talvez fossem apenas crianças

(outubro de 2018)

Sara F. Costa (1987) | Nasceu em Oliveira de Azeméis. É licenciada em Estudos Orientais e Mestre em Estudos Interculturais: Português/Chinês pela Universidade do Minho em parceria com a Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin, China. Tem recebido vários Prêmios Literários nacionais na área da poesia. Participou no Festival Internacional de Poesia e Literatura de Istambul 2017 e em 2018 fez parte da organização do Festival Literário de Macau e do Festival Internacional de Literatura entre a China e a União Europeia em Shanghai e Suzhou, China. Traduz poesia chinesa para português. Livros publicados: *A Melancolia das Mãos e Outros Rasgos* (Pé de Página editores, 2003); *Uma Devastação Inteligente* (Atelier Editorial, 2008); *O Sono Extenso* (Âncora Editora, 2012); *O Movimento Impróprio do Mundo* (Âncora Editora, 2016); e *A Transfiguração da Fome* (Editora Labirinto, 2018).

ni hao!

Quereria dizer *ni hao* estou muito contente
por estar aqui
mas toda a gente sabe que só a pele
é expatriada.
tudo o resto pede retorno, os ossos
as veias, os traços mais poluídos
dos sinogramas.
toda a gente quer dizer *xiexie*
mas não me sinto grata
por cavalgar o búfalo taoista
na parede do templo,
rodopio *yin yang* da minha frágil convicção.
toda a gente quer dizer *jiayou*
mas não há combustível
para dessincronizar os sentidos.
há apenas este atravessar de estrada sem tons,
este sabor a moedas,
este odor ao incenso do corpo.

vou de bicicleta de encontro ao poema,
como um Herberto Helder taoista.
de que me serve este passado ruivo,
esta voz a cigarro,
estas corridas em direção aos poemas,
de que me serve o poema por debaixo do rosto.

| poema do livro *A Transfiguração da Fome* (Editora Labirinto, 2018). |

Yuri Pires | Nasceu em 1986 na cidade do Recife, em Pernambuco. É autor dos livros *O Homem e o Seu Tempo* (2014), *Fábrica de Heróis* (2015), *Artificio* (2016) e *A pedra* (2017).

sujeito

Quem sou?

Alusão ao Desejo?

Ilusão de unidentidade?

Equilíbrio de paradoxos?

Esconde

a praia

areia

de

castelo

na praia

ao longe.

Em qual lado da janela?

Palmilhando qual estrada?

Quem fala quando penso?

Imperativo de ser;

não sou: voo.

Luiza Nilo Nunes | Nasceu em 1989, em Porto Alegre, e vive em Portugal desde a infância. É licenciada em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e mestre em Estudos Editoriais pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Escreve poesia e ficção. Edita a revista literária Tlön. Recentemente traduziu uma das obras da poeta chilena Teresa Wilms Montt, livro a ser lançado em breve.

acordo com a boca iluminada

A acordo com a boca iluminada pelas pérolas da morte
e o meu sorriso é uma sinistra floração,
impetuosa gargalhada a atravessar a eternidade

Acordo inteira para o luto das manhãs
como um fresquíssimo cadáver,
com este corpo de mulher a rodear-se de corais
e esta cabeça baptismal que se levanta finalmente das águas

Quando as ervas amanhecem sobre a casa
e os galos sangram sobre as fúnebres artérias do meu sopro
Quando as larvas adoecem a roseira do outono
e a luz estala por mistério sob a língua
Ou quando range bruscamente este infecundo coração
eu quero apenas sucumbir sobre o teu rosto de
rapaz evaporado entre flores,
alvorecer em tuas mãos como um junquilha
e atravessar sobre um cavalo muito negro as regiões
bombardeadas do teu sono
onde despontam as amoras dos defuntos

Por vezes tenho aves esmagadas sob as plantas dos pés
Por vezes sofro e apodreço como um anjo
vascular,
um animal renunciando sobre a neve
e só levanto quando o sol é um batimento de chicotes,

uma lâmpada enfiada nos pulmões,
um flash branco a impregnar-se nos meandros dolorosos
dos ossos

Por vezes posso ouvir-te do outro lado da parede tumular
Posso escutar-te quando as águas estremecem
Quando à sombra já fraqueja o veio amargo do sorriso
ou quando à boca desaguam sangradouros,
bandos lívidos de pombos que debicam os nossos
sexos por baixo
e nos descarnam os espíritos
— Os peitos que inauguram o amor dessas crianças
em exílio, que aceleram o bater de uma
cardíaca necrose

Mas à hora em que as cortinas esvoaçam
e os quartos ardem como altíssimas fogueiras em seus
haustos menstruados
e um ar velado purifica as nossas carnes de penumbra
e em minha pele há um registro de perfume,
tu és o homem que ferve para sempre sob a luz dos girassóis,
o gémeo morto que acendeu os olhos
bíblicos dos pássaros

E é de lacre esta pulseira que nos cola e ossifica os tornozelos
Esta corrente em vibração subcutânea
Este cordão umbilical que nos uniu pelos canais
apodrecidos das gargantas
e costurou eternamente as nossas línguas,
uma à outra,
até que ardêssemos à sombra de abajures fascinados
como um monstro a quem chamaram
bicéfalo

Laís Araruna de Aquino | Nasceu em 1988, no Recife, onde vive. É formada em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco e Procuradora do Município do Recife. *Juventude* (Ed. Reformatório), ganhador do Prêmio Maraã de Poesia 2017, é seu livro de estreia.

morro na medida em que tenho consciência de morrer

(Bataille)

há dias em que não conheço a morte
h são dias em que estar entre coisas
não se divide entre estar e não estar entre coisas
como viver fosse o fato mais natural

a vida sem a morte é uma canção
antiga repetida sem lembrança
não falta nem evoca nada
como os campos sob um sol casto
não suscitam a não ser si mesmos

e um deitar longa e atemporalmente sobre a relva
com todas as vozes — do eu — em silêncio
e estando sedento é como estivesse saciado

entanto acontece de se viver no limiar
de algo que escapa até o fim
tornando a vida mesma um limiar indefinido

por isso na transição do dia
divisa a réstia de luz sem a nostalgia
de mais luz
e tua vida expandirá como num sopro

meu ofício

à s cinco da tarde um som de apito no ar
anunciou à rua o vendedor de doce japonês
um outro — que inusitado — cruzou comigo
meia hora mais tarde no fim do passeio
em condições ordinárias não se cruza duas vezes
com vendedores de doce japonês
hoje é um dia ordinário cortado pelo maravilhamento
como todos os dias do ano
pela manhã quando atravessava para o cais no Bairro do Recife
as águas e os céus se dividiram em duas metades
de esplêndido azul
e meu coração fundeu à-toa
junto aos barquinhos do Capiberibe
no fim da tarde eu vestia minha camisa branca
bastante usada e rasgada e gostava de que pensassem
em mim alheia às coisas materiais deste mundo
não importa mas o homem é um ser
de grandes questionamentos — inclusive dos menores
meu trabalho consiste em redigir petições
como todos os demais
entanto meu ofício é deixar o coração aberto
permanentemente

o espanto não escolhe a hora de entrar

noturno no campo n. 2

Sobre as vozes da tarde os noturnos de Chopin
antecipam o coração silencioso da noite
o som dos homens retumba demasiadamente no espaço
a porta está cerrada como uma metáfora
o dia finda e as janelas estão abertas em par
sobre cigarras latidos e trevas
eles se foram e tudo ficou amplo
mas as palmeiras tão familiares não dão alento

a hora do lobo não distingue forma e enterra o cortejo de sombras —
em alguma parte mais obscura também eu sou lobo
com a face voltada para a face ausente da noite
o sentido não importa mais, não há nada trágico no ar
sequer o prenúncio de uma espera
contemplo demoradamente a fixidez do breu
uma e outra árvore se entreveem tacitamente no horizonte
dedilho nas costelas uma canção há muito esquecida
mas escutando atentamente são pancadas fortes
que martelam dentro do corpo
o vazio escavou profundamente seu canto seco
como desta terra não houvesse salvação
(há salvação mas não para nós)
então faço um movimento para afastar o presságio
e acompanho um barulho que se perdeu longe na estrada

| poemas do livro *Juventude* (Ed. Reformatório, 2018). |

Mariana Ianelli | Nascida em São Paulo em 1979, estreou na literatura em 1999. É autora de oito livros de poesia, entre eles *Fazer silêncio* (2005), *O amor e depois* (2012) e *Tempo de voltar* (2016). Recebeu o prêmio Fundação Bunge de Literatura (antigo Moinho Santista) na categoria Juventude, menção honrosa no prêmio Casa de las Américas (Cuba) e foi quatro vezes finalista do Jabuti. Tem dois livros de crônicas, *Breves anotações sobre um tigre* (2013) e *Entre imagens para guardar* (2017). Escreve quinzenalmente aos sábados na revista digital de crônicas Rubem. Em 2018 estreou na literatura infantil com o livro *Bichos da noite*.

cave canem!

*Cave Canem! — avisa o mosaico,
secularmente precavido
e agora inútil.
(Cecília Meireles)*

Em casa o Velho Testamento
era um livro em tinta fresca.
Temor. Nojo. Fidelidade.
Era Rebeca resguardando
para Jacó as terras de Canaã,
Tamar sob o pano toda desejo,
era a noiva a irmã, a sem defeito
pele da pele de um só Líbano
cântico de mel sob a língua
e um *miserere* entre os dentes.

Eram culpadas cores quentes
culpadas flores as que se abriam
aberta a noite, aberto o livro
o luto desabotoava em festa.
Era saber cantar num coro
ou não cantar absolutamente
e só com olhos manejar noções

de guerra, afago, ritmo.
Era saber que, se bem maduro,
um grito enche de gozo uma paisagem.

Portas de um sangue pesado
e dentro mínima luz: a lentidão
das coisas graves, submersas
um lago em fundo de caverna
o soalho de tábuas de cedro
fontes, escadas, jardins internos
dédalo em rastos de perfume
corredores para acordes secretos
o vinho velho em odre velho
mais sete medos no coração das trevas.

Havia o tempo de calar
havia o tempo de gemer
e havia sempre como tempo
da alma em ganas de partir,
sempre uma fome de viagem
como de uma nova inteligência,
ganas de lâmpadas alheias
do tempo de rasgar e nascer
se separar, arrancar a planta
atirar pedras, jogar fora e perder.

Era a inebriante generosidade
do rei, seu poder de perdão
seus banquetes, todos bebendo
da mesma corrente de delícias,
todos à sombra da grande asa
estátuas, colunas e astutas
mulheres com lírio na boca
a mãe, a filha, as filhas da filha
sombrias de árvores ambíguas
de Dalila, de Jael, de Judite.

Lutava-se à noite sem barulho
(contra os estatutos, os extravios)
desejava-se o azul empírico,
o sétimo plano da perspectiva,
desejava-se a pérola distante,
um país outro, enquanto no deserto
ao lado rogava a mãe pelo filho,
pelo cotidiano do perpétuo holocausto
(para dois cordeiros perfeitos
dois décimos de flor de farinha).

Eram túmulos de vidas possíveis
como se fosse paz, como se fosse
fado um ferrolho na porta e dentro
povos de malícia, na noite da mãe
a noite do filho na noite da irmã,
cavalos domados pelo pai, o azul
marinho, o riso raro, a geometria
de espadas cruzadas que guardavam
o mel, a flor e o licor das romeiras
a fita vermelha, o leite, a água viva.

Jonas existia e o medo com ele.
Jonas fugia como quem só treme,
como quem não nasceu ainda.
Vinham Sofar, Baldad e Elifaz
ver o que é a dor de assombrados dias,
os peixes das fossas quando sobem
ao rosto, o trotar louco das palavras
que não encontram amigos, chagas
de Jó, demônios de um rei caído,
mas rei ainda em maldizer o fim da vida.

Era o dilúvio, e o dilúvio era bom,
um batismo eloquente, uma *errata*
no tempo, eram os reinos divididos
bodes, cabras, ovelhas, jumentos

e os irmãos separados
que revinham de extremos
por causa do pai, por causa dos tempos
o filho que revinha por causa da mãe,
para deitar a mãe com o pai
e os reunir na terra como fez Tobias.

Morria o rei e era como se não
morresse, era o seu nome na sarça
um fogo herdado de milênios,
o sustento da sorte, um instrumento
de corda na parede, como um prêmio
de caça, um regalo do silêncio,
e não havia fuga (nunca houve)
para um tempo isento, havia
o futuro o quanto mais distante
mais cumulado de antigamentes.

*três poemas para oratórios-bala**

*Quem não queria o rastro
de sangue.
Vai, vento, vira
a página do livro.
(Lélia Coelho Frota)*

I.

Violento é o céu sobre um mundo sem divisas
todos os campos já visitados e sofridos
um corpo limpo de ódio, sem nojo, sem ironia:
olhai os lírios do campo, olhai os campos da sangria.

II.

As crianças como pupas em embrulhos perolados
Avogando por terra em suas mínimas jangadas,
a eloquência das guerras em cúpulas bombardeadas
e mais e mais raro o pudor de secretos massacres.

III.

O ar fresco da noite no cais, a bicicleta sobre a ponte
os jogos mórbidos das fugas e dos esconderijos
o estupro, a fome, um recanto com tremoceiros roxos
e a profetisa de Rembrandt sempre curvada sobre um livro.

** Nome dado aos oratórios dos séculos XVIII e XIX, sobretudo na região de Minas Gerais, esculpidos em invólucro de bala de cartucheira ou recortados e torneados em madeira, em formato de bala, com entalhes da Sagrada Família em seu interior.*

| poemas do livro *Tempo de voltar* (Ed. ardotempo, 2016). |

Andri Carvão | Cursou Artes Plásticas na Escola Fego Camargo em Taubaté, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e na EPA — Escola Panamericana de Arte (SP). Participou do Sarau do KVA e do grupo Trem Lúdico na virada dos anos 90 para 2000. Graduando em Letras pela Universidade de São Paulo com habilitação em espanhol, o autor possui publicações nas revistas online Labirinto Literário, Libertinagem, Gueto, Aluvião, Originais Reprovados, foi colunista do site Educa2 e participou das antologias: *Gengibre — Diálogos para o coração das Putas e dos Homens Mortos, Embaçadíssima — Antologia Tirada de uma Notícia de Jornal* (ambas pela Appaloosa Books) e *7 Dias Cortando as Pontas dos Dedos — um manifesto contra o fascismo* (org. por Rojefferson Moraes. Publicou *Polifemo em Lilipute e outros contos* (Appaloosa Books), *O Poeta e a Cidade* (Coleção Breves Gueto), *Puizya Pop & outros Bagaços no Abismo* e *Marielle's* (ambos pela Scenarium). Acaba de lançar *Um Sol Para Cada Montanha — poemas de formação* (Chiado Books).

dança da chuva

Fazer uma fogueira com ossos
humanos. Assar um cão na brasa.
Comer a brasa regada a vinho.
Vinho servido numa taça feita
de um crânio canino. Vinho tinto
tipo A. Quando o fogo cessar,
apagar as brasas num jorro
de mijo comunitário. Pintar
o rosto com carvão. Encher
os bolsos de carvão. Vomitar
no rio e depois bebê-lo até o fim
para tirar o gosto ruim da boca.
Chorar e sorrir. Subir na árvore
mais alta, no alto da copa, no galho
mais fino a suportar o peso do corpo

humano. Procurar deitar o mais confortável possível. Fechar os olhos e relaxar... Soltar o corpo... Abster-se, abstrair-se e esvair-se até tombar no vazio da chama primordial.

Um raio abre uma cratera na montanha. A montanha expele e jorra seu magma, o sangue sagrado da terra. A lava escorre e mergulha na água do mar, petrificando. As rochas como icebergs, mais da metade dentro d'água, são açoitadas pela arrebentação, sob o voo e o canto das gaivotas. Nas rochas, nova morada da fauna e da flora a beira-mar, pássaros se aninham em suas frestas no alto e mais abaixo, caranguejos, aranhas e siris fazem a festa. Um homem, eu, você, nós, ou quem quer que seja, se atira da árvore de cabeça entre os rochedos. Ele desaparece por alguns instantes, tragado pelas águas do mar bravio. Mas, de repente, emerge e transpõe a barreira das ondas a braçadas até alcançar a base da rocha mais próxima. Alça-se das águas escalando o paredão, alvejado pelos respingos da arrebentação, como numa chuva de verão. No caminho pega um ovo de um ninho e o esconde no bolso da camisa. Em seguida agarra um siri e termina a escalada com a força dos dedos dos pés e segurando-se apenas com uma mão livre. Junta alguns galhos e gravetos. Acende uma tora na boca da cratera e faz

uma bela fogueira, onde se aquece
e assa o siri e o ovo na brasa.

Nosso herói adormece. O estrondo
de um trovão anuncia a chuva.
Uma sucessão de raios e trovões
anuncia a tempestade. O dia escurece.
A ventania aumenta a chama e a chuva
a apaga. O dilúvio cobre as rochas,
casa de pássaros e artrópodes.
As águas turbulentas invadem
a cratera em cascatas. O homem, eu,
você, o outro, adormece profundo,
boiando de braços e pernas abertos
como uma estrela do céu ou do mar,
calmo como nunca com as mãos
na nuca como num berço natural.

Leandro Rodrigues (1976) | Nasceu em Osasco, SP. É poeta e professor de Literatura. Lançou em 2016 o seu primeiro livro: *Aprendizagem cinza* (Editora Patuá). Participou em 2017 da antologia *Hiperconexões 3* (Editora Patuá). Em 2018 lançou seu segundo livro, *Faz sol mas eu grito* (Editora Patuá), uma homenagem à poesia de Thiago de Mello. Publicou poemas em vários sites e revistas de literatura do Brasil, Portugal, Espanha e Estados Unidos.

faz sol, mas eu grito

Para Thiago de Mello

I

fartas horas inúteis
em que tragédias são recicladas
e se moldam por entre sombras e gestos desprezíveis
molduras da tarde disforme

ela diz:

“que tempo estranho...”

Estendo as mãos ao vento
algumas gotas ácidas corroem o meu desprezo

Reinvento uns versos esquecidos e ancoo tantas embarcações
em lugar nenhum
Enquanto a nova empresa americana ergue suas cercas

Modulo o tom de voz para não gritar
Mas antes pudesse gritar.

II

ruas imóveis sangram
como essa lua vermelha
que escorre
entre os corpos desmedidos
estranhas estruturas de ossos
que sustentam ossos

aguda solidão
d'água cavando
o sólido chão

intacta simetria
de cada grito
moldado ao sol.

III

quartos, cômodos
corredores em espirais
bocas automatizam
cruas faces/membranas
em cruces
sombas esquálidas
de meninos esquecidos
nos porões
frios
sem vista para o mar.

poema de cinza chumbo

I

O pai ousou gritar nos dias cinzas de chumbo
A mãe rodava panfletos num velho mimeógrafo estéril
Nada entendíamos
Cantávamos tristes canções entre os ciprestes e as sombras.

II

Os mortos insepultos são partes da paisagem
Estão ali nas escadas
Emparedados naquele mar
Seus gritos tangem o fosso — precipícios
enferrujados elevadores do centro,
desvalidas memórias amputadas.

III

Na vala comum desses dias — ossos de um país moribundo
Rescaldos de versos enlameados
No chão que é de poucos
No mausoléu de granito o ditador com honras apodrece
Comunga avenidas e praças de desatada sangria

IV

O pai tecia longos poemas sobre a revolução
A mãe espreitava as frestas do fim do mundo
Nada entendíamos
Dormíamos entre as lápides quebradas da tarde.

antifábula n. 1

Cavas com as mãos
Cúmidas pedras do aquário
Limbos profundos onde peixes se encantam
com suas próprias sombras

Cores escorrem neutras entre os dedos

Não verificas o precipício da tarde guardada.

antifábula n. 2

Alguns rios gritam descendem
Aduas verticais penas invisíveis
Águas furtas/mudas formas
Olhos estrangeiros postados
num leito vazio
de mortos que acenam destros
disformes aguapés de abismos

Da margem esquerda
réstias de limbo traduzem
O cão velho que sangra cinza à beira

Do nada ao centro,
na profundidade da tarde extinta

Emaranhadas vozes,
palavras despidas de silêncios e silêncio.

| poemas do livro *Faz sol mas eu grito* (Editora Patuá, 2018). |

José Pascoal | Portugal, Torres Vedras, 1953.
Bibliografia poética activa: *Sob Este Título*, 2017,
Antídotos, 2018, *Excertos Incertos*, 2018, todos
publicados pela Editorial Minerva, Lisboa. Inéditos nas
revistas digitais 7faces e Triplov — site dedicado a
Ernesto de Sousa. Mantém o blogue Gazeta de
Poesia Inédita. Membro da Associação Portuguesa de
Escritores.

os amigos platónicos

Os amigos não servem para as ocasiões.
Os amigos não servem.
Os amigos mandam.

Mandam flores.
Mandam recados.
Mandam com mão leve.
Educados.

Grande coisa, a amizade
E a liberdade
De (não) ter amigos
De verdade.

dia de trabalho na capital

Em ruas de Lisboa
De que não sei o nome
Passam-se coisas muito estranhas.

Voam jornais velhos, facas e alguidares.
Passam, mesmo, camelos
Pelo buraco da agulha.

E vem gente de muito lugar
E muito cedo
Nos comboios do Rossio e de Santa Apolónia.

Voam jornais velhos, facas e alguidares.
Passam, mesmo, aves
Como no soneto de Sá de Miranda.

Que estranhas coisas se passam em Lisboa.

dois rapazes

Dois rapazes discutem Parménides
Em plena livraria.
Pura perda de tempo.
Descobrirão mais tarde.

Ao mesmo tempo, manifestam o desejo
De ler Santo Agostinho
No original.
Não lhes faz mal.

Também já fui de bicicleta
Aos Alpes do pensamento.

a pedra no sapato

Se tens a pedra no sapato,
Não chores o leite derramado,
Olha bem o dente a cavalo dado,
Não te percas no mato.

Isto, em sentido lato,
Com música de fado,
Letra de encapuzado
E paciência de gato.

Se não tens, deita-te a correr
Estrada fora,
Feito pedra rolante.

Pois, chegarás a ver,
Perto da aurora,
Os pés de barro dum gigante.

embora as folhas caiam

Emhora as folhas caiam,
Os pássaros do Outono voam
Em círculos que anunciam
A chegada do Inverno.

Ao longo do caminho,
Espalho as minhas pedras,
Escolho os meus motivos,
Espero por melhores dias.

A cada passo, encontro
Uma flor esquecida
Pela voragem do Verão.

A cada passo, invoco
Da tua face escondida
O nome em vão.

Sílvia Simone Anspach | Concluiu o doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1987, com bolsa Fulbright para visiting scholar and faculty na University of North Carolina. Mestre em Linguística Aplicada na University of Reading em 1981, Sílvia tem formação em Psicanálise e especialização em Psicologia Analítica. Foi professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) de 1981 a 2007 e atualmente leciona e orienta trabalhos científicos no curso de Pós Graduação em Arte Integrativa do Centro de Estudos Universais (Anhembí-Laureate University). Recebeu diversos prêmios e/ou homenagens, é autora de livros e no presente momento trabalha no eixo Brasil-Estados Unidos, atuando em comissões julgadoras e como palestrante em assuntos de Criação Literária e Post Colonial Literature.

dedicado a Irena Sandler

Salvadores e santos estão em falta no mercado.
Neste mundo, marcado e maculado pela fama,
Narciso, em seu espelho se contempla,
Vaidades e vãs coisas se consomem,
A fome a injustiça se consumam.

Poucos anjos habitam o gueto de Varsóvia,
os campos de concentração de toda a Terra.
Irena abre as asas sobre o mundo.
Enquanto Narciso se afoga refletido
no espelho — branca imagem ariana,
Miragem que ilude e que engana,
O Anjo de Varsóvia desafia
A vil tortura, delírio hitleriano de loucura.
A Irena o Futuro se confia.
Mãe anônima, heroica fada de bondade,
Filhos da guerra resgata da orfandade,
À saga do Êxodo, dá continuidade,

À raça do povo escolhido, eternidade.
Mutilada e aviltada, sua carne em fé insiste,
Quase um século atravessa — o Espírito persiste.

No breve espaço-tempo destes versos
O lapso e os laivos desta chama
Tributo e reverência a esta divina-humana dama
Resistência à escória, do mal desmemória
Transfiguração do drama vil
Em luminosa História.
Seu nome sagrado brota e cresce:
Folha, fruto e flor de estéril solo
Tem aroma de amor,
Eterno verde. Perene aroma: Verbena. Irena.

Ricardo Silvestrin | Autor de dez livros de poesia, um livro de contos, um romance e oito livros de poesia infantil. É músico e lançou o EP Duk7. Também integra a banda os poETs. É formado em Letras pela UFRGS. Site: <http://www.ricardosilvestrin.com.br/>

paisagem nº 3

a
inda não é noite
mas o sol já se foi
o canto esparso dos pássaros
reivindica o último azul
a célula fotoelétrica na beira da casa
os postes ao longe ao longo da rua
acendem ao comando da primeira estrela

logo o mar reflete a lua
deserto da agitação dos banhistas
ensimesmado, mar calmo, profundo
faz seu acerto de contas, de conchas
de ondas e ondas e espuma

um trilho de prata entre as vagas
sobre ele caminha lemanjá
mas vai tão pequena
de manto azul noite
que nenhum telescópio consegue enxergar

só o pescador que lançou sua rede
o boto, a enguia
e mesmo a estrela do mar (estrela-guia)
vão dizer — salve, dona das águas,
salve, nossa rainha!

s/título

mais um passarinho
que eu não conhecia
canta no poste
e quase digo:
bom dia

o rabo-de-palha
pousa ao seu lado
e faz coro
esse é velho conhecido
se não é o mesmo
é muito parecido

chega um de peito amarelo
com canto estridente
um canto-martelo
no ouvido da gente

ficam os três
por segundos
cantando
como não subo
saem voando

s/título

dois ritmos em disputa
o mar e meu pensamento
o mar maior
logo vence a luta
e me sento lento lendo

no imenso silêncio
que se abre por dentro

o canto do pássaro
o canto do vento
o tempo desacelerando
momento a momento

a Terra é redonda, comprovo
há céu por todo lado
tudo termina e começa de novo
na velocidade da onda

pego a estrada
e volto à metrópole
(depois de oito dias)
eu
que de mais nada precisava
além de conchas e quilhas
estou outra vez cheio
de quinquilharias

quando um mar de afazeres
invadir a hora pequena
trouxe na memória uma cena
pra acalmar minha ira:
deixo a onda passar
enterrado na areia
como vi fazer
a tatuíra

bate e volta

1 (09:50/11:30)

entramos na cidade pelo mar
lá do alto eu via
a faixa de areia
o planisfério vivo

ruas riscadas e casas
até que os edifícios se erguiam
mas não roçavam nossas asas

viemos do oceano
das montanhas
vagamos entres nuvens fantasmas

com olhos fartos de azul
descemos do céu
o que, constatamos,
não é privilégio de deus

2 (20:50/22:30)

quero levar estas jóias para minha esposa
imenso porta-jóias luzindo
contra o céu escuro
veja, Thomas Edson, aqui de cima
com quantas lâmpadas se faz uma cidade
com quantos desconhecidos se faz uma nação
com quantas estrelas se faz o infinito

e com uma gota de sol se acende uma lua

veja, Santos Dumont, o passageiro ao meu lado
adormece coma biografia de Steve Jobs no colo
e nem vai lembrar de você
quando estivermos no solo

| poemas do livro *Metal* (Editora Artes & Ofícios, 2013). |

Ronaldo Cagiano | Mineiro de Cataguases, viveu em Brasília e São Paulo e reside atualmente em Lisboa. É autor, dentre outros, de *Dezembro indigesto* (Contos — Prêmio Brasília de Produção Literária 2001), *O sol nas feridas* (Poesia, Ed. Dobra, Finalista do Prêmio Portugal Telecom 2012), *Observatório do caos* (Poesia, Ed. Patuá, 2016) e *Eles não moram mais aqui* (Contos, Ed. Patuá, Prêmio Jabuti 2016).

dois poemas inéditos

**CONVERSA COM MURILO MENDES,
DEPOIS DE LER *NUNCA HOUVE TANTO FIM COMO AGORA*,
DE EVANDRO AFFONSO FERREIRA
(AO SOM DE BILLIE HOLIDAY)**

*trouxe tanta coisa para o poema
que acabei por me confundir:
fiquei desconfortavelmente sentado
logo após o ponto final*
(Rui Tinoco)

A poesia está em pânico, Murilo,
diante desse mundo
e seu quartel de demônios.

Penso em Almodóvar
enquanto minhas mãos fatigadas
enchem uma bacia de esterco
para adubar novas dúvidas.

Penso em Kiarostami
enquanto Deus não se envergonha
de suas núpcias com o silêncio:

não sabe o nome das coisas
não sabe o peso da vida
não socorre a mulher que será apedrejada em Teerã
negligente com o festim das guilhotinas

surdo à algazarra dos bárbaros
cego diante dos coturnos de 64
ouvidos moucos aos dissidentes de Kadafi
impassível à germinação da morte

e não percebe que,
nessa cordilheira de livros
há mais vida que nas igrejas
 nos palácios
 na justiça

que em cada canto do planeta
explodem cogumelos de ofensas

E eu penso em Ginsberg,
enquanto me sinto nômade
nesse mar absoluto
de tristezas renovadas

e uivo nas esquinas do inferno
comendo das pastagens fúnebres
enquanto na noite ocidental
um silencioso vírus
desintegra a ética
e blasfema contra
toda existência

Sim, Murilo,
estamos vestidos de alfabetos
mas não descobrimos nossas culpas
não conseguimos nomear nossos delitos

a vida passa por nós,
como o rio Paraibuna que
atravessa Juiz de Fora
sem olhar para os lados

Indiferentes como ele,
entramos e saímos
como água esquiva
serpenteando entre ruínas
zigzague líquido tentando renunciar
ao esquecimento.

Quantos cultivam lírios
em autárquicos vasos de plástico
eles não sabem que a política
ou é parálitica
ou é criminosa

O amor
repatriado tantas vezes
não nos salvou dos esgotos
nem cauterizou nossos desgostos.

O dia começa a clarear
abraço de novo o calendário
e não sei que dia é hoje,

mas
enquanto escrevo poemas no vazio
o pensamento,
animal estropiado e sem rumo,
leva-me até Win Wenders
ou me mostra
os relógios derretidos de Dali

E o vento
que em algum lugar
(será em Damasco? será na Faixa de Gaza?)
tateia os morros
e segue seu curso penteando os arrozais,
ensina que há de ter nome
a bile incontida dos meus atos

Contemplo a cidade (uma estufa, uma salmoura):
e sua falta de rumo nas coisas

observo os homens:
estão sisudos, inertes, detidos, incomunicáveis
picados pela mosca da indiferença

Olho dentro dos ônibus, táxis, automóveis, metrô:
carruagens de manequins

As ruas e suas vísceras
As avenidas e seus coágulos
As praças e suas próteses

O asfalto obturado
(imune à súbita flor que o perfura)
expõe os delgados caminhos da solidão
nessa ilha venenosa e incurável
em que escre
vamos.

VARIAÇÃO SOBRE UM POEMA DE MARÇAL AQUINO

para Adeilton Lima

O outro dia
faleceu a puta mais antiga
da cidade.
Devorada por um câncer,
a quimioterapia rareou seus cabelos
impingiu-lhe uma face esquelada
e a boca semi-aberta e murcha
realçava a minúscula
povoação de dentes.
Seu tempo, um rol de incertezas.
Sua vagina, um cemitério de espermatozoides.

Jamais reclamou da sorte,
não teve patrão nem FGTS
não falava mal dos políticos
respeitava as religiões
pagava as contas em dia
mas desconhecia o que foi
o maio de 68.

Em certa manhã de primavera
viram-na contemplando
os *flamboyants* da Avenida
como uma dama num quadro de Van Gogh.
Em um Natal distante
levou presentes às crianças do Orfanato
e assistiu à Missa do Galo
indiferente ao aço dos olhares
à labareda dos comentários.
Gostava de jogar na loteria
na esperança de mudar de vida.
Enquanto seu enterro atravessava a cidade
o comércio não baixou as portas
um taxista palitava os dentes
um mendigo inventariava uma lixeira
o engraxate sentado na barbearia
observava o comboio ferroviário
que invadia a cidade feito uma língua metálica
como tantas foram as que lhe roçaram a buceta.
Falavam que ela era amante
de um mandachuva da política
mas nunca frequentou os clubes
não saiu na coluna social
nem recebia convites
para as solenidades da prefeitura.
Restaram-lhe tantas rugas
crateras de celulites
feixes de pelancas pelo corpo,
corolário das entregas
mas se importava mesmo

é com as cicatrizes na alma.
Votou sempre na Arena, mas amava JK
não sabia o que era estadista
mas chorou no suicídio de Vargas
tinha medo de comunista
ajudava ao asilo de idosos
não passava debaixo de escada
mas se confessava aos domingos.
Dizem que emprestava dinheiro
detestava a servidão de gigolôs
acompanhava a novela das oito
era viciada em cibalena
e guardava um serrote,
lembrança do pai marceneiro.
Se amores teve, nunca disse seus nomes,
mas a foto de um galego de chapéu
dividindo espaço na penteadeira
com batons, esmaltes e brincos,
falava dos caminhos de um coração
tão distantes como a esperança
que sempre a desacompanhou.
Morreu sem nenhuma presença
sem vela nem orações
a puta mais antiga da cidade.
Mas a enfermidade
da qual nunca se livrou
foi uma tristeza
escondida em suas vísceras,
a jornada na náusea da noite.
Um dia alguém quis saber
por que não teve marido nem filhos.
Outro, a razão de sorrir com tanta facilidade
apesar de seus desertos.
Mas de si não escondia
que a rotina e a maternidade
e uma vida feliz na COHAB
trariam o desgosto e o inferno.

Preferiu a rotatividade das camisinhas
e os gemidos clandestinos
a trocar fraldas e ouvir choros.
E sua coleção de *Sétimo Céu*
empanturrando as gavetas
tinha mais vida que a realidade.
Findou junto com o século a puta mais velha da cidade,
sem conhecer o novo milênio
sem testemunhar o 11 de setembro
nem os terremotos do Japão
e também não sabia
que na Abbey Road, em Londres,
há a faixa de pedestres mais famosa do mundo,
mas dentro dela outras
tragédias se passaram.
Morreu num dia sem jogo
com botequins vazios
e as unhas por fazer
sem meninos brincando na rua
sem foguetes estourando nas vilas
e os porcos de dona Alzira
cevando no chiqueiro.
Numa tarde comum
com a solidão de nuvens carregadas
roupas mergulhadas no anil
a felicidade apequenada nos becos
que impunham aquele mesmo vazio
com que as árvores
sabotam as ruas no outono
e desfolham a alegria das meretrizes.

Ramon Nunes Mello (Araruama/RJ, 1984) | Poeta, escritor, jornalista. É autor dos livros de poemas *Vinis mofados* (2009); *Poemas tirados de notícias de jornal* (2011) e *Há um mar no fundo de cada sonho* (2016). Publicou o infantil *A menina que queria ser árvore* (2018), em parceria com o artista André Cortês. Organizou, entre outras obras, *Ney Matogrosso — Vira-Lata de Raça* (2018), *Escolhas* (2009), uma autobiografia intelectual de Heloisa Buarque de Hollanda, com quem coorganizou *Enter, antologia digital* (2009); em parceria com Marcio Debellian, *Maria Bethânia guerreira guerrilha* (2011), de Reynaldo Jardim; e *Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv / aids* (2018).

três poemas inéditos

CANTO SOBRE AS RUÍNAS DA CIDADE (OU CLAMOR AO POVO DA MATA)

para Amora Pera e Pedro Rocha

no meio do rio
enxergamos apenas os
escombros de uma cidade em ruínas
onde dançamos nosso medo e
revolta

sem saber

para onde ir?

o poeta dançarino
foge para o coração da mata
clama por proteção
oke oke oxóssi

caboclo senhor da floresta
abra um caminho de
autocompreensão
entre os restos de
nós mesmos

sem rumo nem memória

vagamos

entre as cinzas
de um futuro incerto
agora com o arco e flecha
na mão
o poeta cantador toca seus tambores
para chamar o povo de rua
o povo nas ruas
traz a história no verso
no canto no grito
ri ro ewá

bela virgem rainha do céu estrelado
e do cosmos que xangô se apaixonou
senhora da vidência e criatividade
mãe floresta levante a força
do feminino
nossos sonhos de séculos
não estão destruídos
cada mosaico dessa história
está em suas
raízes

procuramos a terceira margem
do rio pensamos que

estamos sós

até ouvir seu canto
como uma oração

de resistência

MICRO UTOPIAS EFÊMERAS E TEMPORÁRIAS (OU O VOO DE UMA BORBOLETA AO MEIO DIA)

para Guilherme Zarvos

Uma borboleta entrou na sala, ao meio dia, mas todos estavam muito ocupados para enxergá-la chegou devagar, batendo suas asas coloridas, sobrevoou o computador da diva, que assistia vídeos de instrução de crochê pousou por alguns segundos na mesa da flávia, sobre as flores quase pálidas com a tristeza da longa semana era um voo fora do tempo, lento, cantava algo incompreensível, mas ana paula conseguiu ouvir, sorriu para christine em cumplicidade de quem confia um segredo de vidas passadas porem, uma borboleta entrou na sala, gritei levantei, gritei, disse que é impossível continuarmos assim, ou vamos adoecer um silêncio foi criado a minha volta ainda assim ninguém enxergou a borboleta, a cada bater de asas abria-se uma janela no tempo, enxerguei algo que não sei descrever, sei apenas que era belo e colorido parei em uma imagem, dançávamos sobre os escombros, dançávamos e chorávamos entre as ruínas do nono andar do prédio o que faz aqui, como ousa dançar entre nós? planilhas, prazos e previsões do mês, tudo picotado diante da beleza de uma borboleta olha, leila, ela está cantando aquela canção escuta o que é aquele desenho em sua asa? será que pode me levar para longe daqui? ouço batidas de um tambor, era o andré, em seu retiro silêncio, o douglas na aldeia afukuri subi na mesa, gritei: uma borboleta entrou na sala está aqui, a dançar e cantar entre nós cantar? sim, ela canta vozes de um outro tempo de repente, parou sobre meu ombro

não consegui reagir
uma borboleta pousou sobre mim
dancei naquela sessão, entre os nossos medos, dancei
e parti com ela, em pleno voo
eram tantas verdades, tantas bandeiras, que ninguém se deu conta
da borboleta, e de mim.

**EU SOU UMA IDEIA
A EPOPEIA DE UM PRESIDENTE PRESO POLÍTICO**

EU SAIREI

dessa

MAIOR MAIS FORTE MAIS VERDADEIRO E INOCENTE
porque eu quero cobrar que eles é que cometeram

um crime

CRIME POLÍTICO

perseguirumhomemquetemcinquentaanosdehistóriapolítica

eu sou o

ÚNICO

que sou processado por um apartamento que não é meu

NÃO OS PERDOO

por ter passado

para a sociedade a ideia de que sou um

ladrão

(LULA LADRÃO ROUBOU MEU CORAÇÃO!)

quanto mais me atacarem

MAIS CRESCE

minha relação com

O POVO BRASILEIRO

sonho de consumo deles é

que eu não seja

CANDIDATO

o outro é a foto da minha prisão

imagino o tesão
da veja
da globo
eles vão ter orgasmos múltiplos
crime?
colocar pobre na universidade
negro na universidade pobre comprar carro
pobre andar de avião
(LULA LIVRE!)
se esse é o crime que eu cometi eu vou continuar sendo criminoso
EU VOU FAZER MUITO MAIS

tenho a impressão que
SOU UM CONSTRUTOR DE SONHO

EU SONHEI

que era possível governar esse país
envolvendo milhões e milhões de pessoas
POBRES NA ECONOMIA
envolvendo milhões de pessoas nas universidades
criando milhões e milhões de empregos nesse país

EU SONHEI
que era possível
um metalúrgico sem diploma de universidade
cuidar mais da educação do que
os diplomados e concursados que governam esse país
(LULA LIVRE!)

EU SONHEI
que era possível a gente
diminuir
a mortalidade infantil
levando leite feijão arroz
para que as crianças pudessem comer
todos os dias
EU SONHEI

que era possível pegar os estudantes
de periferia
e colocar NAS MELHORES UNIVERSIDADES desse país
para que a gente não tenha
juiz e procurador
só da elite
daqui a pouco nós vamos ter
juízes e procuradores nascidos na favela de heliópolis
nascido em itaquera nascido na
periferia

VAMOS TER MUITA GENTE
dos SEM TERRA DO MST DA CUT formado
esse crime eu cometi
(LULA LIVRE!)
não é fácil o que sofre minha família
o momento de
MAIOR INDIGNAÇÃO QUE UM SER HUMANO VIVE
não é fácil
que sofrem meus filhos não é fácil
o que sofreu
MARISA
a antecipação da morte foi
SAFADEZA & SACANAGEM
IMPrensa & MINISTÉRIO PÚBLICO
fizeram contra ela
EU TENHO CERTEZA
companheiros
RESOLVI LEVANTAR A CABEÇA

TRF-4 MORO LAVA JATO GLOBO
têm um sonho de consumo

O GOLPE

(LULA LIVRE!)
não terminou

com
DILMA
O GOLPE
só vai concluir quando
convencer que o LULA não possa ser candidato da
REPÚBLICA em 2018

(LULA LIVRE!)
ELES NÃO QUEREM O LULA

o sonho de consumo deles é a fotografia do Lula preso
eles decretaram
minha prisão
EU VOU ATENDER O MANDADO DELES
eu vou atender
porque eu quero fazer a transferência da responsabilidade
eles não sabem que
O PROBLEMA DESSE PAÍS NÃO SE CHAMA LULA
o problema desse país
A CONSCIÊNCIA DO POVO
partido dos
trabalhadores pc do b mst mtst

eu não pararei
porque eu não sou mais um ser humano

EU SOU UMA IDEIA

misturada
com a ideia de
vocês
eu vou cumprir o mandado
vocês vão ter que se transformar
cada um de
vocês
(LULA LIVRE!)
não vão mais chamar

chiquinha joãozinho zezinho robertinho
TODOS VOCÊS
daqui pra frente
VÃO VIRAR LULA
e vão andar por esse país

quantos mais dias eles me deixarem lá
mais
LULA VAI NASCER NESSE PAÍS
mais gente vai querer brigar
porque
DEMOCRACIA NÃO TEM LIMITE

(LULA LIVRE!)

eu não estou
[escondido]
eu vou lá na barba deles
não tenho medo
não vou correr
VOU PROVAR A MINHA INOCÊNCIA

(LULA LIVRE! LULA LIVRE! LULA LIVRE!)

Luiz Inácio LULA-LIVRE da Silva

Brasil, 07 de abril de 2018

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, São Paulo,
durante ato em homenagem à ex-primeira-dama Marisa Letícia

tradução



r.l.almeida | Atua em plataformas de som, filme, dramaturgia e literatura. Professor em tempo integral, é pesquisador em línguas e literaturas como aluno ouvinte em programas de pós-graduação, e também agente cultural pela Prefeitura Municipal de São Carlos. Bacharel em Letras e Literatura pela UNESP/FCLAr, em sua produção junta o apreço pelo texto às outras plataformas. Estreou em tradução em 2010 com *Rolúdi*, de Charles Bukowski.

“Paperback writer”, 1966. John Lennon & Paul McCartney

*D*ear Sir or Madam, will you read my book
It took me years to write, will you take a look?
It's based on a novel by a man named Lear and I need a job
So I want to be a paperback writer!

*It's a dirty story of a dirty man
And his clinging wife doesn't understand
His son is working for the Daily Mail, it's a steady job
But he wants to be a paperback writer!*

*It's a thousand pages, give or take a few
I'll be writing more in a week or two,
I can make it longer if you like the stile, but I need a break
And I want to be a paperback writer!*

“Escritor barato”. Outono de 2018. r.l.almeida @846r3

Senhoras e senhores levei tempo pra escrever
Está aqui meu livro, será que já viram vender?
É adaptação de teatro de um tal de rei Lear,
Preciso de um trabalho mas só sei ser é escritor barato

É uma história suja cheia de traição
A esposa e duas filhas o trancam, louco, no porão!
O filho dele, ele trabalhava no jornal
Um trabalho legal e ele larga tudo e vai ser escritor barato

Tem um milhar de folhas não pode pular nenhuma
Levo um tanto de tempo para escrever mais algumas
Posso aumentar os capítulos se lhe agradar uma porção
Escrevo qualquer outra coisa se for pra ser escritor barato

sobre o projeto

Numa proposta de quebrar o código em que foi escrito, levando junto a regra que só é possível cantar o velho e bom rocknroll se você sabe inglês, é que surgiu a motivação para traduzir para o português as **193 músicas da banda de rock britânico The Beatles**. Para o processo, que levou mais de 5 anos em imersão com os discos de estúdio, foram utilizadas as ferramentas da transcrição dos irmãos Campos, a teoria literária de Ezra Pound, e as experiências em língua portuguesa de Eduardo Bueno, Antonio Bivar e Lúcia Brito com o *Pé na estrada*, de Jacques Kerouac, e do professor Donald Schuler, com o *Finícius revém*, de James Joyce, e as várias versões em português das *Flores do Mal*: o que diferencia estes trabalhos é a excelência na tradução de um texto completo. Ainda, como baliza do processo, também foi feita uma primeira versão em português de outros musicistas, peças soltas da produção de Jimmy Hendrix, David Bowie, Bob Dylan, Bob Marley e Pink Floyd. Experiências livres, sem levar em consideração o contexto da peça que está inserido: o fonograma comercial.

sobre a música

“Paperback writer” é uma canção da dupla Paul McCartney e John Lennon, com primeira gravação no single de 1966. Foi canção-título do single, dividindo o disco com “Rain”, outra canção que também nunca chegou a nenhum dos 13 discos que o grupo The Beatles lançou, durante sua existência. A música tem 2 min e 25 s de duração, e é composta de refrão-nome da faixa, e três versos, em que se discorre o cotidiano do mais simples ao mais erudito literófilo, que também é escritor: a dicotomia escritor X leitor.

É uma alusão aos primeiros anos de formação da banda, quando estavam em turnê pelos bares de Hamburgo, na Reeperbahn. “Paperback” é o que está nas ruas, e a mais barata encadernação do mercado, tendo em mente a relação custo/benefício na impressão de folhetins. E de enlatados. O “escritor barato”, no caso, é a figura do que escreve muito, prolixamente, sem um motivo maior do que as moedas do soldo. Aqui, ele pirateia até mesmo Shakespeare. Ou melhor dizendo: ele começa sua jornada com isto.

Site: <https://pilulasdeperolasliterarias.wordpress.com/>

gueto entrevista



Laís Araruna de Aquino | Nasceu em 1988, no Recife, onde vive. É formada em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco e Procuradora do Município do Recife. *Juventude* (Ed. Reformatório, 2018), ganhador do Prêmio Maraã de Poesia 2017, é seu livro de estreia.

1. Para começar, conta um pouco sobre o livro *Juventude*, ganhador do Prêmio Maraã de Poesia 2017, publicado recentemente.

Juventude reúne poemas que escrevi até o final de 2017, quando, então, submeti o conjunto ao Prêmio Maraã de Poesia. Os poemas não têm uma identidade temática definida, mas todos se relacionam diretamente a meu espaço de experiência e, indiretamente, às questões filosófico-existenciais que me acudiram no período (deus, mortalidade, o ser, o nada e à consciência) — e das quais nunca nos livramos.

Trata-se, no mais das vezes, de reabilitar as minhas próprias vivências à luz do sopro da poesia, como se da província ou de um sujeito que se confunde com sua província pudesse exsurgir o sentimento do universal.

Fazendo um paralelo, Clyfford Still, pintor de quem gosto bastante, disse algo que — entendo — se aplica aos meus poemas: “Quando eu exponho uma pintura, eu gostaria que dissesse: ‘aqui estou eu: esta é minha presença, meus sentimentos, eu mesmo’”.

2. Como costuma ser seu processo de criação?

Não tenho uma rotina pré-definida sobre como e quando vou escrever. Como disse Ferreira Gullar, somente escrevo — ou me proponho a escrever — quando sou tomada pelo espanto. Quando isto ocorre, posso levar dias ou, às vezes, meses escrevendo um único poema, para que fique com uma forma que considero aceitável.

3. E como foi o processo de criação com Juventude?

Os poemas desse livro seguem o que falei acima. No entanto, os mais antigos têm certa liberdade de forma que hoje não consigo reproduzir. Escrever torna-se, a cada vez, mais difícil, porque temo a repetição.

No entanto, é certo, se eu buscasse uma “originalidade” a cada poema, teria de permanecer em silêncio. Como vejo as coisas, tudo já foi escrito e a busca de uma subjetividade criadora é um mito.

Agora, uma anedota. Duchamp passou 20 anos sem realizar uma obra, porque disse, várias vezes, que não tinha mais ideias e não queria se repetir. Talvez, se eu levasse isto a sério, não escrevesse mais nada. No entanto, escrever é uma exigência: é uma forma de expressão pessoal de que não posso me livrar.

No entanto, se, do ponto de vista do processo de escrita, é mais ou menos assim, do ponto de vista do mundo, não. Como falou Szyborska no seu discurso do Nobel, contrariando o Eclesiastes, tudo é novo sob o sol.

Isto é, a apreensão do mundo — este *locus* onde os homens são vistos e ouvidos, desde uma posição não intercambiável — sempre está a mudar, já que a ação — e o discurso — instaura novos começos, cujos resultados não são previsíveis. Além disso, citando um poema, “a madeira desbota e os teus cabelos vão a cinza”. Trata-se do devir em que todos estamos mergulhados.

4. Já tem um novo projeto em mente? Qual é? Ou costuma dar um intervalo na escrita entre um livro e outro?

Juventude é meu primeiro livro. Eu não parei de escrever desde que comecei. Já possuo vários poemas novos, que, segundo espero, comporão um segundo livro — a se chamar, provisoriamente, *Madureza*.

Como disse antes, se um intervalo surge, é porque, nesse tempo, não fui sacudida pelo espanto — ou tive preguiça de trabalhar sobre uma imagem ou uma ideia.

5. O que você diria para quem está começando a escrever? Por que você começou a escrever?

Comecei a escrever porque sentia uma exigência que me impelia a tanto. Acho que Mark Rothko estava certo quando disse existir uma “necessidade biológica de se exprimir”. Quando escrevo, desejo que o resultado seja um prolongamento de mim no mundo — mesmo que ninguém leia ou venha a conhecer o poema.

O poema exige ser lido, mas não precisa, necessariamente, de fato, ser lido.

Acho que não tenho nada de relevante para dizer a quem começou a escrever. A não ser para se arriscar nessa aventura.



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo